

THE WORLD'S MOST DANGEROUS SECRET SOCIETIES

The Illuminati, Freemasons, Bilderberg
Group, Knights Templar, The Jesuits,
Skull And Bones And Others



JAMES JACKSON

Os Mais Perigosos do Mundo sociedades secretas

Os Illuminati, Maçons, Grupo Bilderberg,
Cavaleiros Templários, Os Jesuítas, Caveira e Ossos e
Outros

James Jackson

Copyright 2015 por Make Profits Easy
LLC profitdaily123@aol.com

Índice

Introdução

Capítulo Um: OS HASHHASHINS

Capítulo Dois: OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

Capítulo Três: OS ILUMINATI

Capítulo Quatro: MAÇONARIA

Capítulo Cinco: A COMISSÃO TRILATERAL E A
GRUPO BILDERBERG

Capítulo Seis: CONSELHO DE RELAÇÕES EXTERNAS

Capítulo Sete: CRÂNIA E OSSOS

Capítulo Oito: O COMITÊ DOS 300

Capítulo Nove: Bosque Boêmio

Capítulo Dez: A SOCIEDADE DOS JESUÍTAS

Posfácio

Introdução

Sociedades secretas. Para alguns, o nome evoca a imagem de um ser sombrio e cabala de elite reunida atrás de salas cheias de fumaça, discutindo táticas de dominação mundial e manipulação diretamente do thriller de espionagem mais rebuscado. Para outros, a imagem de homens isolados (e ocasionalmente mulheres!) reunindo-se em trajes exóticos para realizar cerimônias coloridas e transmitir conhecimentos ocultos e títulos extravagantes, mas incompreensíveis, vem à mente. E para outros, uma invenção fantasiosa e complicada da imaginação surgida apenas das mentes mais paranóicas e incrédulas é evocada pelo título.

Mas quão rebuscada e fantasiosa é a perspectiva de uma sociedade secreta? Será que anda entre nós, em qualquer escalão da população, grupos dados a exercer uma quantidade desordenada de poder e influência sobre o resto de nós? Esses clubes exóticos exclusivos para membros poderiam realmente representar uma ameaça tão imediata ao nosso bem-estar que nosso próprio modo de vida está em perigo? Em que ponto o meramente colorido, misterioso ou iludido resulta em assassinato, mortes misteriosas, desaparecimentos sem resposta, crime, extorsão, controle e, em alguns casos, poder total e absoluto?

A lógica e a história por trás das sociedades secretas foram amplamente abordadas em trabalhos gerais sobre o assunto - alguns puramente especulativos, outros trabalhos de conjecturas selvagens e até mesmo alguns que foram meticulosamente pesquisados e documentados. No entanto, poucos demonstram adequadamente os efeitos desses grupos na sociedade em geral. E com muito bom motivo. Uma sociedade secreta, por sua própria definição, é um grupo que possui segredos; seja conducente à sua doutrina ou estrutura interna, exercido como uma ameaça ou mesmo uma recompensa para manter o controle sobre seus membros, ou resultante de atividades clandestinas que apresentariam um dano claro e presente ao mundo como um todo, caso fossem reveladas. No entanto, essa definição abrange toda uma gama de grupos e práticas, desde o trote relativamente leve e inofensivo praticado por milhares de fraternidades universitárias em todo o mundo até cartéis do crime organizado e até gangues de rua de baixo escalão. O que há na sociedade secreta de lendas e tradições populares que continua a ter tanto apelo - e tanto perigo - para inúmeros indivíduos em suas vidas diárias que diferencia essas entidades sombrias de suas contrapartes mais visíveis?

Mais informações – e subsequentemente, mais *desinformação deliberada* – publicado nos últimos anos do que em qualquer outro momento. Com o advento da internet como meio dominante de comunicação, os custos e riscos de revelar as táticas e metodologias de organizações anteriormente “arcanas” diminuíram muito. A qualquer momento, o investigador dedicado pode clicar em um número infinito de sites, revelando uma cadeia de associações incrivelmente complexa que, na maioria das vezes, serve para confundir e desorientar todos, exceto os investigadores mais firmes.

Alguns foram adequadamente revelados como fraudes - a fraude do século 19 instigada por Leo Taxil em relação à indescritível “Ordem do Palladium” vem à mente. Outros são totalmente invenções de lendas urbanas que resultaram em uma série de coincidências bizarras e links tortuosos – o suposto “Movimento dos Quatro Pi” aludido por Maury Terry em seu livro best-seller *The Ultimate Evil* é um desses exemplos proeminentes. No entanto, outros ainda foram pesquisados de maneira tão adequada, apresentados com tanta habilidade e cujas coincidências são tão improváveis que não podemos deixar de colocar plena fé na veracidade de pelo menos *algumas* dessas afirmações. Talvez separar o fato da fantasia seja um dos maiores dilemas ao narrar adequadamente o perigo de uma sociedade secreta. E talvez esse seja apenas um dos objetivos de sua operação efetiva.

O medo da repercussão está no cerne da ocultação e dos mistérios de uma sociedade secreta. E com boa causa. Muitos desses grupos se baseiam em princípios ideológicos que não apenas são firmemente aceitos pela convenção popular, mas em alguns casos, diametralmente *opostos* a ela – princípios que em tempos não tão distantes eram punidos com perseguição e até morte. Em nossos tempos mais céticos e materialistas, somos levados a considerar o mundo das aparências apenas pelo valor de face, como ipso facto. Esquecemos de lembrar que, para muitos de nossos ancestrais, o mundo das aparências – o mundo fenomenológico como o conhecemos – era uma alegoria que aludia a verdades muito mais profundas, quase incompreensivelmente profundas, que moldavam nosso pensamento de maneiras radicais. Esse elo está no cerne do aforismo hermético frequentemente citado: “Assim como em cima, assim embaixo”. Voando em face da Igreja oficial e das formas de discurso governadas pelo Estado, os adeptos podiam arriscar as formas mais terríveis de perseguição apenas por arriscar essas opiniões e, posteriormente, tiveram que trabalhar sob o manto do sigilo estrito, sendo levados à clandestinidade no face a reformas e inquisições onde fermentaram, muitas vezes forjando laços uns com os outros e desenvolvendo um conhecimento altamente duvidoso e complexo.

No entanto, por mais que possamos zombar dessas formas "místicas" e não sofisticadas de pensamento mágico, esquecemos de lembrar que muitos de seus adeptos influenciaram o mundo de maneiras dramáticas. O filósofo grego Pitágoras, a quem se atribui a introdução dos teoremas geométricos no mundo, era um desses membros de uma "escola de mistério" – na verdade, uma sociedade secreta onde a revelação de segredos era punível com a morte. O estudioso elisabetano, mágico e astrólogo da corte da Rainha Elizabeth I, John Dee foi um desses proponentes do pensamento hermético, e seu conselho à Rainha Elizabeth sobre a invasão da Armada Espanhola em 1588 é em grande parte o motivo pelo qual o inglês é a língua dominante na América do Norte. . Muitos dos principais ideólogos e artistas do Renascimento italiano foram profundamente influenciados por temas herméticos; e mesmo o notável pai do racionalismo científico e "pai do Iluminismo" Sir Isaac Newton tinha um interesse de longa data nos tratados herméticos e alquímicos. E o envolvimento maçônico de pais fundadores dos EUA como Paul Revere, George Washington e Ben Franklin foi suficientemente documentado em outros lugares. Devemos considerar esses princípios, por mais rebuscados e supersticiosos que possam parecer, relíquias do passado de uma era distante e não iluminada? Ou sua influência na história mundial foi realmente mais prevalente do que as aparências levam a crer?

No entanto, o medo da repercussão pode levar a decisões mais legítimas e até *sinistras* . preocupações do que crenças meramente impopulares ou supersticiosas. A própria natureza clandestina de tais organizações está mascarando intenções que são prejudiciais ao bem-estar da sociedade como um todo? Sua infiltração em cada espectro de pensamento e ação política se tornou tão difundida que eles são uma parte entrincheirada, embora subterrânea, de nossa atual estrutura mundial? Suas agendas são fruto da dominação e da necessidade de vingança? Suas ações comprometem a integridade de qualquer mecanismo social de pensamento livre e honesto? Em uma época em que o discurso público permite a troca aberta (embora crítica) de ideias e pensamentos, o que é tão perigoso que os membros escondam sua identidade em terríveis juramentos de sigilo? Em suma, o que essas sociedades estão tentando esconder?

O fato é que os rastros dessas sociedades podem levar a algumas associações e ocorrências perturbadoras e pintar um quadro muito mais condenável do que a mera não convenção. Rastros de assassinato, crime, intriga política e conspiração são tão prevalentes que apenas pintá-los como fornecedores de um sistema de crenças não sofisticado é trair os próprios perigos que eles representam. Algumas das organizações aparentemente inócuas e benignas – como a Sociedade dos Jesuítas – giram em torno de

teia de engano muito mais terrível e nociva do que você jamais pensaria em imaginar após um exame crítico, como você logo descobrirá.

Uma razão para o contínuo fascínio das sociedades secretas reside na própria exclusividade que seu sigilo engendra. Não mais crentes equivocados em mumbo-jumbo ilógico, os membros são detentores de conhecimento “proibido” severamente protegido dos olhares indiscretos de descrentes profanos e críticos. Não mais meros cidadãos, por força de sua imersão em um mundo subterrâneo de costumes exóticos e ritualizados, os membros se tornam possuidores de poder e influência inimagináveis para seus vizinhos meramente mortais. Mesmo em uma época em que a transmissão rápida e irrestrita de informações ameaça a própria segurança de tais membros e “conhecimentos” anteriormente ocultos, o verdadeiro crente assume que as tradições de engano e ocultação que eles escolhem para participar in é inviolável e irrepreensível. A questão é por quanto tempo?

Enquanto me preparava para a pesquisa deste livro, ocorreu-me que duas classificações distintas poderiam ser feitas para distinguir uma sociedade secreta. A primeira seria a sociedade secreta mais visível ou *aberta*. De modo geral, são organizações que mantêm um perfil público de grande visibilidade, acessível por meio de lista telefônica, internet ou mesmo presenças físicas altamente divulgadas. Essas organizações frequentemente solicitam ou cortejam membros do tribunal, garantindo ao candidato que sua própria abertura, visibilidade e culpabilidade devem ser uma garantia suficiente contra intenções nefastas e fraudulentas, em vez disso, insistindo que “não há segredos” ou, às vezes, referindo-se a tais “supostos” segredos como tradições em grande parte irrelevantes - resquícios passados de um tempo muito anterior, não tendo maior poder do que um adiamento à rotina. O aspirante a candidato é então embalado por uma sensação de segurança e relaxamento - “Certamente, esses caras não devem estar escondendo nada, já que estão dispostos a dedicar um tempo para conversar com o velho eu”.

Um desses exemplos flagrantes de uma sociedade secreta *aberta* é a Maçonaria. Disfarçados sob o disfarce de filantropia benevolente e dever cívico, os membros agora são amplamente vistos como pouco mais do que um clube social de caridade envolto em trajes e rituais coloridos, cujo número de membros está diminuindo lentamente devido à diminuição do interesse entre as gerações mais jovens. E para todos os propósitos ostensivos, no nível da Loja Maçônica local, é provável que seja o caso; tanto assim, que em muitas regiões dos EUA, a Maçonaria teve que

lançar uma campanha de relações públicas altamente visível para garantir seu interesse e sobrevivência contínuos.

No entanto, ao longo da história, os membros do alto escalão estiveram envolvidos em todo tipo de empreendimento conspiratório imaginável - da espionagem ao assassinato, do suborno à infiltração, semeando as sementes da agitação política e da rebelião. Isso não significa que seu tio amigo - cujo pai era maçom e o pai de seu pai antes disso - seja culpado de subterfúgios políticos e extorsão. Mas se esses fatos fossem disponibilizados ao público em geral, haveria uma necessidade tão estridente de anexar os rostos historicamente importantes de Benjamin Franklin e Harry Truman ao seu nome tão caluniado?

Muitas vezes, a sociedade secreta *declarada* fará reivindicações de um infundado linhagem histórica ou fazer esforços extremos para esconder histórias passadas questionáveis. Os membros são obrigados a fazer juramentos grandes e inflexíveis de manter os segredos dessa organização em sigilo absoluto, garantindo que sua revelação seja recebida com um destino dramático e adequado meramente sugerido pelos contornos desse juramento sombrio. Um clima implícito de medo emerge na sociedade secreta, imbuindo-a de todo o ethos sagrado de santidade e vigilância que pode ser encontrado no fanatismo religioso mais desenfreado (vale a pena notar que na sociedade secreta *aberta*, a devoção religiosa e filosófica implícita é nominalmente considerado *um fato a priori*, em oposição à sociedade secreta secreta que é consideravelmente mais política e influente em escopo. Ocasionalmente, podem ocorrer sobreposições, como a relação entre a sociedade Skull & Bones - um exemplo perfeitamente proeminente de uma sociedade secreta secreta - e o exemplo acima mencionado da Maçonaria.) Mesmo quando não é externamente religioso em escopo - como nos casos dos jesuítas ou do Opus Dei - essa aura de salvaguarda divina e santidade levou ao apelo cultista da sociedade, em particular para aqueles verdadeiros crentes que são insatisfeitos ou não aderentes à religião convencional. A substituição da seita pelo segredo toma assim o lugar de uma espécie de revelação divina para o verdadeiro crente, o que pode ser um curioso método de transubstanciação, de fato.

A outra classificação é a da sociedade secreta clandestina ou *encoberta*. Ao contrário da sociedade *aberta*, nenhuma tentativa de divulgação pública é feita em nome da *secreta*. A admissão pública *não* é possível, exceto apenas por convite - e, para citar um preceito agora clichê, "Se você tiver que perguntar, nunca saberá".

As razões para esse nível de sigilo hermeticamente guardado podem variar de organização para organização, mas geralmente uma coisa em comum é que seus interesses geralmente se estendem à infiltração e influência geopolítica global generalizada e, às vezes, a organizações criminosas e terroristas altamente organizadas e sistêmicas. O sigilo da sociedade *secreta* não é motivado pela tradição ou mesmo pela influência sobre os membros de nível inferior, mas pela *necessidade*. Tanto o tão temido espectro dos Illuminati quanto o voto de silêncio praticado pelo sindicato *La Cosa Nostra* são exemplos flagrantes das operações ocultas de uma sociedade *secreta secreta*.

Outras vezes, a revelação da existência da sociedade *secreta* pode causar tantos danos a instituições bem estabelecidas - como o Priorado de Sião ou o Grupo Bilderberg - que suas próprias fundações podem desmoronar, um momento em que esses grupos podem realmente esperar aproveitar. Em vez disso, eles aguardam seu tempo, abrindo caminho em uma teia altamente complexa de intrigas e lendas, fatos e ficção, ambos insistindo em sua inexistência e alternadamente colocando lembretes públicos de sua “suposta existência” de tal forma que o observador ocioso é apanhado em uma onda de subterfúgios e confusão.

Um exemplo flagrante dessa campanha de desinformação foi a operação COINTELPRO dirigida pelo FBI sob o comando do diretor J. Edgar Hoover entre meados dos anos 1950 e início dos anos 1970, que visava pesquisar, se infiltrar, desacreditar e interromper as organizações políticas domésticas que supostamente representavam uma ameaça ao “povo nacional”. segurança e ordem social e política existente” e foi explicitamente negado pela organização e seu diretor até que a documentação oficial do programa foi exposta e tornada pública em 1971, levando a uma investigação oficial sobre suas táticas.

A liderança em sociedades *secretas* às vezes é hereditária, sendo transmitida em linhas geracionais semelhantes ao monarquismo – cuja reinstituição é, de fato, um suposto objetivo de algumas dessas panelinhas. Outras vezes, uma liderança fingida foi atribuída a notáveis figuras históricas e culturais por meio de uma campanha elaborada de desinformação e conhecimento bem construído, garantindo uma sucessão linear, embora aparentemente improvável, de validade histórica às maquinações de uma sociedade.

Ao tentar empreender um trabalho dessa envergadura, é importante levar em consideração todas as fontes, não importa o quão bizarras possam parecer.

Inevitavelmente, chega-se a classificar essas fontes em uma das três categorias potenciais que chamarei de três "S": o especulativo, o espúrio e o cético. Como diz o ditado, onde há fumaça, muitas vezes há fogo. O especulativo ajuda a possibilitar um olhar crítico e subjetivo para a potencial veracidade das afirmações, garantindo tanto distanciamento quanto um olhar aberto para visualizar possíveis conexões. O espúrio - geralmente o resultado de conexões tênues e credulidade em relação a relatos infundados - pode revelar aspectos ocultos que você nunca imaginou ser possível em seus sonhos mais loucos, e aspectos que, após um exame mais detalhado, revelam uma reivindicação definitiva de validade histórica. No entanto, é no reino do cético que somos confrontados com um dilema totalmente novo. Recusando-se a considerar a possibilidade de que a vasta rede de intrigas e enganos seja muito mais vasta do que sua compreensão permite, o cético lança dúvidas sobre qualquer coisa que não esteja de acordo com suas conclusões predefinidas.

Seu viés se torna muito aparente e inflexível em sua teimosa recusa de qualquer coisa que não se conecte remotamente a seus parâmetros predispostos - e às vezes, a seus próprios interesses pessoais. Neste livro, eu me esforcei para separar a lenda da realidade, o fato da ficção e examinar como ambos os lados aparentemente opostos podem ser entrelaçados em uma série altamente complexa de associações e que muitas vezes podem influenciar um ao outro das maneiras mais inesperadas. É provável que alguns leitores vejam aspectos de todos os três "S" ao longo do livro.

O máximo que posso pedir é uma mente aberta.

Também é provável que alguns leitores, especialmente os mais jovens, encontrem material que foi bem relatado em outro lugar. Mencionei os mais jovens especificamente porque, tendo sido criados sob os auspícios da era da informação, eles tiveram um amplo espaço para absorver, refletir e refletir sobre informações e informações erradas. Os mais jovens também parecem mais propícios ao ato de pensamento crítico e incredulidade a desmentidos firmemente estabelecidos da existência desses grupos de bairros convencionais, algo que com o passar do tempo se torna cada vez mais contestável. Sou grato pelas mentes abertas e raciocínios rápidos que vejo nas gerações mais jovens e os encorajo apenas a tirar suas próprias conclusões - tanto quanto faria com qualquer outra geração. Só posso esperar que este trabalho ajude a incentivá-lo a fazê-lo, independentemente da sua idade.

Este trabalho pretende ser introdutório e preventivo. eu não pretendo que ser a palavra final sobre a questão das sociedades secretas, minhas ou de qualquer outra pessoa; longe disso, acredito que, à medida que mais informações forem prontamente disponibilizadas ao

público em geral, a necessidade de obras mais especializadas será maior. Não se destina a promover medo ou preconceito, mas inculcar vigilância e pensamento crítico em relação às narrativas estabelecidas da história e da lenda. A verdade pode de fato ser a espada mais forte de todas. E se fiz alguma coisa para afiar aquela espada, então minha tarefa está completa.

Capítulo Um: OS HASHHASHINS

Alamut. Atualmente, não há muito movimento neste vale fértil aninhado entre a cordilheira de Elburz, no norte do Irã, com vista para a capital Teerã. Aninhado como está pela província de Qazvin—conhecida por sua história como um centro de comércio, caligrafia e cultura—ao sul, e a província de Mazandaran—conhecida por suas florestas, pontes e como o local de nascimento do último xá do Irã— ao norte, é como se a região parasse no tempo. Claro, há estradas um pouco mais modernas que passam por aqui, curvando-se por imponentes penhascos, ravinas e colinas; mas mesmo estes parecem um mau presságio em comparação com as aldeias densamente amontoadas que você deixa ao fazer sua ascensão através das rochas e colinas vastamente impenetráveis. Mesmo os rios, barrancos e lagos parecem cantar mais como um canto fúnebre do que como um riacho natural e borbulhante. O silêncio sobrenatural que coroa essas pedras, pontuado pelo ocasional grito solitário de uma águia, é menos um consolo bem-vindo do que um presságio alertando o visitante incauto de que existem segredos encharcados de sangue e vísceras enterrados nas profundezas das ruínas e escombros. Congelado no tempo, a primeira impressão que você tem ao observar as montanhas e rochas circundantes é que não mudou muito desde o início do século XII. E para todos os propósitos ostensivos, não. Afinal, os ossos também têm seus segredos a guardar.

Talvez seja irônico que comecemos nossa revisão das sociedades secretas no que foi popularmente apelidado de berço da civilização. Talvez não tão irônico, afinal. Talvez o sigilo seja fundamental para a condição humana. E talvez toda a experiência humana coletiva como a conhecemos seja marcada até certo ponto pelas mãos gêmeas da manipulação e do derramamento de sangue. Caim é Abel. Mestre e servo. Tirano e súdito. Talvez quando aprendermos como esses processos estão profundamente arraigados dentro de nós, possamos começar a vê-los como mecanismos obsoletos que sobreviveram muito à sua utilidade. Relíquias distantes de um passado infeliz. Tão distante quanto - Alamut.

Embora o tempo dos Hashashins já tenha passado, sua relevância ainda é parte integrante de nosso estudo. Embora o último dos Hashashins tenha morrido há mais de seiscentos anos, sua presença ainda vive até hoje, incorporada em organizações terroristas modernas, mercenários desonestos e juntas militares - incorporada no próprio coração, cérebro e tendões de qualquer um que buscasse controlar , dominar e

tiranizar por meio da força, derramamento de sangue e ameaça para perseguir *qualquer* agenda política, religiosa ou econômica, independentemente de facção ou seita. Na verdade, seu próprio nome vive até hoje, inserido na linguagem cotidiana: *assassino*.

E sem um conhecimento profundo da origem das táticas que as sociedades secretas desenvolveram ao longo da história, aqueles que se recusam a lembrar o passado estão condenados a repeti-lo.

Origens do Hashashin

Talvez o projeto para todas as sociedades secretas, uma compreensão do papel que o Hashashin desempenhou é impossível sem entender o contexto em que eles se desenvolveram. No século 12, o Islã se dividiu em vários ramos distintos, dois dos quais ainda estão presos em um conflito amargo até hoje: os xiitas e os sunitas. Os sunitas, que representam a maior denominação de muçulmanos do mundo, sustentam que Abu Bakr, sogro do profeta Maomé, é o primeiro e legítimo califa - o sucessor político e religioso direto do profeta - do muçulmano comunidade. Em distinção, a filosofia xiita declara que o genro e primo do profeta Ali tem direito ao título de califa. Dentro dessa divisão, ocorrem numerosas subdivisões, cada uma reivindicando linhagens e sucessões distintas, tão variadas e conflitantes quanto seus princípios. Dentro do ramo xiita, as três maiores subdivisões são reconhecidas como Imamiyyah, Ismaili e Zaidi.

Não há espaço suficiente para detalhar as diferenças específicas entre os vários ramos e divisões da fé. Basta dizer que, em 1090, grande parte do Oriente Médio estava sob o domínio do califado fatímida, que reivindicou a origem direta de Fátima, a primeira filha do Profeta. O próprio califado era explicitamente xiita em seu escopo, com a maioria dos governantes sendo adeptos do ismaelismo. Um dos ramos mais visíveis do ismaelismo naquela época era o ramo Nizari, que floresceu na Pérsia e na Síria no século XI.

E é diretamente para o ramo Nizari que o Hashashin se desenvolveu e floresceu, sob a liderança severa e vigilante de seu fundador e visionário, Hassan-i-Sabbah.

O Velho das Montanhas

Não há data ou registros precisos para o nascimento de Hassan-i-Sabbah, e o pouco que sabemos sobre sua criação e início de vida decorre de um suposto

relato autobiográfico citado na crônica ismaelita escrita anonimamente *Sarguzasht-e Sayyidnġ*. O relato afirma que Hassan nasceu na Pérsia na década de 1050 em uma família Imamiyi e foi criado com os princípios dessa fé na cidade de Rey, onde o futuro Grão-Mestre também estudou alquimia, filosofia, astronomia - e há rumores, certos doutrinas ocultistas praticadas por imãs muçulmanos renegados.

Rey era o lar de um crescente movimento de missionários ismaelitas, e o jovem Hassan foi convertido à doutrina aos 17 anos, eventualmente jurando lealdade naquele mesmo ano ao califado fatímida no Cairo. Foi no Cairo que Hassan estudou profundamente com os principais missionários e clérigos do ismaelismo, ganhando a reputação de um dos mais fervorosos e devotados discípulos do credo ismaelita. Os relatos variam quanto às suas viagens desde os 17 anos até seu retorno à Pérsia em 1081. Ele foi preso? Perseguido?

Um relato fala das reuniões de Hassan com um grupo de muçulmanos heterodoxos na Síria, onde foi treinado nos princípios da magia e feitiçaria. Uma coisa é certa; ao retornar, Hassan estabeleceu-se na cordilheira de Elburz, onde, após estabelecer várias comunidades ismaelitas, atraiu a ira de Nizam al-Mulk, grão-vizir do império seljúcida, levando a sua retirada para as montanhas de Alamut em 1088.

Foi em Alamut em 1090 que Hassan formulou sua grande estratégia; formular um exército clandestino e ordem religiosa de *fedayin* (em árabe, literalmente 'os Homens que aceitam a Morte') dedicado à expansão do credo Nizari Ismaili, estruturado em uma estrutura hierárquica e iniciática. Hassan serviu como Grão-Mestre secreto e onisciente da ordem por 35 anos até sua morte em 1124, período durante o qual se diz que ele só deixou seus aposentos duas vezes para observar de sua fortaleza impenetravelmente construída (conhecida como 'o Ninho da Águia') os céus de seu telhado.

Abaixo, o Grão-Mestre servia a vários de seus chefes e estrategistas de confiança, conhecidos como Grandes Propagandistas, encarregados de disseminar as ordens do Grão-Mestre; abaixo destes, serviram os Propagandistas, que foram encarregados de recrutar homens de aldeias periféricas tanto para o credo Nizari Ismaili quanto, se sua devoção for leal o suficiente, para a própria Ordem; os Rafiqs, ou companheiros da Ordem; e, finalmente, os Lasiqs, ou os próprios adeptos. É dos Lasiqs que os Grandes Propagandistas escolheram pessoalmente treinar para se tornarem os assassinos mais temidos e injuriados de seu tempo, visando não apenas

seitas muçulmanas rivais (incluindo o império sunita seljúcida, que foi dizimado por Hassan e sua Ordem, que jurou vingar a perseguição do Grão-Mestre), mas também cristãos invasores e aliados durante a Primeira Cruzada (vale a pena notar que há fortes evidências de que o Hashashin fez contato direto com os Cavaleiros Templários, sobre os quais discutiremos no próximo capítulo.)

Esperava-se que cada convertido à Ordem passasse por uma série de nove graus iniciáticos. Na primeira, o aluno era lançado em um estado de confusão, por analogia e ensino, em relação aos princípios de suas anteriores convicções religiosas e políticas. Esta é a fonte da máxima “Nada é verdade, tudo é permitido” frequentemente atribuída a Hassan (embora não haja documentação afirmando que Hassan tenha proferido essas palavras, sua popularização se deve em grande parte aos escritos do ícone da contracultura William S. Burroughs). A essa altura, o aluno estava tão desorientado pela dissecação de suas crenças que não teve outro sentido senão submeter-se à obediência cega de seu mestre.

No segundo, ele foi ensinado que a aprovação de Deus não pode ser conquistada, exceto por meio da lealdade a seu imã, ou professor, visto como o guardião da palavra de Deus. Na terceira, ele é instruído sobre a natureza de seu imã. Na quarta, ele aprende que Maomé não foi o último dos Profetas e que o Alcorão não é a revelação final de Deus ao homem - uma violação implícita dos ensinamentos do Alcorão. A quinta e a sexta elaboram a natureza alegórica das práticas e costumes externos do Islã. A sétima sustentava que tanto a humanidade quanto a criação eram um, com todos os fenômenos existindo como uma fração do todo, incluindo tanto o poder criativo quanto o destrutivo. A oitava ensinava que todas as religiões e ideologias eram fraudulentas — inclusive o Islã; preparando o iniciado para o nono e último segredo: que o aluno estava agora livre da crença, agindo como um filósofo purificado no conhecimento de que “nada” era literalmente verdadeiro, e que a única “crença” permissível era a *ação* e, além disso, que o único possuidor das razões para a realização de qualquer ação era o misterioso Grão-Mestre da Ordem - o próprio Hassan-i-Sabbah.

Como tantos jovens impressionáveis foram facilmente levados a renunciar à sua criação e às crenças do Islã convencional e mergulhar de cabeça no niilismo e no martírio por causa do desejo de onipotência e vingança de um homem?

Nas profundezas da fortaleza labiríntica de Alamut, Hassan havia construído um pródigo paraíso artificial, repleto de belos jardins, música, rios caudalosos e arrebatadoras danças de houris para deslumbrar os olhos de possíveis convertidos, involuntariamente drogados com quantidades generosas de haxixe (de onde a Ordem derivou seu homônimo.) Com seus Propagandistas conduzindo-os por um passeio por este paraíso, os peregrinos ficaram tão extasiados com as visões diante deles que se converteram no local, implorando para passar seu tempo neste Éden; ou ficaram tão assustados que imploraram para fugir, jurando que seus anfitriões deviam ser feiticeiros ou mágicos. Em ambos os casos, era apenas por obediência à vontade divina de Hassan-i-Sabbah que a entrada ou saída era permitida. Somente jurando fidelidade a esse misterioso Mestre, esses jovens insensatos tiveram acesso ao paraíso na terra; ou retornar às suas vidas anteriores. Poucos recusaram.

E quão bem-sucedida foi essa tática, que marca a primeira instância histórica de lavagem cerebral?

A influência de Hassan varreu não apenas a Pérsia, mas o Egito, a Síria, o Azerbaijão e grande parte do mundo árabe - segundo rumores, chegou até a França. Agindo de acordo com as ordens do Grande Mestre, seus fiéis *fedayin* conseguiram entrar nas cortes, vilas e acampamentos, muitas vezes disfarçados em trajes locais e falando em dialetos locais. Depois de ganhar a confiança dos rivais que receberam ordens de se infiltrar, eles assassinaram cada alvo com uma adaga, sempre à vista do público e sempre à luz do dia (vale a pena notar que os Hashishin nunca tiveram permissão para matar um civil). O velho rival de Hassan, Nizam-al-Mulk. Sua rede de medo e furtividade logo se espalhou pela Pérsia e Síria, com centenas - talvez milhares - de assassinatos sendo cometidos diante dos olhos de um público trêmulo, que não sabia mais em qual estranho confiar. Nem a Ordem nem sua campanha de terror terminaram com a morte de Hassan-i Sabbah. Com o tempo, novos Grandes Mestres foram selecionados, cada um jurando manter o legado iniciado por este misterioso Velho das Montanhas. Inúmeras regiões e propriedades foram colocadas sob seu comando. Os cavaleiros cruzados contavam histórias intermináveis sobre seus inimigos implacáveis e mercenários, dando origem à eventual adoção e latinização do termo "assassino". E então... parou.

A queda do império Hashishin ocorreu com um ataque mongol em Alamut em 1256. Sua fortaleza e paraíso foram tomados. Seus espíritos e números diminuíram substancialmente. Os poucos membros remanescentes se espalharam pela Síria, onde atuaram como mercenários contratados por sultões e emires locais. Há

algumas especulações de que eles continuaram seus ensinamentos e práticas até o século XIV e talvez até o início do século XV. E há até alguma especulação de que a influência de seus ensinamentos internos vive até hoje, incorporada em certas seitas da fé iraniana de Mandeian e da religião curda Yezidi. Mas o prestígio que o Hashishin desfrutou por quase duzentos anos é agora uma memória fugaz. Ou é?

Legado do Hashishin

Como afirmado anteriormente, os Hashishin caíram no século XIII, mas seu espírito de carnificina e terror continua até hoje. Foi sentido no regime de Duvalier nas décadas de 1960 e 1970 com a polícia secreta de seu corpo de elite Tonton Macoute. Foi nos campos de matança do Camboja do partido Khmer Vermelho de Pol Pot e os cadáveres não falados que jaziam enterrados no Chile como resultado do governo Pinochet. E está incorporado nas brutalidades mais recentes cometidas em todo o mundo por grupos como a Al Qaeda, o Estado Islâmico e o Boko Haram. Não é exclusivo do Islã - em geral, uma religião pacífica - e não reivindica lealdade a nenhuma seita ou país. Está no coração daqueles que voluntariamente perpetram o mal sob o disfarce de uma segunda intenção; e nisso reside sua força. É talvez o *segredo final* de qualquer sociedade secreta. Poder. A qualquer custo.

Capítulo Dois: OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

Talvez nenhuma outra sociedade secreta esteja desfrutando de um maior ressurgimento de popularidade atualmente do que a Ordem dos Cavaleiros Templários. Do romance best-seller de Dan Brown, *O Código Da Vinci*, aos inúmeros sucessos de bilheteria de Hollywood, inúmeras teorias e especulações cercam esse fenômeno pré-medieval, e é fácil entender por quê. Com seu colorido híbrido de valoroso cavalheirismo, mistérios não respondidos e bravatas absolutas, os históricos Cavaleiros Templários abriram caminho através do inconsciente coletivo, evocando ao mesmo tempo a bravura das Cruzadas, a mística exótica de viagens a terras estrangeiras e o pathos para sua morte final. Os apologistas dos Cavaleiros Templários os retratam como mártires incompreendidos, cujo auto-sacrifício a mando da conquista imperial alterou para sempre o curso da história. Dificilmente uma má reputação para uma ordem que foi dissolvida e queimada na fogueira há mais de setecentos anos.

No entanto, a mística dos Templários continuou a se infiltrar, muitas vezes sem ser vista, não apenas no folclore popular, mas também no fluxo subterrâneo das sociedades secretas. Neste capítulo, espero examinar não apenas a história da ordem, bem como seus mistérios, mas também sua influência em empreendimentos mais sombrios. Uma influência que pode indicar não apenas o amor eterno pela mística dos Templários e a continuação de seus ideais, mas talvez a continuação de sua própria existência.

Origens dos Cavaleiros Templários

Os Pobres Companheiros Soldados de Cristo e do Templo de Salomão, mais comumente referidos como os Cavaleiros Templários, surgiram em 1120 por insistência do cavaleiro francês Hugues de Payens, que havia abordado tanto o Rei quanto o Patriarca de Jerusalém para conceder um Ordem monástica oficial para a proteção dos peregrinos que visitam a Cidade Santa de Jerusalém. Na época de sua criação, os Templários eram apenas nove em suas fileiras, todos os quais haviam feito um voto específico de pobreza. Apenas trinta anos depois, seus números haviam aumentado para milhares e eram prósperos o suficiente para emprestar dinheiro e crédito tanto a cidadãos quanto a figuras do governo.

Durante o tempo das Cruzadas, os Templários foram muitas vezes um componente militar chave para a expansão do Sacro Império Romano, sendo utilizados como

tropas de choque avançadas em algumas das batalhas mais decisivas da conquista - incluindo a batalha de Montgisard, onde cerca de 500 cavaleiros ajudaram a derrotar as tropas do lendário sultão Saladino, que somavam mais de 26.000 combatentes.

Tanto sua reputação como monges guerreiros destemidos e irresponsáveis quanto o conhecimento grosseiro que os cercava (um eufemismo comum da época era “beber e xingar como um Templário”) ajudaram a estabelecer a reputação dos Cavaleiros Templários como um dos cavaleiros de elite e temíveis flagelos para atacar o Oriente Médio; uma reputação que eles compartilhavam com os Hashishins do capítulo anterior (com os quais os Templários sem dúvida entraram em contato e, segundo rumores, integraram certos princípios filosóficos e mistérios em seus ritos secretos de iniciação).

Em 1307, tanto a riqueza, reputação e arrogância dos Templários caíram em desgraça, particularmente com o recém-eleito Papa Clemente V (que procurou fundir a ordem com outro conselho militar cristão, a Ordem dos Hospitalários, concedendo-lhe benefícios e poder sobre ambos), bem como o rei Filipe IV da França (que estava em dívida com os Templários como resultado de sua guerra com a Inglaterra). Rumores começaram a abundar sobre os ensinamentos “secretos” dos Templários; eles tinham a reputação de se envolver regularmente na homossexualidade, negando a divindade de Cristo e pisoteando e cuspidando na cruz como parte de seus ritos de iniciação, e adorando um estranho ídolo “barbudo” de uma cabeça (alternativamente, a cabeça de uma cabra) eles se referiam como “Baphomet”.

Essas acusações, junto com outras que constituem o que era inquestionavelmente herético na França do século XIV, nunca foram provadas. Mas eles também nunca foram *refutados*. A homossexualidade tem sido uma prática comum entre os soldados que, viajando longas distâncias de muitos anos sem esposas, buscam alguma forma de gratificação, e pode ter sido mais prevalente entre os monges-guerreiros que juraram manter o voto de celibato. Negar e insultar a divindade de Jesus pode parecer uma prática incomum entre os defensores jurados da cristandade; mas que melhor maneira de instilar medo e testar a bravata de um recruta em potencial do que atacar os princípios gerais de sua lealdade juramentada?

Numerosas teorias abundam para a presença de Baphomet. Estes incluem, uma corrupção linguística do profeta Muhammed, ou Maomé; um símbolo do “batismo de sabedoria” (a tradução direta do termo grego “baphe-metis”); e um ídolo literal (é interessante notar que na teoria cabalística, o semblante menor de Deus – o “Zaur Anpin” – é revelado como uma cabeça humana).

Independentemente dessas elaborações, uma coisa é certa. Na sexta-feira, 13 de outubro de 1307 (a origem da superstição da sexta-feira 13), o rei Filipe ordenou a prisão de várias centenas de cavaleiros templários, incluindo seu grão-mestre Jacques de Molay, e os acusou formalmente de heresia, corrupção financeira, suborno e sigilo. Seus bens foram apreendidos, os membros foram torturados e queimados vivos na fogueira (incluindo de Molay) e a ordem foi formalmente dissolvida. Os poucos templários que sobreviveram ao extermínio foram para a clandestinidade e reclusão, ressurgindo alguns anos depois para forjar alianças com outras ordens militares cristãs predominantes na Europa na época, como a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos e os Cavaleiros de São João.

Os Templários podem ter morrido da maneira mais ignominiosa. Mas seu legado - e alguns dizem que seus ensinamentos secretos - continuam até hoje. Às vezes, da forma mais sinistra que se possa imaginar, como você verá em breve.

O Legado dos Templários

A mística templária continua até hoje, permeada pelos ensinamentos de ordens esotéricas e sociedades secretas, bem como entidades aparentemente inócuas. A organização juvenil internacional Ordem de Molay (uma ramificação maçônica), que professa ensinar jovens a se tornarem líderes e organizadores comunitários melhores e mais responsáveis, leva o nome do "mártir" Templário, Jacques de Molay. A organização fraterna católica, os Cavaleiros de Colombo, admite abertamente que sua estrutura segue o modelo do espírito dos Cavaleiros Templários. E a Revolução Francesa - amplamente considerada como idealizadora da Ordem dos Illuminati (de quem entraremos em detalhes nos capítulos subsequentes - encontrou um aliado improvável nos Templários quando, durante a execução pública de Luís XV, um homem desconhecido saltou para o andaime para gritar: "Jacques de Molay, tu estás vingado!" diante da multidão que aplaudia antes de desaparecer novamente no mistério.

Uma ostentação bêbada de sangue? Ou um descendente dos Templários?

Maçonaria e os Cavaleiros Templários

Certas tradições sustentam que alguns Templários sobreviventes - que se espalharam em suas viagens e certamente mantinham alianças e ligações com vários países europeus - foram para as Ilhas Britânicas (em particular Escócia) onde perpetuaram seus ensinamentos e práticas em segredo, eventualmente formando o núcleo de um dos mais poderosos e influentes

sociedades no Ocidente: o Rito Antigo e Aceito da Maçonaria.

A ligação entre os Templários e a Maçonaria tornou-se ainda mais descarada no século 18, quando a Loja dos Grandes Cavaleiros Templários da Irlanda aceitou uma carta da Loja Mãe da Maçonaria na Irlanda (que se diz ter sido recebida de uma ordem templária reconstituída em Paris) estabelecendo e reconhecendo suas reivindicações de jurisdição maçônica, eventualmente incorporando seus ritos no que é conhecido como Maçonaria do Rito de York.

Este rito está disponível apenas por convite e, aparentemente, apenas os maçons que professam a crença no cristianismo (em oposição à Maçonaria padrão, que está disponível para qualquer pessoa que professe a crença em um poder superior de qualquer tipo) são elegíveis. No entanto, os históricos Cavaleiros Templários, que também eram uma organização nominalmente “cristã”, eram acusados de manter crenças diametralmente opostas à doutrina cristã convencional, incluindo a rejeição de Jesus Cristo (talvez influenciado pelo contato com a herética seita cátara de gnósticos ativos no Séculos 12 e 13 na região.) Será que seus descendentes maçônicos também ensinam doutrinas semelhantes em suas reuniões de loja? Doutrinas escondidas, mesmo dos olhos do novo recruta sincero, mas equivocado?

O Priorado de Sião

Exposto no início da década de 1980 pelos escritores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln em seu best-seller *Holy Blood Holy Grail*, o Priorado de Sião cumpre o arquétipo definitivo de uma sociedade secreta: um grupo hereditário e geracional da elite endinheirada francesa que reivindica uma linhagem diretamente de volta para os Cavaleiros Templários guardando um segredo central e altamente prejudicial. Um segredo tão condenatório que poderia derrubar os alicerces do próprio cristianismo. Ou seja, o Priorado de Sião sustenta que Jesus não morreu na cruz, mas sobreviveu; e, além disso, estabeleceu uma linhagem com a vilipendiada Maria Madalena que formou tanto a dinastia merovíngia quanto, através de gerações sucessivas, os próprios Templários. Eles afirmam que esta linhagem é o verdadeiro “segredo” por trás da perseguição dos Templários, e que eles juraram preservar esta linhagem secreta.

Embora muito poucos dados históricos ou acadêmicos tenham sido publicados sobre o Priorado de Sion (os críticos acusaram o grupo de estabelecer uma farsa complexa), houve uma série de mortes misteriosas e sequestros relacionados a supostamente

membros proeminentes e Grandes Mestres do Priorado que pedem um exame mais detalhado. Se é uma farsa elaborada, por que os membros iriam tão longe para ocultar e perpetuar seus mitos? Talvez não surpreendentemente, a lista de membros do Priorado também inclui uma série de figuras supostamente também funcionando dentro da estrutura dos temidos Illuminati. Certamente, a riqueza acumulada pelo Priorado é suficiente para fazer até mesmo o observador mais casual ver suas atividades com desconfiança.

Nova Ordem dos Templários

Formada pelo monge cisterciense destituído e homossexual Jorg Lanz von Liebenfels na Áustria em 1905, a Ordo Novi Templi, ou Nova Ordem dos Templários, era uma mistura bizarra de neopaganismo germânico, ciência charlatã, racismo virulento, interpretações bíblicas criativas e revelações supostamente divinas dedicadas a “*aumentar a autoconfiança racial fazendo [pedigree](#) e pesquisa racial, [concursos de beleza](#) e a fundação do [racista](#) futuros locais em partes subdesenvolvidas da [Terra](#)”*. Para esse fim, Liebenfels publicava regularmente uma revista intitulada *Ostara* (batizada em homenagem ao dia sagrado pré-cristão do equinócio vernal), que encontrou seu maior apoio entre pensativos pseudo-intelectuais de círculos racistas e anti-semitas; incluindo um jovem e impressionável Adolf Hitler. Nela, Liebenfels sustentava regularmente a superioridade da raça “ariana” e fazia votos militares e religiosos para salvaguardar a santidade da raça, esterilizando e erradicando a presença de raças “inferiores” e “inferiores”.

O que pareceria uma tagarelice absurda do calibre mais fútil por qualquer ser humano sensato foi obviamente levado muito a sério pelo Terceiro Reich. E é seguro dizer que “apenas seguindo ordens”, os conceitos Templários de dever sagrado e devoção inabalável a um ideal encontraram uma conclusão trágica e complicada nas câmaras de gás de Dachau e Auschwitz.

Ordem do Templo do Oriente

Uma sociedade oculta pseudo-maçônica de autodenominados “Monges Guerreiros” que juraram defender a religião de Thelema (uma estranha mistura de revelação divina pseudo-egípcia supostamente recebida pelo ocultista britânico Aleister Crowley em 1904 através de um texto canalizado intitulado *O Livro da Lei*, cujo princípio central pode ser resumido pela declaração “Faça o que tu queres há de ser tudo da lei”), a Ordo Templi Orientis (literalmente “Ordem do Templo do Oriente”)

parece o mais distante possível da ideologia cristã por trás dos históricos Cavaleiros Templários. No entanto, seu manifesto (publicado em 1919) afirma que em suas mãos está “concentrada a sabedoria e o conhecimento” não apenas de várias escolas esotéricas de pensamento (algumas inteiramente ficcionais), mas também, mais significativamente, dos Cavaleiros Templários (de cujo último Grão-Mestre, Jacques de Molay, foi eleito como “santo” em seu rito religioso central, a Missa Gnóstica. Também vale a pena notar que seu site indica uma presença física na área metropolitana de Boston chamada Knights Templar Oasis.) Também vale a pena notar aqui que o mesmo manifesto inclui a Ordem dos Illuminati e, de fato, um de seus graus é referido como “Iluminado”.

Embora em termos de influência social, a OTO pareça um tanto pequena (os números mundiais atuais são estimados em pouco mais de 3.000 e a maioria dos membros tende a ser categorizada como membros desencantados de famílias de classe média ou baixa), relatos de abuso de drogas e má conduta sexual têm atormentado o culto por mais de 30 anos. Numerosas mortes misteriosas foram observadas em conjunto com a OTO, e alegações de estupro e intimidação (às vezes por superiores nas fileiras) foram lançadas por ex-membros em várias ocasiões ao longo dos anos.

Outras Manifestações

Outras recorrências dos mistérios dos Templários incluíram a Ordem Militar Suprema do Templo de Jerusalém (uma organização cristã de defesa e caridade que tem suas raízes nos históricos Cavaleiros Templários e foi registrada oficialmente na França em 1919. Membros foram implicados em numerosos atos racistas e ataques anti-imigrantes); a Ordem do Templo Solar (uma sociedade secreta dedicada à filosofia da Nova Era, reencarnação, práticas “rosacruz” e contato com OVNI com laços com a extrema direita francesa, muitos de cujos membros cometeram suicídio em massa na Suíça em 1994 e 1995); A Nova Ordem Esotérica dos Cavaleiros Templários (um culto da Nova Era e neognóstico ligado a um notável autor do gênero cujas obras louvaram o incesto e cujos seguidores foram acusados de suborno e peculato); e a Antiga Ordem dos Templários Negros (uma seita sul-americana que pratica uma mistura excêntrica de Voodoo e Santeria, Maçonaria e neo-Gnosticismo, com links para a OTO e um notável líder de culto de Chicago conhecido por alegações de má conduta sexual extrema e prostituição).

Sem mencionar numerosos grupos com reivindicações altamente duvidosas de serem os Cavaleiros Templários reconstituídos, incluindo um grupo cujos membros incluíam o norueguês Anders Breivik, que assassinou mais de 75 pessoas - muitas delas adolescentes e pré-adolescentes - na Noruega durante um assassinato em massa em 2009, citando motivos anti-muçulmanos e anti-imigrantes extremos como justificativa para seu ataque. Seu manifesto, cerca de 1.500 páginas de acerbidade divagante e mordaz de extrema-direita, faz inúmeras referências aos ideais dos Templários.

Membros

Desde sua dissolução oficial em 1312, os nomes dos Cavaleiros Templários originais foram perdidos na história, com exceção dos membros mais proeminentes. No entanto, os membros das ideologias e organizações derivadas dos Templários são muito amplos para serem listados aqui. Alguns dos supostos membros incluem o cineasta e pintor francês Jean Cocteau (Priorado de Sion); o ator John Wayne (maçom, Ordem de Molay); jogador de beisebol Babe Ruth (Knights of Columbus); o compositor Claude Debussy (Priorado de Sião); cartunista Mel Blanc (Ordem de Molay); os músicos Daryl Hall, John Frusciante e Mick Fleetwood (Ordo Templi Orientis); ator Roy Rogers (maçom); o político belga de extrema direita Jean Francois Thiriart (Ordem do Templo Solar); ator Ernest Borgnine (maçom); o prefeito de Chicago, Richard Daley (Knights of Columbus); jornalista Ed Bradley (maçom); músico Todd Rundgren (Ordo Templi Orientis); o ex-secretário de Estado Henry Kissinger (maçom, Illuminati); autor John Steinbeck (Ordem de Molay); cartunista e inovador Walt Disney (maçom); ex-presidentes Ronald Reagan e George Bush (maçons, Illuminati); pintor e inventor Leonardo da Vinci (Priorado de Sião); o cineasta Kenneth Anger (Ordo Templi Orientis); o ator Jerry Orbach (Ordem de Molay, maçom); General Douglas M. MacArthur (maçom); autor Victor Hugo (Priorado de Sião); cantor e ator Burl Ives (Ordem de Molay); fotógrafo Robert Mapplethorpe (Ordo Templi Orientis); o ator Sylvester Stallone (maçom); compositor Wolfgang Amadeus Mozart (maçom, Illuminati); Revolucionário Americano Paul Revere (Maçom); O primeiro-ministro Cecil Rhodes (maçom, Illuminati) e o fundador da Igreja de Mórmon, Brigham Young (maçom).

Capítulo Três: OS ILUMINATI

Os Illuminati. O próprio nome é suficiente para causar medo e repulsa no coração de qualquer indivíduo sensato e de pensamento livre. Rumores de ser o ímpeto por trás das revoluções americana e francesa do século 18, bem como das duas guerras mundiais, a noção de uma organização secreta secreta de mestres de marionetes puxando as cordas por trás de cada movimento social - progressista ou não - e cada calamidade em massa tem sido a fonte de especulação em massa e paranóia ao longo da história. Como uma obscura ramificação maçônica estabelecida por um padre jesuíta desonesto em 1776 veio para encapsular o poder mundial que está além dos sonhos mais loucos até mesmo do mais ganancioso dos aspirantes a ditadores?

A verdade é que, no que diz respeito aos Illuminati, muito pouca evidência fundamental para sua proliferação contínua pode ser encontrada. A natureza final de uma sociedade secreta é apenas isso; um segredo. E talvez nenhuma outra sociedade tenha sido tão bem-sucedida em se envolver em mistério, engano e desinformação quanto a Ordem dos Illuminati. Tão bem-sucedido que milhões de americanos nem percebem que guardam sua marca registrada nas dobras da carteira: a nota de um dólar. Olhe para trás e observe o olho enigmático na pirâmide, coroado pela bandeira "Novus Ordo Seclorum" – a Nova Ordem Mundial. Se isso não for suficiente para convencê-lo do enredo final de seus projetos, continue lendo. O que você se recusa a admitir pode assombrá-lo no final.

Origens dos Illuminati

A história dos Illuminati começa na Baviera em 1770. Um judeu convertido ao catolicismo romano, Adam Weishaupt foi eleito professor de Direito Canônico na Universidade de Ingolstadt - uma cátedra tradicionalmente ocupada por um padre jesuíta. Apesar de uma conversão subsequente à fé jesuíta, Weishaupt, de 22 anos, ainda se viu vítima de repetidas repreensões e assassinatos de caráter por colegas e superiores jesuítas. Em vez de retaliar, Weishaupt decidiu formar um quadro exclusivo dos chamados "iluminados" ou perfectibilistas (literalmente, "os aperfeiçoados") em 1º de maio de 1776 - coincidentemente, o feriado pagão de Beltane - modelado após os graus e a estrutura da Maçonaria. O objetivo geral dos Illuminati era estabelecer uma sociedade livre e justa, sem tirania eclesiástica ou política em que ambos

homens e mulheres eram considerados iguais, e as autoridades da igreja não tinham voz. Para esse fim, eles supostamente buscavam a liberdade de expressão e a derrubada completa das estruturas de poder existentes, recebendo financiamento da Casa de Rothschild - tanto histórica quanto atualmente os principais financiadores do sistema bancário global - e forjando alianças com a Maçonaria, cujo sistema de graduação eles adotaram em uma série de dez níveis simbólicos: *Mosé, Moisés, Moisés, Moisés, Moisés, Moisés, Moisés, Moisés, Moisés, Moisés*.
Minor, Illuminatus Major, Illuminatus Drigens, Priest, Regent, Magus e Rex.

Os seis graus iniciais aparecem mergulhados nos mistérios bíblicos e cabalísticos da Maçonaria. De fato, é a partir desses graus iniciais que a estrutura Illuminati de Weishaupt encontrou o apoio mais forte das lojas maçônicas existentes. No entanto, no nível de Sacerdote, o candidato era obrigado a renunciar e cortar todos os laços maçônicos, fazendo um juramento de devoção exclusivamente aos Illuminati. O grau de regente estendeu ainda mais essa renúncia às estruturas políticas e religiosas convencionais, com o candidato denunciando formalmente *todos* os laços com afiliações sociais, religiosas e políticas e esperava-se que estendesse ainda mais a influência e os objetivos dos Illuminati, subvertendo e infiltrando aquelas muitas estruturas que eles denunciaram (uma prática que lembra os Hashishins abordados no Capítulo Um).

A ordem logo conquistou o apoio de algumas das principais figuras políticas, literárias e sociais da época, incluindo Fernando de Brunswick, o diplomata estrangeiro Xavier von Zwack, os escritores Wolfgang von Goethe e Gottfried Herder, o duque Karl August de Saxe-Weimar, o filósofo Georg Hegel, o místico Karl von Eckartshausen, o esquivo conde de Saint-Germain e numerosos príncipes, duques e barões da Baviera e além.

No entanto, em 1782, os delegados de uma conferência maçônica da Baviera - que aparentemente teve sua entrada negada no escalão superior da ordem - denunciaram formalmente os Illuminati. A pressão da hierarquia católica e das lojas maçônicas forçou o então governante Karl Theodor a banir completamente os Illuminati, e a ordem foi anunciada como dissolvida em 1785. No entanto, há evidências substanciais de que essa dissolução foi simplesmente um ardil para esconder as atividades da ordem internacionalmente. — particularmente na França e na nascente América, onde os princípios e doutrinas dos Illuminati tiveram uma influência substancial em ambas as revoluções (sabe-se que um dos arquitetos da Revolução Francesa, Jean-Joseph Mounier era um membro, e há fortes evidências de que Thomas Paine, John

Hancock, Alexander Hamilton e Thomas Jefferson eram secretamente afiliados à ordem).

Como observado anteriormente, Weishaupt recebeu apoio inicial da dinastia bancária dos Rothschilds, e há evidências consideráveis de que membros da família receberam iniciação formal na loja em seus estágios iniciais. Outros comerciantes e banqueiros eram bem conhecidos por terem conexões com a loja, incluindo o suíço Jean Gaspard Schweizer e o austríaco Ludwig von Goldman. No entanto, é através dos Rothschilds (cujo descendente, Mayer Rothschild é conhecido por ter declarado: "Dê-me o controle sobre a moeda de uma nação, e a lei não faz sentido") que Weishaupt obteve seu maior apoio financeiro e social - uma dinastia familiar que talvez não por coincidência foram responsáveis por financiar as guerras napoleônicas, o estabelecimento dos EUA

Federal Reserve em 1913 e atualmente possui cerca de 220 bancos, incluindo o Banco da Inglaterra, o Banco de Israel e o Banco Popular da China, bem como participações majoritárias em corporações como Microsoft e IBM. E é dos Rothschilds que os Illuminati perpetuam seu esquema mais insidioso de todos - uma dinastia composta por 13 linhagens distintas.

Os Illuminati em Doutrina e Prática

A essa altura, o leitor provavelmente se perguntará: "Liberdade? Igualdade? Liberdade? Não é essa a base da nossa sociedade moderna? O que há de tão insidioso na liberdade de expressão e na justiça para todos?" E, verdade seja dita, os ideais de liberdade de oportunidade e discurso ostensivamente propostos pelos Illuminati históricos são nobres e louváveis. Vale a pena notar que Weishaupt era um notável admirador do filósofo Baruch Spinoza e de seu texto fundamental *A Ética*.

Idealmente, um mercado livre apoiaria o comércio legítimo e justo, mutuamente benéfico para consumidores e financiadores.

Dado que a dinastia Rothschild possui atualmente cerca de metade da riqueza global, a noção de economia de livre mercado internacional na prática é simplesmente errônea. Dada sua forte proeminência dentro de conglomerados globais semelhantes de financiadores secretos de elite, como a Fundação Bilderberg, e suas práticas historicamente documentadas de financiar quase todas as guerras imagináveis durante a história moderna (bem como seu apoio atual e publicamente declarado a

causas sionistas em Israel e no exterior), mesmo o leitor mais cético deve cheirar um rato por trás do mito do livre comércio. Em vez disso, vamos ver os Rothschilds pelo que eles são: barões ladrões do calibre mais nefasto que se possa imaginar. E altamente bem-sucedidos nisso.

Os estatutos iniciais dos Illuminati afirmam que seu objetivo é “*pôr fim às maquinações dos fornecedores de injustiça, controlá-los sem dominá-los*”. E embora isso possa ter sido verdade em uma estrutura europeia progressivamente iluminada do século 18, o tempo mostrou repetidas vezes com que rapidez esses ideais foram corrompidos por partidos que buscavam ganância absoluta - e poder absoluto. Atualmente, a agenda por trás das maquinações dos Illuminati inclui:

- 1.) O estabelecimento de um governo mundial, completo com um militares e policiais mundiais e uma moeda centralizada. Esta é a verdadeira promessa do “Novus Ordo Seclorum” mencionado anteriormente no capítulo. E tanto o estabelecimento da OTAN, das Nações Unidas e, mais recentemente, da União Europeia, são lembretes tangíveis do sucesso da missão dos Illuminati.
- 2.) O estabelecimento de um banco centralizado controlando todas as transações. No coração dos Illuminati, a ganância é tão crítica quanto o poder e o controle. A existência de cúpulas como G-8, G-12, conferências patrocinadas por Bilderberg, bem como os recentes colapsos econômicos que atormentaram grande parte dos Estados Unidos e da Europa, todos carregam as marcas do design clássico dos Illuminati.
- 3.) Monitoramento avançado de microchips de cidadãos como uma necessidade de vigilância e controle. Este método tecnocrático de monitoramento, conforme previsto pelo membro Illuminati Zbigniew Brzezinski em seu livro *Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era*, é apenas um passo mais perto do controle final dos Illuminati iniciado com o estabelecimento do sistema de identificação da Seguridade Social e identificação do produto por código de barras. Com o tempo, essa vigilância também incluiu monitoramento digital da atividade na Internet, técnicas de escuta telefônica generalizadas e agências secretas de inteligência do governo.
- 4.) Um estado totalitário absoluto em que a liberdade de expressão é

proibida e a opinião divergente será sufocada. Os assassinatos físicos e de caráter generalizados daqueles que se propuseram a expor os esquemas dos Illuminati foram bem documentados. Deixar de se submeter aos projetos dos Illuminati, por exemplo, o Sistema de Serviços Selecionados dos EUA, a revisão do IRS e até mesmo o Registro de Veículos Motorizados pode e tem resultado em multas e prisão. Outros casos mais extremos incluíram assassinato, chantagem, extorsão, falência e incêndio criminoso.

É este quarto ponto que é positivamente crítico na avaliação dos perigos da Illuminati. Eles não se contentam apenas com uma longa e deliberada campanha de desinformação (muitas vezes disseminando informações conflitantes e supostos “vazamentos” sobre suas operações, de modo que ninguém, exceto o observador mais perspicaz, possa distinguir entre falsidade e realidade), mas procuram ativamente silenciar a dissidência por meio de ataques físicos, tortura e assassinato. Essa metodologia foi melhor notada pelos assassinatos do presidente Abraham Lincoln e de John F. Kennedy - ambos homens que, embora não estivessem diretamente cientes dos desígnios e planos dos Illuminati, certamente viram uma reforma no governo e na política econômica diretamente em oposição aos Illuminati. Outras mortes misteriosas que os Illuminati podem ser responsáveis incluem o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand da Áustria (que precipitou o início da Primeira Guerra Mundial), o assassinato de Mohandas Gandhi, as mortes de Jimmy Hoffa, Marilyn Monroe e Jayne Mansfield, o inexplicável “câncer”. ” de Bob Marley e até mesmo a recente morte do antigo “Rei do Pop” Michael Jackson.

Tanto o simbolismo interno quanto externo dos Illuminati estão repletos de emblemas e metáforas ocultos e esotéricos, dos quais o olho que tudo vê na pirâmide é talvez o mais notório. Este dispositivo enigmático entrou na cultura popular como um dos símbolos mais duradouros, aparecendo em todos os lugares, desde a nota de dólar anteriormente conhecida até romances populares, filmes, histórias em quadrinhos e videogames. A onipresença desse design levou a uma paixão pública pela simbologia dos Illuminati, muitas vezes involuntariamente - o que pode de fato fazer parte de seus designs, afinal. Em tempos mais recentes, a insígnia baseada nos Illuminati se tornou uma das tendências mais quentes na indústria da música, com artistas como Jay-Z, Lady Gaga, Katy Perry, George Clinton, Rihanna, Madonna, Nicki Minaj e Tool - para citar, mas alguns - todos exibindo abertamente simbologia distintamente baseada nos Illuminati em vídeos, capas de álbuns, shows ao vivo e fotos promocionais, seja consciente ou involuntariamente. Isso é um cortejo deliberado de controvérsia? Uma espécie de meta-trama “piscadinha” para o fascínio público com a lenda e tradição dos Illuminati? Ou tudo parte de um

plano cuidadosamente construído para atrair mentes mais jovens e mais impressionáveis a aderirem fielmente aos esquemas dos Illuminati?

Linhagens dos Illuminati

Como mencionado anteriormente, os Illuminati são liderados por 13 linhagens distintas (vale a pena notar que o fascínio pela perpetuação de linhagens é compartilhado com a introdução do capítulo anterior ao Priorado de Sião). relacionando-os com tudo, desde as 12 tribos de Israel mencionadas no livro de Gênesis (incluindo a 13ª tribo "perdida", comumente considerada a tribo Khazar) até os 12 signos do Zodíaco. Dado que muitas figuras proeminentes no governo, entretenimento e cultura são comumente consideradas como tendo algum grau de envolvimento com os Illuminati, é justo dizer que a adesão não é exclusiva apenas dessas linhagens. No entanto, a proeminência dessas linhagens e seus respectivos papéis nas finanças e na política exigem forte observância daqueles que buscam ativamente pesquisas sobre o mecanismo Illuminati.

1.) A linhagem Rockefeller. Como um dos mais óbvios e visíveis

linhagens na vertente genética Illuminati, a linhagem Rockefeller é supervisionada atualmente por David Rockefeller, cujos interesses incluem Chase Manhattan Bank, General Electric, Mitsubishi, Exxon e Mobil Oil. Rockefeller, de 99 anos, também é conhecido por ter fortes laços com a CIA e a Agência de Segurança Nacional, e é o membro fundador da Comissão Trilateral e do Conselho de Relações Exteriores, além de servir no Grupo Consultivo de Membros do Fundação Bilderberg. Longe de negar seu envolvimento nos esquemas dos Illuminati, Rockefeller o admitiu abertamente em suas memórias de 2002: *"Alguns até acreditam que fazemos parte de uma cabala secreta trabalhando contra os melhores interesses dos Estados Unidos, caracterizando minha família e eu como internacionalistas e de conspirar com outros ao redor do mundo para construir uma estrutura política e econômica global mais integrada – um mundo, se preferir. Se for essa a acusação, sou culpado e tenho orgulho disso."*

2.) A linhagem Rothschild. Como mencionado anteriormente neste capítulo, os Rothschilds são uma das famílias de banqueiros mais antigas da história internacional e estiveram diretamente por trás do estabelecimento do Federal Reserve

Reserve e o preço do ouro, bem como sua desvalorização em 1971, quando o presidente Nixon ordenou o cancelamento da conversibilidade do dólar americano em ouro (historicamente conhecido como "Choque Nixon".) A linhagem Rothschild é atualmente supervisionada por Jacob Rothschild e Benjamin Rothschild, e seus interesses combinados incluem o LCF Rothschild Trust, RIT Capital, Rio Tinto, uma lista de mais de 220 bancos centrais, o Federal Reserve e a American Bar Association.

- 3.) A linhagem Kennedy. Uma linhagem celta com fortes laços com a Maçonaria e a aristocracia escocesa, e como ocorreu a imigração para o Novo Mundo da América, o crime organizado e a Máfia. Vale a pena notar que a linhagem Kennedy, um sobrenome gaélico comum, não implica imediatamente que todos os Kennedy em todo o mundo sejam membros dos Illuminati - ou mesmo parentes próximos. Mas é uma prova da implacável sede de sangue dos Illuminati que um dos descendentes mais proeminentes foi assassinado por supostamente ir contra a política oficial dos Illuminati; a morte de John F. Kennedy, que marcou o fim de uma era na política e na cultura americana.
- 4.) A linhagem Astor. Fundada por John Jakob Astor, um comerciante de peles nascido na Alemanha, comerciante, investidor e emigrado americano ativo nos séculos 18 e 19, a família Astor - outrora sinônimo da elite dos recém-ricos fluando dentro e fora da América no final 19 e início do século 20, particularmente em Nova York - parece ter saído de moda. Mas seu interesse na política (a linhagem britânica Astor teve vários representantes no parlamento e no primeiro-ministro), finanças e supostamente o comércio internacional de drogas nunca diminuiu. Esta linhagem particular tem conexões proeminentes com agências de inteligência britânicas e americanas, a Pilgrim Society, a Rhodes Scholarship Foundation e vários bancos privados, empresas imobiliárias e fundos. Além disso, a dinastia Astor teve um forte relacionamento na Maçonaria (John Jakob Astor se envolveu fortemente com as lojas maçônicas de Nova York após sua imigração para a América; um feito estranho para um homem que supostamente falava menos do que uma frase em inglês) e outras excentricidades (uma descendente, Ava Astor era uma ocultista declarada e acreditava ser a reencarnação de uma princesa egípcia.)

- 5.) A linhagem Bundy. Com fortes laços com os mundos do governo, pesquisa, educação, ciência, filantropia e a sociedade secreta "Skull & Bones" de Yale, a família Bundy não é um dos nomes mais reconhecidos por muitos americanos. Mas com os membros da família Bundy servindo em iniciativas estratégicas importantes como a CIA, pesquisa atômica (Harvey Bundy, Sr. (como Cornell University, Ohio State e Harvard University) e supostamente, ocultismo (sabe-se que o proeminente banqueiro Harry Bundy serviu como um adepto-chefe em uma sociedade maçônica e rosacruz no Colorado no início do século 20), essa mesma falta de reconhecimento os torna ainda mais perigosos.

- 6.) A linhagem Collins. Uma linhagem enigmática com fortes laços com inteligência militar, direito, literatura, educação e, estranhamente, a igreja. O último se torna ainda mais surpreendente quando é revelado que algumas das figuras mais proeminentes da linhagem estiveram ativamente envolvidas na Maçonaria, Rosacruçianismo e ocultismo. Numerosos membros da família foram implicados em tráfico sexual e crime organizado ao longo dos anos; levando a pessoa a observar claramente tanto as atividades acima do solo quanto as naturezas mais clandestinas e sombrias dessa linhagem.

- 7.) A linhagem DuPont. Mais conhecidos como herdeiros da vasta dinastia química e farmacêutica estabelecida em 1802 como uma fábrica de pólvora pelo emigrado francês El du Pont, esta linhagem também mantém fortes conexões com o governo americano, com numerosos representantes pagos servindo em posições-chave na Câmara dos Representantes, Congresso e política local no estado de Delaware. Com uma riqueza combinada estimada em centenas de bilhões de dólares e fortes laços com as linhagens Astor e Rockefeller, a família desempenhou um papel crítico em garantir as negociações para a compra da Louisiana em 1803, que ajudou a expandir o território das Américas para o oeste. Mais recentemente, a família DuPont ganhou as manchetes em 1997, quando o herdeiro John DuPont - um filantropo ativo e entusiasta de esportes diagnosticado como paranóico e psicopata - foi condenado pelo assassinato do lutador olímpico Dave Schultz. No entanto, a conexão da família com várias outras mortes misteriosas e

desaparecimentos indicam que esta pode não ter sido a primeira instância de jogo sujo; nem é provável que seja o último.

- 8.)** A linhagem Freeman. Aqui, a ligação com o Priorado de Sião do capítulo anterior fica implícita, já que um dos membros mais recentes e iminentes do Priorado foi Gaylord Freeman, que serviu como Grão-Mestre de 1963 a 1981 (embora, de acordo com os votos inatos do Priorado de sigilo, o idoso Freeman negou publicamente qualquer envolvimento ou mesmo conhecimento da existência da sociedade.) Um financista muito respeitado, Freeman serviu como presidente do First National Bank de Chicago e foi um conhecido conselheiro de Nixon e Ford administrações, também servindo no conselho da Comissão Trilateral fundada por Rockefeller. Além disso, os membros da família Freeman têm conexões conhecidas com inúmeras filantropias, além de servirem no conselho da Liga Anti-Difamação da B'nai B'rith.
- 9.)** A linhagem Li. Uma linhagem extremamente evasiva, operando na Ásia e no Pacífico Sul. Estima-se que os membros da linhagem Li incluem financiadores, investidores e até mesmo presidentes e primeiros-ministros em Hong Kong, Cingapura e na República Popular da China (está bem documentado que David Rockefeller teve extensas relações com o primeiro-ministro chinês Li Peng na década de 1980 .) A linhagem Li também tem laços extensos com os Tongs e outras tríades do crime organizado chinês. Acima do solo, esta linhagem mantém interesses na Canadian Imperial, Cavendish International, Bank of Commerce, Hong Kong Electric e American Express, bem como mantém relações internacionais em comércio e financiamento com os EUA.
- 10.)** A linhagem Onassis. Em uma cadeia de DNA já composta por dinastias familiares que entraram no léxico público como sinônimo de riqueza incalculável, a linhagem Onassis pode estar entre as mais famosas. O magnata da navegação Aristóteles Onassis ganhou notoriedade como marido da viúva Jacqueline Kennedy em 1968, enquanto seu irmão e arquirrival Stavros Niarchos manteve um império de navegação igualmente impressionante e, segundo rumores, foi um dos instigadores por trás da Crise de Suez de 1956 (uma crise que buscou a remoção do então presidente egípcio Nasser e efetivamente aleijou

transporte ao longo do Canal de Suez.) Há rumores de que a linhagem Onassis tem envolvimento com táticas de extorsão e suborno desde pelo menos a Segunda Guerra Mundial (trabalhando em conluio com os governos dos EUA e da Grécia) e tem sido implicada em vários sequestros e mortes misteriosos (muitas vezes misteriosos “overdoses” de drogas — incluindo a da princesa Grace de Mônaco. Após a morte do Onassis mais velho em 1975, Niarchos assumiu o controle da linhagem até sua morte em 1996. Não é certo quem atualmente supervisiona a dinastia, mas há alguns indicadores de que pode ser o filho de Niarchos, Spyros, que atualmente mantém amizades próximas. com numerosos financiadores e primeiros-ministros em toda a Europa e Oriente Médio.

- 11.) A linhagem Reynolds. Mais conhecidos como os progenitores de ambos RJ Reynolds & Co., bem como Reynolds Metals, a linhagem mantém uma riqueza estimada em aproximadamente \$ 80 bilhões de dólares, além de sua monopolização de indústrias, incluindo agricultura e manufatura. Conhecida por financiar lobistas e pesquisas, a linhagem Reynolds trabalhou em estreita colaboração com vários senadores e congressistas dos EUA ao longo de cerca de 80 anos, orquestrando subornos e pagamentos e supostamente trabalhando em estreita colaboração com o crime organizado e sindicatos de transporte.
- 12.) A linhagem de Russell. Com sua mistura única de profecia bíblica e arrebatamento apocalíptico, a seita das Testemunhas de Jeová do cristianismo evangélico - que mantém mais de 9 milhões de adeptos em todo o mundo - parece uma fonte improvável para encontrar uma linhagem Illuminati. No entanto, seu fundador, Charles Taze Russell, não apenas introduziu seu próprio fervor escatológico no pool genético dos Illuminati, mas seus descendentes ideológicos - totalizando cerca de 120.000 congregações - foram acusados de espalhar as principais doutrinas dos Illuminati, com legislações de direitos civis bem-sucedidas em vários países; bem como investigações de alto nível em relatórios de abuso sexual e criminal em nome de suas congregações. O que torna tudo ainda mais notável é que Russell compartilha a mesma relação de sangue com maçons proeminentes e outras organizações obscuras; incluindo a fraternidade Skull & Bones de Yale, da qual se diz ser financiada e operada pelo fundo jurídico da corporação Russell. Vale a pena notar que o falecido Michael Jackson foi criado como Testemunha de Jeová até sua dissociação em 1987. Ele

é relatado ter um interesse de longa data nos Illuminati, e sua morte em 2009 ainda está sob sério escrutínio - principalmente por membros da família, que ainda mantêm a adesão à seita.

13.) A linhagem Van Duyn. Uma das linhagens mais obscuras que constituem os Illuminati. Diz-se que eles são descendentes dos primeiros colonos holandeses de Manhattan no século 17 e acumularam uma fortuna como comerciantes, comerciantes e fabricantes. Sabe-se, no entanto, que um dos membros fundadores da Planned Parenthood Federation of America (que, além de fornecer aconselhamento médico acessível, também fornece e incentiva o controle de natalidade e o aborto) foi Edward Van Duyn, um médico americano ativo no Décadas de 1920 e 1930. Sabe-se que a Planned Parenthood recebeu financiamento de trusts e fundações associadas ou com o nome direto das linhagens Astor, Rockefeller e Reynolds. Outra conexão interessante de Van Duyn talvez seja com o agitador radical holandês e anarquista Roel Van Dujin, que como fundador público do partido Provos, orquestrou numerosos motins e distúrbios em toda a Holanda nas décadas de 1960 e 1970.

Outras famílias proeminentes que se casaram com essas linhagens incluíram a família Ford; a família Vanderbilt; a família Hearst; a família Carnegie; e a família Dodge.

Membros

Um dos objetivos finais de qualquer sociedade secreta, como afirmado anteriormente, é a perpetuação dos segredos. E como a penúltima sociedade secreta secreta, os Illuminati têm quase 250 anos e incontáveis riquezas atrás deles, permitindo que se especializem em operações psicológicas e táticas de desinformação do tipo mais avançado. Talvez seja ainda mais apropriado que o próprio termo 'Illuminati' se traduza em 'Iluminados'; em latim, o nome *Lúcifer* vem das palavras *lux ferro*, ou "portador da luz".

Fora das linhagens mencionadas acima, não há contagem precisa de membros dos Illuminati. Não há registros oficiais de reuniões, listas oficiais de membros e registros anteriores. Eles são, de fato, a sociedade secreta arquetípica.

No entanto, ao longo dos anos, vários nomes foram mencionados em conjunto com os Illuminati; nomes que, examinados de perto, revelam traços comuns que desafiam a mera coincidência e assumem uma tonalidade decididamente mais sinistra:

pediatra e médico americano Dr. Benjamin Spock; o diretor Steven Spielberg; o magnata da música Rick Rubin; ator Tom Cruise; monarca britânica Rainha Elizabeth II; investidor bilionário Warren Buffett; a secretária de Estado Hillary Clinton; músico Paul McCartney; o assassino de Lee Harvey Oswald, Jack Ruby; primeiro-ministro britânico Winston Churchill; o ex-Secretário de Estado de Eisenhower, John Foster Dulles; a atriz Angelina Jolie; o pioneiro do talk show Johnny Carson; o economista John Maynard Keynes; magnata da mídia Oprah Winfrey; ex-presidentes George HW Bush, Sr. e George W. Bush, Jr.; o pioneiro da programação infantil Jim Henson; primeiro-ministro britânico Benjamin Disraeli; os inovadores de tecnologia Steve Jobs e Bill Gates; músico David Bowie; o presidente israelense Benjamin Netanyahu; o artista Bob Hope; O ex-presidente soviético Mikhail Gorbachev; o bilionário Richard Branson; o artista Salvador Dalí; ex-vice-presidentes Dick Cheney e Gerald Ford; ex-presidentes Richard Nixon e Franklin D. Roosevelt; o músico Prince; o diplomata Henry Kissinger; o ator Nicolas Cage; o ex-primeiro-ministro Tony Blair; comentarista político William F. Buckley, Jr.; o produtor de hip-hop Dr. Dre; os presidentes do Federal Reserve, Alan Greenspan e Ben Bernanke; o jogador de basquete Dennis Rodman; a atriz e diplomata Shirley Temple Black; Os ex-presidentes Dwight D. Eisenhower, Herbert Hoover e Ronald Reagan; diretor George Lucas; o fundador da ONU, Alger Hiss; e o evangelista de televisão Pat Robertson.

Capítulo Quatro: MAÇONARIA

Ao lado dos Illuminati (de quem eles estão intimamente associados) nenhum outro a sociedade gerou mais rumores e alegações do que os maçons. Ostensivamente uma organização fraterna dedicada a atos de caridade, obrigações cívicas, fraternidade e melhoria do indivíduo, a Maçonaria exerceu uma quantidade considerável de poder sobre as esferas política, econômica e social nos últimos trezentos anos. Como então essa estranha amálgama de homens díspares, enraizada em rituais obscuros, pompa e sigilo, veio a ser conhecida e vilipendiada como a arquiteta por trás de numerosas revoluções, guerras e mudanças sociais?

A instituição da Maçonaria se descreve como *“um belo sistema de moralidade, velado em alegorias e ilustrado por símbolos”*. Tal descrição é altamente sugestiva e, embora aberta à interpretação, parece não representar nenhuma ameaça imediata para a população em geral além de uma coleção de simbolismo bizarro mascarado por um véu frequentemente transparente de sigilo (ambos os rituais e doutrinas da Maçonaria foram publicados abertamente, e acessível até mesmo para partes não afiliadas.) De fato, em comparação com a moda em que a Maçonaria varreu a Europa e a América desde suas primeiras fundações até a primeira metade do século 20, a Maçonaria - que hoje conta apenas aproximadamente 1,2 milhão membros nos EUA (muito longe de seu apogeu na década de 1960, quando o número de membros chegou a quase 5 milhões) com números previstos para cair consideravelmente nos próximos vinte anos - parece um retrocesso quase arcaico e desatualizado a um período de bailes de gala e trajes masculinos elaborados ' só reuniões. Dificilmente vale a pena tempo ou consideração sérios.

No entanto, como o último capítulo mostrou, tem havido paralelos consideráveis e uma relação histórica mutuamente benéfica entre a Maçonaria e os Illuminati. Praticamente todos os pais fundadores dos Estados Unidos eram de fato maçons, como foi habilmente documentado em outro lugar; Na verdade, praticamente *todas as* presidências foram ocupadas por maçons ou incluíram membros importantes do gabinete que foram afiliados até a presidência de Abraham Lincoln (cujo assassinato ainda é objeto de muita especulação). E a influência dos Illuminati tem uma notável semelhança com a Constituição dos EUA. e Declaração de Direitos. Coincidência? Ou a instituição da Maçonaria é um campo de treinamento de

classifica para a candidatura dos Illuminati?

Como mencionei na introdução, ao contrário da natureza clandestina dos Illuminati, a Maçonaria pode ser a clássica sociedade secreta *aberta*. A adesão é aberta a todos os homens, com 18 anos de idade, que se juntem por sua própria vontade e professem uma crença não apenas em um Ser Supremo (e essa definição é definida de forma *muito vaga*), mas uma crença na melhoria do indivíduo e da sociedade. Tudo o que é necessário é o patrocínio e recomendação de pelo menos dois membros de uma loja maçônica.

Com uma campanha de publicidade e relações públicas altamente visível nos últimos anos (algumas das quais conscientemente acenam com sua reputação “misteriosa” e conspiratória) em um último esforço para encontrar novos candidatos das gerações mais jovens - a maioria dos quais provavelmente encontra a estrutura e o rito de a instituição irremediavelmente monótona e brega - a Maçonaria dificilmente é a sociedade evasiva e de elite sobre a qual se sussurrava em conjunto com os magnatas e líderes de tempos passados. No mínimo, pode ser comparado a uma casca de sua antiga influência e glória. No entanto, às vezes as conchas podem esconder alguns fantasmas muito estranhos.

Como cracas presas ao casco de um barco, a Maçonaria e os Illuminati podem estar inextricavelmente ligados. Como essa influência surgiu é outra história...

As Origens da Maçonaria

As origens da Maçonaria, como os apologistas e autores maçônicos gostam tanto de repetir, estão perdidas para sempre nas areias do tempo; enxertando assim uma insinuação altamente duvidosa de legado antigo sobre a história da arte maçônica. Como e por que esses misteriosos legados de pedigree antigo são tão essenciais para a Maçonaria pode ser em grande parte resultado de uma necessidade inconsciente de igualar longevidade com relevância (uma noção descartada com o súbito aumento de sucesso de instituições como o McDonald's ou filmes de ficção científica no imediato anos após a Segunda Guerra Mundial.)

Seja qual for o caso, a primeira atividade maçônica organizada é geralmente considerada fundada em 24 de junho de 1717 com a assembléia da primeira Grande Loja Unida da Inglaterra. Antes disso, havia guildas vagamente organizadas do que veio a ser conhecido como “Maçonaria Especulativa”; isto é, afiliados soltos de indivíduos com ideias semelhantes formando uma sociedade de ajuda mútua modelada a partir das guildas de pedreiros dos séculos 13 e 14, nas quais encontraram uma alegoria ideal para

crenças religiosas não denominacionais e a interpretação de parábolas bíblicas como metáforas tanto para a “irmandade universal do homem” (uma ideia não muito popular em tempos ainda pré-iluministas) quanto para alusões históricas. Algumas dessas guildas já existiam desde o século 16 (durante o qual as guildas de pedreiros foram oficialmente abolidas pelo arcebispo Thomas Cranmer, líder da Reforma Inglesa, em 1548), mas não foi até pelo menos 150 anos depois que essas guildas se reuniram para formar uma frente unificada.

Nos 70 anos seguintes, a Maçonaria começou a crescer consideravelmente entre todas as esferas da vida em toda a Europa, peticionando como fazia um ethos relativamente igualitário de fraternidade, justiça e trabalho. À medida que a popularidade da Maçonaria crescia, também crescia a necessidade de formalizar constituições estabelecidas, ditames e, mais notoriamente, sua estrutura de graus e rituais. O espaço nos permite mergulhar na estrutura desses rituais ou graus, além de afirmar que eles estão enraizados no simbolismo bíblico, clássico e cabalístico e na alegoria histórica (incluindo a introdução do mito dos Cavaleiros Templários conforme apresentado no Capítulo Dois), cujo significado se revela através de graus sucessivos.

À medida que a popularidade da Maçonaria migrou pela Europa e pelo Novo Mundo, muitos dos principais ideólogos da época se apaixonaram por seus princípios, que sustentavam que a igualdade de todos os homens era de fato um fato demonstrável (um paralelo com o axioma hermético de “ Como acima, assim abaixo” aludido na introdução deste livro.) Franceses como Jean-Jacques Rousseau, Voltaire e Montesquieu - todas as principais figuras do Iluminismo cujas filosofias teriam uma influência inestimável na formação da Constituição americana - foram maçons confirmados , assim como os pais fundadores americanos, como Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e George Washington.

Para colocar a popularidade de tais organizações secretas no contexto, devemos levar em conta que tais movimentos serviram a um duplo propósito: o primeiro é fornecer um porto relativo onde tais ideais poderiam ser defendidos e discutidos abertamente sem medo de represálias de ideologias políticas reinantes que viam o igualitarismo como inimigo de sua própria estrutura. A segunda é a de um mecanismo social. Assim como hoje, até mesmo os intelectuais precisavam de um lugar livre de julgamento onde pudessem relaxar e desfrutar do companheirismo e camaradagem de indivíduos com ideias semelhantes. Um exemplo drástico, se relevante, seria o infame Hellfire Club de Sir Francis Dashwood (do qual Benjamin Franklin era conhecido por ser membro) - uma sociedade libertina no século 18,

consistindo tanto de aristocratas britânicos quanto de plebeus que supostamente abrigavam serviços secretos de adoração ao diabo; embora com toda a probabilidade, isso fosse apenas uma metáfora colorida e poética para a embriaguez perpétua, em oposição às práticas satânicas legítimas.

Como os ideais e a popularidade da Maçonaria continuaram a filtrar em ambos os continentes, o mesmo aconteceu com sua interação com o pensamento cada vez mais progressivo, bem como com as organizações herméticas e rosacruzes existentes - ambas compartilhando origens filosóficas comuns. A necessidade de uma atitude mais inclusiva, bem como permissão para a diversidade de opinião e ritual, enfrentou as várias Grandes Lojas na Europa e nas Américas. A decisão deles foi estabelecer uma diretriz estrita de observância, práticas e tradição ritual na qual aqueles fora de seu âmbito - como lojas que optaram por permitir a participação feminina - carregavam o estigma de serem conhecidos como Irregulares ou Maçonaria Ilícita. Alguns costumes, como os da Maçonaria Prince Hall (que se desenvolveu entre os escravos libertos no final do século 18 e início do século 19) foram permitidos como entidades maçônicas separadas, mas reconhecidas pelos éditos da Grande Loja.

No entanto, aqueles que continuaram a operar - às vezes clandestinamente - como observâncias ilícitas maçônicas foram objeto de total hostilidade e difamação. E é a esses capítulos ilícitos que devemos observar se quisermos ver o lado sombrio da Maçonaria em ação.

Maçonaria na Prática

Na Maçonaria, a liberdade representava liberdade e igualdade em todos os setores da vida, na medida em que exigia a adoração de um Ser Supremo (a quem os maçons até hoje se referem como o Grande Arquiteto do Universo) cujos ditames o Maçom Livre e Aceito jurou cumprir e apresentar-se de acordo com (é interessante notar que os maçons podem ser considerados os pioneiros das práticas inter-religiosas atualmente na moda). O candidato maçônico era considerado um buscador da luz (veja o último capítulo para observar os paralelos entre a Maçonaria e os Illuminati); e tendo encontrado isso metaforicamente na instituição da Maçonaria, esperava-se que atuasse como um farol semelhante tanto para aqueles em sua comunidade quanto para seus irmãos maçônicos.

Mas para o Maçom Ilícito ou Irregular, essa liberdade representava uma liberdade de um tipo totalmente diferente; liberdade das estruturas religiosas convencionais, bem como liberdade dos fardos dos ditames morais que eles permitiram (novamente, estranhamente semelhantes

aos ensinamentos estabelecidos cerca de setecentos anos antes por Hassan i Sabbah e a Ordem dos Hashishins.) Um exemplo pertinente foi como o movimento se espalhou para a Rússia em meados do século XIX. Tanto a Rússia imperial quanto sua nobreza e até mesmo sua pequena nobreza na época foram atormentados por ataques violentos de anarquistas radicais e entidades niilistas (das quais, nenhum exemplo ficcional melhor poderia ser dado do que no romance clássico de Dostoiévski, "Os Possessos") - muitos dos quais alianças forjadas e células nas lojas maçônicas, regulares e irregulares, varrendo a Rússia na época. É sabido que o principal teórico anarquista Mikhail Bakunin (que certa vez escreveu que o revolucionário deve buscar *"o desencadeamento do que hoje é chamado de paixões malignas e a destruição do que é chamado de ordem pública. Vamos colocar nossa confiança no espírito eterno que destrói e aniquila apenas porque é a fonte insondável e eternamente criativa de toda a vida, a paixão pela destruição é uma paixão totalmente criativa"*) era membro de uma dessas lojas e também pediu a abolição do casamento, propriedade e a reversão completa de toda instituição social e religiosa; uma carga mais comumente associada aos Illuminati.

Também é sabido que Bakunin desfrutou de reuniões frequentes com o autor do *Manifesto Comunista* Karl Marx e foi uma influência direta na revolução de fevereiro de 1848 e na revolta da Comuna de Paris em 1871, ambas as quais buscavam substituir a república francesa por um projeto socialista mais declarado. Será que os espectros do comunismo e do socialismo que assombraram grande parte do século 20 têm suas raízes nos ideais maçônicos?

Na América, no entanto, os nobres ideais de igualdade e liberdade supostamente pertinentes à Maçonaria encontraram seu oposto diametral na Guerra Civil e sua prole distorcida, a Ku Klux Klan. Albert Pike, um oficial nascido em Boston que se tornou oficial do exército confederado, era um maçom de 33º grau (o mais alto grau reconhecido pela Maçonaria Regular e Aceita) e autor da estimada obra *Morals and Dogma of Freemasonry* (uma obra que está repleta de extensas referências elogiando a figura de Lúcifer; novamente, impregnado de um estranho paralelo com os Illuminati.)

Pike, que no início de sua carreira escreveria hinos para deuses pagãos anônimos, também teve um papel no estabelecimento da Ku Klux Klan, junto com Nathaniel Bedford Forrest (ele mesmo um colega maçom) - uma sociedade secreta que jurou defender os direitos dos cidadãos brancos e proprietários de terras do que eles viam como uma ameaça de escravos recém-libertos. Esta sociedade, repleta de códigos elaborados

palavras, fantasias e terríveis juramentos de sigilo deram início a alguns dos atos mais terríveis e covardes de violência e assassinato generalizados, atos que eles alegremente admitem continuar até hoje. Vários outros soldados confederados de alto escalão também participaram do estabelecimento da Klan, incluindo o general William Henry Wallace, o coronel Henry Alexander Wise e até (dizem os rumores) o general Robert E. Lee. O que nos faz pensar em quão sincera foi a suposta declaração de liberdade, igualdade e liberdade da Maçonaria se alguns de seus principais proponentes eram defensores descarados das instituições mais absurdamente bárbaras e desumanizadoras da história americana?

Talvez mais interessante e reveladora tenha sido uma série de cartas que Pike escreveu em 1871 para um importante diplomata e político maçônico chamado Giuseppe Mazzini, o organizador de um partido político italiano chamado *La giovine Italia*, dedicado à unificação dos estados e reinos separados em todo o mundo. a península italiana (e cujo slogan era “República Una, Independente e Livre”). Neles, Pike prediz a chegada de três guerras mundiais separadas que foram necessárias para semear e fermentar conflitos internos, levando a um grande e inevitável cataclismo social; uma prova de fogo após a qual a doutrina da pura luz e razão reinaria (novamente, significando raízes na doutrina Illuminati).

A Maçonaria já estava bem estabelecida na Itália no ano de 1877 e o formação da Loja *Propaganda Massônica* em Turim. Após a Segunda Guerra Mundial, a Maçonaria estava praticamente adormecida na Itália devido tanto à proibição da Maçonaria pelo regime de Mussolini quanto ao escrutínio do partido Democrata Cristão então no poder (é interessante ver o quão forte a Maçonaria tomou conta da Itália, dado a notória animosidade entre maçons e a Igreja Católica.)

No entanto, um maçom renegado, mas reconhecido pelo nome de Licio Gelli (conhecido por mostrar simpatia pró-fascista e nazista) reconstituiu a Loja moribunda como Propaganda Due, ou P-2 no final dos anos 1960, fora da jurisdição da Grande Loja da Itália. Em questão de poucos anos, Gelli era conhecido por ter influência sobre os mais altos escalões da sociedade italiana, incluindo o estado soberano do Vaticano - com quem, como foi demonstrado, Gelli aliou-se no negócio de ajudar a abrigar Criminosos de guerra nazistas escondidos.

Na verdade, a influência de Gelli era tão ampla que a influência de P-2 começou a ser vista como um governo secreto e sombrio, que se opunha virulentamente aos italianos.

Partido Comunista (de cujos membros a Loja cometeu vários sequestros notáveis e assassinatos subsequentes) e regularmente apoiado pelos governos do Brasil, Nicarágua, Uruguai e Argentina (de cujo ditador, Juan Peron, Gelli repetidamente se referiu como sendo seu amigo pessoal.)

Quando a lista pessoal de membros do P-2 de Gelli foi descoberta em 1981 após o escândalo bancário do Vaticano (no qual o Vaticano foi acusado de ser o principal acionista do Banco Ambrisiano, um banco privado que também operava como fonte de lavagem de dinheiro para vários membros do Máfia - um escândalo que deixou o presidente do banco e membro do P-2, Roberto Calvi, morto em um provável assassinato do P-2), sua lista contava com 43 membros do parlamento italiano, três ministros de gabinete, o chefe e subchefes de todas as principais ramo das forças armadas italianas, os principais financiadores e banqueiros da Itália, grandes figuras da mídia e até o futuro primeiro-ministro Silvio Berlusconi (de quem Gelli afirmou em 2003 em referência a: "Tudo está se tornando realidade pouco a pouco, peça por peça. Para ser sincero , eu deveria ter os direitos autorais sobre isso. Justiça, TV, ordem pública. Escrevi [o governo de Berlusconi] trinta anos atrás.")

Também figurando com destaque na lista de Gelli estavam membros notáveis do Gambino e sindicatos da máfia luchese. No entanto, apesar de várias - possivelmente centenas de - mortes e desaparecimentos inexplicáveis, acusações de suborno e corrupção e envolvimento conhecido com aquisições militares na América do Sul, Gelli, de 95 anos, não apenas permanece um homem livre até hoje, mas foi indicado ao Prêmio Nobre na literatura em 1996 por ninguém menos que Madre Teresa de Calcutá.

Talvez não seja tão surpreendente assim; rumores sobre o envolvimento de Gelli com campanhas patrocinadas pela OTAN e pela CIA para semear o sentimento anticomunista no exterior são ouvidos há décadas.

A Itália não foi o único regime totalitário a proibir a Maçonaria; sociedades secretas de todos os tipos foram banidas com a ascensão de Hitler e do Partido Nazista em 1933. No entanto, a influência da Maçonaria no espectro político alemão foi sentida décadas antes, principalmente durante o reinado do chanceler prussiano Otto von Bismarck. Bismarck, um maçom de 33º grau, ajudou a anexar e unificar os estados periféricos da confederação alemã, abrindo caminho para o segundo Reich Wilhelm I da Prússia (ele próprio supostamente um maçom de 33º grau) durante uma série de guerras sangrentas (incluindo o Franco -Guerra da Prússia), tornando-se o primeiro chanceler eleito da Alemanha. Ironicamente, foi o neto de Wilhelm I, o reinado de Wilhelm II que ajudou a inaugurar a Primeira Guerra Mundial - ela mesma, frequentemente implicada como evidência de uma conspiração dos Illuminati. Sabe-se agora que von Bismarck foi

concedeu o estabelecimento de um Supremo Conselho Alemão da Maçonaria por ninguém menos que Albert Pike; um fato que, à luz das profecias de Pike a Giuseppe Mazzini, torna a frase anterior ainda mais condenatória.

Até mesmo a Ordo Templi Orientis, discutida no Capítulo Dois, foi estabelecida em 1895 na Alemanha como uma “Acadêmica Maçônica” pelo químico austríaco Karl Kellner e pelo Dr. Theodor Reuss – um cantor, jornalista, informante da polícia, espião e outrora amante de Karl A filha de Marx, Eleanor. Sabe-se que Reuss fez conexões em Munique em 1880 com descendentes dos Illuminati bávaros originais de Weishaupt e recebeu uma carta para revivê-lo. De fato, um dos manifestos iniciais da Ordem pretende ensinar “*a chave para todos os segredos da Maçonaria*” bem como os da “*magia sexual*”; e desde numerosas alegações de estupro (a OTO é um dos poucos corpos derivados da Maçonaria que permitem uma presença feminina igual), agressão e coerção - para não falar de mortes misteriosas e uso de drogas conhecido - alguém se pergunta como interpretar esses segredos.

A Maçonaria Chinesa é oficialmente proibida pela República Popular da China, embora uma Grande Loja tenha sido formada em Taiwan em 1949, que é oficialmente reconhecida pela Grande Loja Unida da Inglaterra. No entanto, existem raízes paralelas no surgimento de sociedades de ajuda mútua que se desenvolveram ao longo da China continental nos séculos 16 e 17, e é bastante provável que a Maçonaria pudesse ter sido estabelecida por meio de rotas comerciais no país já no final dos anos 1700. Independentemente disso, a mistura da Maçonaria com a nova cultura imigrante chinesa nos EUA começou no início do século 19 com o surgimento do comércio marítimo Leste-Oeste e a construção da ferrovia transcontinental, e na década de 1870 havia lojas maçônicas chinesas reunidas em várias grandes cidades metropolitanas em todo os EUA

No entanto, com o surgimento necessário das notórias tríades da lenda sino-americana (elas próprias inicialmente sociedades de ajuda mútua dedicadas a ajudar famílias asiáticas ameaçadas por sentimentos xenófobos ou para ajudá-las a se estabelecerem no exterior) durante aproximadamente o mesmo tempo, na década de 1940, a migração de Os nativos chineses, taiwaneses e de Hong Kong assumiram uma tonalidade decididamente mais criminosa do que meramente os coloridos costumes das associações fraternas. Lojas maçônicas chinesas são conhecidas por abrigar traficantes de drogas de alto nível e fornecer cobertura para atividades de extorsão, jogos de azar, prostituição e falsificação, tudo camuflado com segurança pelo já secreto esquadro e compasso maçônicos. Não há como saber quão profunda é a extensão de

a infiltração de sindicatos criminosos com lojas maçônicas ainda é, mas de acordo com relatórios da polícia e do FBI, ela vem ocorrendo amplamente desde a década de 1970 - pelo menos.

Perigos da Maçonaria

Conforme declarado na introdução, há poucas razões para supor que todos os maçons estão por trás de um único plano unificado de dominação global. Na verdade, poucos maçons chegam ao escalão superior - a maioria se contenta em curtir uma noite sem suas esposas, vestidos com trajes bizarros, referindo-se uns aos outros por nomes exaltados e apertos de mão secretos. Uma versão adulta de um clube de casa na árvore.

Esses meninos adultos seriam tão rápidos em se dirigir conscientemente uns aos outros com uma piscadela e um aceno de cabeça se conhecessem a verdadeira história e os elementos sombrios por trás da Maçonaria?

Optei por omitir algumas das acusações mais bizarras feitas contra Maçonaria neste capítulo e, em vez disso, optou por confiar em fatos verificáveis. Não porque não haja base justificável nessas acusações, mas porque o pesquisador dedicado teria mais facilidade em tentar discernir o que acontece por trás dessas portas fechadas se apresentado à realidade concreta em vez da fantasia opinativa. O perigo real na Maçonaria não é necessariamente o do mal absoluto à espreita por trás do *sanctum sanctorum* de sua loja maçônica local. Não, o verdadeiro perigo é a rapidez com que virtudes aparentemente nobres podem ser denegridas nas esferas da ganância, do crime, do fanatismo, do assassinato e da corrupção fornecida pelo poder inatacável. E com que rapidez essas virtudes podem ser integradas em um esquema de controle e dominação em escala política e social global. A menos, é claro, que essas nobres virtudes simplesmente fizessem parte daquele esquema o tempo todo...

Membros

Além das partes já mencionadas neste capítulo, conhecidas e maçons históricos incluíram: Imperador do México Agustín I; o astronauta Edward "Buzz" Aldrin; imperador francês Napoleão Bonaparte I; autor Mark Twain; o pioneiro automotivo Walter Chrysler; aviador Charles Lindbergh; o poeta Alexander Pope; o ator Richard Pryor; O juiz da Suprema Corte, Earl Warren; o diretor de cinema mudo Louis B. Mayer; Diretor do FBI J. Edgar Hoover;

o líder turco Mustafa Kemal Atatürk; artista de fuga Harry Houdini; o líder boliviano Simón Bolívar; o diretor de cinema mudo Cecil B. DeMille; o ex-czar russo Alexandre I; ex-presidentes James Garfield, William McKinley e James Monroe; o boxeador Sugar Ray Robinson; Rei da Suécia e Noruega Carlos XIII; o artista Marc Chagall; o compositor Felix Mendelssohn; o rei britânico Guilherme IV; autor Arthur Conan Doyle; Lawrence Dale Bell, fundador da Bell Aircraft; pioneiro automobilístico Henry Ford; Os ex-presidentes James K. Polk, Andrew Jackson e Calvin Coolidge; promotor de boxe Don King; o cofundador da Apple, Steve Wozniak; Chefe de Justiça Earl Warren; Mt. Rushmore escultores e designers Gutzon e Lincoln Borglum; o explorador Richard Francis Burton; ex-presidentes Harry S. Truman e Theodore Roosevelt; o homem da fronteira americano Davy Crockett; Rei belga Leopoldo I; o político Bob Dole; o filósofo Friedrich Schiller; o co-fundador da Igreja de Mórmon, Joseph Smith; general da Guerra Revolucionária Benedict Arnold; Juiz da Suprema Corte Thurgood Marshall; Rei britânico Eduardo VIII; o filósofo Johann Gottlieb Fichte; o explorador Hiram Bingham; e os ex-presidentes Warren G. Harding e Lyndon B. Johnson.

Capítulo Cinco: A COMISSÃO TRILATERAL E O GRUPO BILDERBERG

No conhecimento totalmente indescritível das sociedades secretas, não há duas entidades que pareçam mais improváveis de serem incluídas do que a Comissão Trilateral e o Grupo Bilderberg. Ambos são instituições bem documentadas, embora privadas, cuja existência como conselheiros em tópicos de assuntos políticos e econômicos globais foi bem documentada. Nenhum dos dois reivindica qualquer herança ilustre (embora duvidosa) ou reivindicações de “sabedoria” oculta ou quaisquer fundamentos esotéricos que marcaram tantos dos grupos que cobrimos até agora. Na verdade, ambos parecem think-tanks geopolíticos padrão, com todas as armadilhas de banalidade, burocracia e inofensividade dócil que se esperaria de qualquer instituição socioeconômica supostamente “apartidária”. Minutas e sinopses de conferências regulares são atualizados rotineiramente em seu site, e ambas as fundações parecem operar com a relativa transparência desmentindo qualquer suposta atividade clandestina.

As primeiras impressões nem sempre são corretas.

A verdade é que, por trás de seu véu de aparente mundanidade e discurso de promoção de “crescente interdependência”, existe um ethos definitivo de globalização que às vezes parece totalmente idêntico à doutrina e metodologia históricas dos Illuminati. Tão idênticos, que os nomes mutuamente recorrentes e a polinização cruzada entre as três entidades dificilmente são coincidências. E com os principais conselheiros de ambas as entidades, incluindo os principais financiadores, “conselheiros” do governo e economistas nomeados subsequentemente, o patrimônio líquido final entre os dois *podia* promover ostensivamente avanços importantes em pesquisa e desenvolvimento científico, acabar com a pobreza ou a fome mundial ou garantir uma economia global adequada. infra-estrutura de recursos para o desenvolvimento de comunidades em todo o mundo. Ou pode ser mais um passo em direção a um governo mundial centralizado que os céticos têm rido das ameaças de todos esses anos.

Sinarquia e seus descontentes

O objetivo deste livro é fornecer uma visão histórica das sociedades secretas e a ameaça que representam para a população global. Não se destina a apresentar qualquer visão política, servir como uma cartilha econômica ou promover discussões xenófobas

sentimento. O leitor instruído pode, e provavelmente irá, encontrar obras adequadas nas quais possa apresentar um ponto de vista informado a esse respeito; e com toda a probabilidade, ele ou ela já o fez. Mas, ao pesquisar este livro, uma vertente particular tende a servir como um fator unificador por trás da aparente disparidade desses grupos. Esse fator é o de uma filosofia singular que busca construir uma cultura homogeneizada e uma estrutura governamental, empunhando um poder desordenado e inatacável, auxiliado pelos guardiões gêmeos das finanças e do clientelismo. Aquele em que a dissidência é silenciada - por atos de violência, se necessário - pela força e o controle exercido sobre todos os aspectos da vida de seus cidadãos, muitas vezes sem saber.

Para entender como a teoria de tal regime totalitário global poderia se manifestar, precisamos voltar às suas raízes – aquelas que remontam ao século 19 e que residem em uma obscura doutrina política chamada sinarquia. E um que foi proposto pela primeira vez por um ocultista francês e maçom conhecido chamado Joseph Alexandre Saint-Yves d'Alveydre.

Como mencionado no capítulo anterior, o surgimento de filosofias anarquistas radicais, socialistas e niilistas havia entrado em voga na Europa durante a segunda metade do século XIX, inspirado por escritores como Bakunin, Marx, Proudhon e Karl Heinzen (que escreveu que *“o principal agente do progresso histórico é o assassinato”*). Simultaneamente, houve um ressurgimento das filosofias hermética e rosacruz em todo o beau-monde artístico da época, com até mesmo filósofos notáveis apoiando o racionalismo. e a razão ficando encantada com as doutrinas místicas. Central para essa doutrina era a noção de uma elite e cabala invisível de “chefes secretos” que guiavam o progresso e a evolução do progresso espiritual e até mesmo material do homem (uma característica que agora deveria ser evidente como comum à Maçonaria e à doutrina dos Illuminati.)

Também em voga estava a noção de dialética hegeliana, que sustentava que os princípios de tese, antítese e síntese eram as sucessivas conclusões racionais por trás de todos os fenômenos, mas também que esse modelo poderia ser aplicado a construções políticas de larga escala em oposição às questões meramente subjetivas da ontologia. Um dos primeiros a adotar esse estranho enxerto de lógica dialética com filosofia esotérica foi o já mencionado D'Alveydre, cuja solução para a ameaça de colapso social niilista foi combatê-la com o que ele chamou *de sinarquia*, ou *sinarquismo*, que se traduz em “governo conjunto .”

Em sua obra *La France vraie (A França Real)*, D'Alveydre afirma que a O conceito de sinarquia - sua forma idealizada de governo derivada de crenças bizarras sobre o Egito Antigo e a Atlântida serem sociedades harmoniosas existentes como uma "unidade" orgânica - repousava sobre dois pilares. A primeira é que a sinarquia representava um 'Governo de uma elite esclarecida'. Naturalmente, a própria "elite" decidiria sobre a definição de "iluminação"; presumivelmente, referia-se àqueles que estavam de acordo com eles. A segunda seria o oposto da anarquia, onde se um estado mínimo necessário fosse necessário, ele teria controle mínimo, na sinarquia o estado teria controle máximo sobre cada aspecto da vida do indivíduo. Para esse fim, D'Alveydre e seus seguidores previram o surgimento de uma União Européia Federal, criando um mega-estado sem classes, mas hierárquico, dirigido por uma elite esclarecida sem políticas nem conservadoras nem liberais, mas cujo esclarecimento os autorizou a decidir e controlar todos os único aspecto da vida da população.

Apesar das ameaças legítimas de ambas as Guerras Mundiais acabarem efetivamente com o luxo fornecido à classe ociosa para perseguir essa teoria política mística maluca, suas ideias fundamentais começaram a se espalhar por toda a Europa. Tanto o fascismo quanto o comunismo da URSS são essencialmente elaborações de princípios sinárquicos fundamentais e, durante a Segunda Guerra Mundial, os sinarquistas franceses colaboraram com as forças de ocupação alemãs em Vichy, na França, com base na preservação do modelo do aparato estatal. Claro, o mundo aprendeu com os erros dos regimes totalitários e nunca buscaria o controle absoluto sobre uma população absoluta nos 70 ou mais anos desde então?

A menos que você pergunte aos residentes da União Europeia. Quem pode contar com um número predominantemente alto de representantes entre os conselheiros mais visíveis da Comissão Trilateral e do Grupo Bilderberg.

A Comissão Trilateral

Formada em 1973 por David Rockefeller (de quem você sem dúvida se lembrará do Capítulo 3), a Comissão Trilateral se autodenomina uma comissão privada formada por *"cidadãos do Japão, Europa e América do Norte para promover uma cooperação mais estreita entre essas principais áreas industrializadas do mundo. com responsabilidades de liderança compartilhadas no sistema internacional mais amplo"*. Da sua declaração de fundação:

"A crescente interdependência é um fato da vida do mundo contemporâneo. Ela transcende e influencia os sistemas nacionais... de igualdade, para desenvolver e executar políticas coordenadas em assuntos que afetam seus interesses comuns... abster-se de ações unilaterais incompatíveis com sua interdependência e de ações prejudiciais a outras regiões... reforçar o seu papel. A Comissão espera desempenhar um papel criativo como um canal de livre troca de opiniões com outros países e regiões. Um maior progresso dos países em desenvolvimento e uma maior melhoria das relações Leste-Oeste serão uma grande preocupação."

No entanto, os críticos foram rápidos em apontar que esse "promoção da interdependência" fez pouco para melhorar as disparidades fundamentais de troca, mas exacerbou as crises existentes de interesse comum; em certos casos, manipulando-os para atender às suas próprias agendas. Um dos primeiros críticos foi o ex-senador Barry Goldwater, que sugeriu que era uma *"tentativa coordenada de assumir o controle e consolidar os quatro centros de poder: político, monetário, intelectual e eclesiástico na criação de uma potência econômica mundial superior aos governos políticos do Estados-nação envolvidos"*. Embora do extremo oposto do espectro político, o destacado semiótico esquerdista Noam Chomsky insinuava a Comissão está *"preocupada em tentar induzir o que eles chamam de 'mais moderação na democracia'; voltando as pessoas à passividade e à obediência para que não imponham tantas restrições ao poder do Estado"*.

No entanto, coube ao mencionado Rockefeller - junto com a Trilateral e o fundador Zbigniew Brzezinski — para selecionar e escolher com eficácia as várias centenas de mentes importantes das finanças e da indústria para servir no comitê inicial; essencialmente garantindo que os interesses financeiros globais do império Rockefeller seriam melhor atendidos por seus membros do comitê. E foi em grande parte seu estratagema conjunto que ajudou a eleger o então governador da Geórgia, Jimmy Carter, para a cadeira presidencial em 1976. Não é de admirar que Atlanta fosse conhecida como o "Rockefeller Center of the South?"

No entanto, o dinheiro por si só não é suficiente para influenciar as mentes de uma população em geral. A experiência humana coletiva nos mostra que deve haver uma série concreta de

organizar princípios e diretrizes - não importa quão absurdos ou irracionais - a fim de desenvolver (ou talvez mais apropriadamente, *sugerir*) a aprovação ou desaprovação de uma população em massa. Portanto, antes de ler as seguintes palavras do co-fundador da Comissão Trilateral e ex-conselheiro de segurança nacional do presidente Carter Zbigniew Brzezinski (de sua obra de 1970, *Between Two Ages*), você pode querer manter a mente aberta sobre a descrição da sinarquia na seção anterior:

“Na ausência de consenso social, as necessidades emocionais e racionais da sociedade podem ser fundidas – a mídia de massa torna isso mais fácil de alcançar – na pessoa de um indivíduo que é visto como... fazendo as inovações necessárias na ordem social.

“Tal sociedade seria dominada por uma elite cuja pretensão ao poder político se basearia em conhecimento científico supostamente superior. Livre das restrições dos valores liberais tradicionais, essa elite não hesitaria em alcançar seus objetivos políticos pelas mais recentes técnicas modernas para influenciar o comportamento público e manter a sociedade sob estreita vigilância e controle.

“Embora o stalinismo possa ter sido uma tragédia desnecessária tanto para o povo russo quanto para o comunismo como ideal, existe a possibilidade intelectualmente tentadora de que para o mundo em geral tenha sido, como veremos, uma bênção disfarçada.”

O que pode ser comparado com as declarações do próprio Rockefeller após sua visita de 1973 à República Popular da China:

“O experimento social da China sob a liderança do presidente Mao é um dos mais importantes e bem-sucedidos da história da humanidade.” (New York Times, “From a China Traveler”, 10 de agosto de 1973) “... a unidade familiar foi desfeita ...As crianças são tiradas dos pais e colocadas em creches públicas... Os pais podem ver seus filhos uma vez por semana e quando os veem não podem demonstrar afeto pelos filhos. A ideia é ter os filhos e a família corta sua afeição e a direciona para o estado.

Os nomes são tirados das crianças e elas recebem números. Não há identidade individual... O sistema comunal está destruindo a moralidade na China Vermelha: não há moralidade porque o amor da família foi tirado. Não há honestidade e respeito entre os homens ou entre os homens. Não há dignidade humana: todos são como animais. Não há culpa associada ao assassinato de

indivíduos para a melhoria do estado...”

Ambos podem lançar uma luz inteiramente nova sobre a proposição de “promover interdependência entre as nações”.

O Grupo Bilderberg

Dentro do reino das sociedades secretas, o Grupo Bilderberg desfruta de uma certa notoriedade como operando sob políticas de exclusividade e privacidade. Paradoxalmente, nunca negou sua existência e lista abertamente os membros anuais e os presidentes de suas conferências, publicando até mesmo suas conclusões e relatórios. No entanto, cercado-os permanece um véu de sigilo e elitismo que faz com que o observador casual pondere quais são as verdadeiras motivações por trás de sua fachada aparentemente diplomática e benevolente.

As conferências Bilderberg foram estabelecidas em 1954 como uma conferência privada de três dias entre aproximadamente 60 líderes da política, finanças e indústria destinada a promover o diálogo entre a América do Norte e a Europa. O clima entre a Europa Ocidental e a América do Norte foi marcado por uma certa desconfiança e desconfiança, devido à então crescente influência da política do pós-Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria em ambos os lados. Buscando uma maneira pela qual os representantes pudessem estabelecer melhor os laços diplomáticos, o organizador Jozef Retinger - um conselheiro político polonês então exilado de sua terra natal pelo regime comunista - procurou entrar em contato com os principais assessores e chefes da indústria de outras nações europeias, que por sua vez contataram o então chefe da CIA, Walter Bedell Smith, e o conselheiro de Eisenhower, Charles Douglas Jackson, para dar seu apoio.

Posteriormente, cinquenta delegados de 11 países europeus e 11 delegados dos Estados Unidos participaram da primeira conferência realizada no Hotel de Bilderberg, na Holanda, de 29 a 31 de maio de 1954. As reuniões foram um grande sucesso e logo foram inauguradas como uma conferência anual. realizada em todo o mundo, com participantes entre 120-150.

O passado de Retinger é digno de nota, já que seu passado durante a Segunda Guerra Mundial permanece incerto. É claro que ele se encontrou com os principais líderes da resistência polonesa que estavam sob a anexação soviética em 1944. No entanto, certas facções o viam com desconfiança; ele estava trabalhando em nome das forças de ocupação alemãs? Forças aliadas? O então exilado primeiro-ministro Wladyslaw Sikorski? A questão permaneceu obscura e ele sobreviveu a várias tentativas de assassinato.

antes de seu exílio em 1947. O que se sabe é que tanto Sikorski quanto Retinger eram fortes defensores de uma unificação europeia e que o último ajudou a fundar o Conselho da Europa (um conceito que foi proposto e adotado de todo o coração pelo primeiro-ministro britânico - e maçom —Winston Churchill já em 1943) e o Movimento Internacional Europeu entre 1947 e 1949; ambos são precursores diretos da atual União Europeia.

Resumindo, ambas as organizações foram fortes promotores do conceito de um “Estados Unidos da Europa” totalmente integrado e centralizado, no qual um parlamento europeu centralizado e uma Constituição seriam diretamente aplicáveis a todos os cidadãos sob sua alçada, independentemente da respectiva região nacional em que residissem. em, cada um sujeito à lei centralizada aplicável e edital. Alistando vários industriais e lobistas de alto nível e influenciando diretamente as decisões das Nações Unidas, esses movimentos europeus integrados disseminaram vários think tanks – incluindo as conferências Bilderberg – ao longo da década de 1950 até 1993, quando o Tratado de Maastricht entrou em vigor por unanimidade e os arquitetos de uma Europa federalizada perceberam seu sonho cerca de 50 anos depois com o surgimento da União Europeia.

As semelhanças entre a UE e o conceito de sinarquia mencionado anteriormente neste capítulo são totalmente impressionantes. É verdade que o primeiro pode não falar a linguagem mística do despotismo esclarecido (proposto já em 370 aC por Platão em sua *República*) guiando a evolução do homem por meio de reinado e controle diretos, mas a noção de uma lei singular, uma constituição singular, um governo singular tudo indica a mesma busca por poder onisciente como previsto por D'Alveydre já em 1887 (que deve mais do que uma ponta do chapéu à influência inicial de um governo federalizado central proposto pelos pais fundadores maçônicos dos EUA). não se pode deixar de pensar no fantasma de D'Alveydre sorrindo enquanto ele estava na fila do Euro Disney em 1992, sabendo que sua semente inicial daria frutos completos menos de um ano depois. Os tiranos podem ser jardineiros cuidadosamente pacientes às vezes, de fato.

Atualmente, os chefes e participantes das conferências Bilderberg incluem proprietários do Washington Post e do New York Times; diretores da IBM, Google, Unilever, Goldman Sachs, Nestlé, BP e Barclays Bank; chefes do Federal Reserve Bank, da Organização Mundial do Comércio, do Conselho de Relações Exteriores e do Departamento de Defesa; e até mesmo reis e presidentes estrangeiros (em um gesto amplamente simbólico, presumimos).

riqueza e prestígio, a disparidade econômica tanto nos Estados Unidos quanto internacionalmente está em alta; crises médicas e causadas por doenças permanecem em níveis críticos; e provou-se que a noção efetiva de técnicas de vigilância de alto nível não é um voo da fantasia, mas uma tática orquestrada usada por vários governos – todos os quais representam interesses supostamente democráticos.

E, no entanto, essas corporações multinacionais continuam tendo lucros recordes, brechas fiscais internacionais, maior presença e um grau suspeito de influência de lobby. As guerras são travadas apenas ao longo de linhas econômicas amplamente estabelecidas, as sanções são colocadas em vigor e as políticas que afetam diretamente a segurança pública são implementadas sem a aprovação ou conhecimento público.

Com isso em mente, devemos ser tão rápidos em descartar D'Alveydre como um maluco?

Perigos dos esforços internacionalistas

Os perigos da Comissão Trilateral e do(s) grupo(s) Bilderberg são diretamente *porque*, não apesar de sua suposta transparência. Ao operar em vista direta do escrutínio público, eles alegam benevolência e diplomacia, convidando qualquer observador casual a ver por si mesmos o que essas reuniões buscam realizar.

No entanto, apesar desse fator de transparência, ambas as organizações permanecem enraizadas em uma ideologia que abraça uma cultura centralizada e homogênea, livre das nuances e diversidade dos estados-nação tradicionais, mas também promovendo uma “interdependência” na santidade e inatacabilidade de um superpotência unificada, controlando todos e cada um dos aspectos da vida de seus súditos e proibindo a liberdade de expressão, movimento, troca, opinião divergente e autonomia pelo estabelecimento do poder universal. Em essência, a realização mais bem-sucedida do sonho Illuminati imaginável.

Membros

Como organizações privadas, foi apenas muito recentemente que tanto a Comissão Trilateral quanto as conferências Bilderberg abriram listas de membros ao público devido ao escrutínio extremo, em grande parte com base em suas questões declaradas de “segurança” e posições legais como privadas, não -entidades lucrativas.

Os membros da Comissão Trilateral incluem: CEO da Shell Netherlands, Dick Benschop; O ex-presidente da Inteligência Nacional Joseph Nye, Sr.; ex-presidentes do Federal Reserve Alan Greenspan e Paul Volcker; CEO da Mattel, Robert Eckert; os senadores americanos Dianne Feinstein, John D. Rockefeller IV e Charles Rangel; o ex-secretário de Estados Henry Kissinger e Madeline Albright; CEO da Hess, John A. Hess; ex-embaixadores da UE John Bruton, Tomas Hendrik Ilves e Max Jakobson; Richard Olver, presidente da BAE Systems; o presidente da OTAN, Pierre Lellouche; Vice-presidente do ING, Cees Maas; Robin Buchanan, conselheiro administrativo da Bain & Company; David Bradley, CEO da Atlantic Media Co.; Ana Patrícia Botin, CEO do Santander UK; UBS vice-presidente Lord Brittan de Spennithorne; Fujio Cho, presidente da Toyota Motor Co.; O presidente do Banco de Tóquio-Mitsubishi, Nobuyuki Hirano; Presidente da Samsung, Lee-jae Yong; Embaixador coreano Hong-Seok Hyun; o vice-presidente da AIG, Jakob Frankel; o ex-embaixador de Israel Itamar Rabinovich; Presidente da SMS, Heinrich Weiss; Príncipe Philip da Grécia; Philip Loscher, CEO da Siemens; Rachel Lomax, diretora do HSBC; NM Rothschild Conselheiro Panagis Vourloumis; o ex-diretor executivo da Comissão de Ataques Terroristas do 11 de Setembro, Philip Zelikow; e os ex-conselheiros de segurança e inteligência nacional dos EUA, Dennis Blair e James L. Jones.

Os membros e participantes das conferências Bilderberg incluem: Vice-presidente do Citigroup, Peter Orszag; Henri de Castries, CEO da AXA; Andrew Liveris, CEO da Dow Chemical; Rainha Beatrix dos Países Baixos; o ex-congressista americano Richard "Dick" Gephardt; O ex-presidente Bill Clinton; NÓS Senadores John Edwards, Dianne Feinstein, John Kerry e Sam Nunn; os ex-secretários de Estado Henry Kissinger e Condoleeza Rice; CEO da Xerox, Paul Allaire; o ex-CEO da BP, John P. Browne; CEO do Barclays, J. Martin Taylor; F.Hoffmann-LeRoche e Co. CEO Fritz Gerber; Ex-Diretor do MN Rothschild Norman Lamont; o presidente do Central Europe Trust, Andrzej Olechowski; Peter Sutherland, presidente do Goldman Sachs; O ex-secretário do Tesouro dos EUA, Robert Rubin; Eric Schmidt, presidente executivo do Google; Príncipe Philippe da Bélgica; Klaus Kleinfeld, CEO da ALCOA; os ex-presidentes do Banco Mundial, Robert Zoellick e James Wolfenson; Embaixador da UE Bjorn Grydeland; o presidente do Banco Central Europeu, Jean-Claude Trichet; Peter Weinberg, CEO da Goldman Sachs; Editor do Wall Street Journal, Robert Bartley; Presidente da IBM, Louis Gerstner, Jr.; o presidente do TD Bank, Edmund W. Clark; O ex-senador americano Tom Daschle; Harold Ford, Jr., vice-presidente da Merrill Lynch;

O ex-presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke; Diretor da Agência de Segurança Nacional, Keith Alexander; Daniel Vasella, presidente da Novartis; Fundador e CEO da Amazon, Jeff Bezos; e o fundador e CEO da Microsoft, Bill Gates.

Capítulo Seis: CONSELHO DE EXTERNOS RELAÇÕES

Desde a sua fundação em 1921, o Conselho de Relações Exteriores tem sido um dos mais prestigiados think-tanks dedicados a políticas econômicas e comerciais globais da história. Ao contrário de outras entidades privadas (como a Comissão Trilateral ou o grupo Bilderberg), o Conselho de Relações Exteriores se inseriu no tecido da sociedade americana, tornando-se um informante público profundamente arraigado e conselheiro de políticas que a maioria dos cidadãos americanos simplesmente considera natural, nunca questionando como muita influência que essa entidade aparentemente “privada” tem sobre a política doméstica e internacional.

Talvez seja exatamente por isso que esse “think tank” privado de 5.000 membros é visto com tanta desconfiança por observadores críticos.

Poucos americanos podem argumentar que questões de livre comércio, regulamentações financeiras e as consolidações econômicas estão na vanguarda do atual sistema econômico dos EUA. Mas como essas políticas são construídas? Quem ou o que os informa?

Por que os eleitores dos EUA têm muito pouco a dizer sobre como as políticas que afetam os empregos domésticos no nível mais crítico são implementadas? Essas políticas são do interesse do público americano? Ou eles atendem a entidades que têm um interesse muito mais específico em mente; um interesse que serve não apenas a entidades globais, mas também a uma consolidação global de poder por atacado da qual os EUA representam apenas um aspecto muito pequeno – e, além disso, um interesse no qual os interesses da democracia não desempenham absolutamente nenhum papel?

Para melhor examinar o papel que o Conselho desempenhou na definição de políticas domésticas e internacionais ao longo dos últimos 95 anos, é necessário voltar à história do Conselho e examinar o pretexto e o contexto em que foi formado.

Origens do Conselho de Relações Exteriores

Imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, a América enfrentou um certo dilema em sua interação com nações estrangeiras, em particular a Alemanha. A América tinha sido um apoiador inicial da Alemanha durante sua entrada na guerra, mas público e

o sentimento do governo logo se voltou contra a nação e o apoio era, na melhor das hipóteses, ambivalente; e, na pior das hipóteses, crítico. Após a derrota da Alemanha, um grupo de importantes acadêmicos, economistas e conselheiros políticos foi convidado a informar o então presidente Woodrow Wilson (que havia usado o termo 'Nova Ordem Mundial' durante seu discurso dos Quatorze Pontos de 1918, quando declarou a propósito do envolvimento da Alemanha na Primeira Guerra Mundial: *“Desejamos que ela aceite apenas um lugar de igualdade entre os povos do mundo – o novo mundo em que agora vivemos – em vez de um lugar de domínio.”*) sobre as opções de diplomacia internacional quando a guerra terminar. Na conclusão da participação dos delegados na Conferência de Paz de Paris de 1919, eles decidiram criar uma instituição privada anglo-americana chamada The Institute of International Affairs, que ofereceria uma opinião independente e apartidária sobre relações internacionais. No entanto, o público americano desconfiava de qualquer atividade internacionalista como resultado das tragédias da Primeira Guerra Mundial e retirou o apoio em uma onda de protestos públicos. Em vez disso, a irmandade foi reconstituída sob o nome de Conselho de Relações Exteriores e começou a se reunir discretamente para evitar levantar suspeitas públicas até 1922, quando anunciaram sua incorporação formal.

Imediatamente antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, as fundações Ford, Rockefeller e Carnegie - todas notadas como tendo laços distintos com os Illuminati, com os Rockefellers servindo como a principal "linhagem" - começaram a financiar o Conselho, levando ao criação de vários subcomitês que serviram para influenciar os líderes locais e nacionais e, posteriormente, a opinião pública sobre as crescentes preocupações e ameaças à diplomacia internacional.

Eventualmente, a estima do Conselho dentro do governo federal tornou-se tão grande que, durante a eclosão da Segunda Guerra Mundial, eles foram convidados a ser conselheiros estratégicos em imperativos econômicos, militares e políticos diante da entrada dos Estados Unidos na guerra. Sua proeminência nas principais iniciativas estratégicas do governo dos EUA continuou durante a Guerra Fria e o Vietnã (uma pesquisa com mais de 500 funcionários do governo realizada entre 1945 e 1972 indicou que mais de 50% estavam servindo ou haviam servido como membros-chave do Conselho) até hoje. O que se apressa em perguntar: por que uma organização privada, independente e não partidária teria uma influência tão importante e decisiva sobre as iniciativas econômicas, políticas e militares?

Talvez mais prescientes sejam as palavras do ex-juiz da Suprema Corte Felix Frankfurter, que declarou no auge da representação desproporcional do Conselho no governo dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria: “A

governantes reais em Washington são invisíveis e exercem o poder nos bastidores”.

Crítica do Conselho de Relações Exteriores

O Conselho foi elogiado pela mídia e luminares políticos como Brian Williams, Fareed Zakaria, o senador Chuck Hagel e a atriz Angelina Jolie (cujas qualificações como fonte confiável em política internacional eram obviamente tão bem estabelecidas que o Conselho solicitou sua adesão em 2007) que declararam oficialmente que o Conselho é um *“recurso indispensável em um mundo cada vez mais complexo”*. O que é muito do que você esperaria de membros pagos do Conselho; que, de fato, todos os quatro são. Quando o ex-secretário de Estado (e ambos da Comissão Trilateral, participante do Bilderberg, presidente do Conselho de longa data e suposto membro de alto escalão dos Illuminati) Henry Kissinger foi recentemente solicitado a comentar sobre o Programa de Governança Global patrocinado pelo CFR de 2008 (que exige uma reconceituação do soberania nacional, citando a consolidação da soberania da UE como modelo orientador; o capítulo anterior ainda está na sua mente?), comentou: *“vai dar um novo impulso à política externa americana... Acho que a tarefa vai ser desenvolver uma estratégia geral para a América neste período em que, realmente, uma nova ordem mundial pode ser criada. É uma grande oportunidade...”*

Não surpreendentemente, o nome de David Rockefeller surge novamente como presidente do conselho e principal financiador) - desta vez, em um discurso de 1991, quando declarou: *“Somos gratos ao Washington Post, ao New York Times e a outras grandes publicações cujos diretores participaram de nossas reuniões e respeitaram as promessas de discrição por quase quarenta anos. Teria sido impossível para nós desenvolvermos nosso plano para o mundo se estivéssemos sujeitos aos holofotes da publicidade durante aqueles anos. Mas o mundo agora está mais sofisticado e preparado para marchar em direção a um governo mundial. A soberania supranacional de uma elite intelectual e de banqueiros mundiais é seguramente preferível à autodeterminação nacional praticada nos séculos passados.”*

Mesmo no início de 1974, em uma edição da publicação do Conselho *Relações Exteriores*, o membro do Conselho foi ainda menos seletivo ao descrever implicitamente os objetivos gerais do Conselho, afirmando: *“A Nova Ordem Mundial terá que ser construída de baixo para cima, e não de cima para baixo. ... mas, no final, contornar a soberania nacional, erodindo-a peça por peça, realizará muito mais do que o antigo*

assalto frontal à moda.

E talvez o mais contundente tenha sido a explosão do membro do Conselho James Warburg, filho do co-fundador do Conselho e arquiteto do Federal Reserve, Paul Warburg, ao declarar perante o Comitê de Relações Exteriores do Senado dos EUA em 17 de fevereiro de 1950: *“Teremos um governo mundial, seja voce gosta ou nao. A única questão é se o governo mundial será por conquista ou consentimento.”*

Tanto para análise imparcial, independente e bipartidária. Mas e daí críticas de fontes independentes?

O juiz advogado-geral da Marinha dos EUA e ex-membro do Conselho de Relações Exteriores por mais de 16 anos, Chester Ward, explica sua rejeição ao Conselho, citando sua existência como um “governo paralelo”: *“A camarilha mais poderosa desses grupos elitistas tem um objetivo em comum; eles querem provocar a rendição da soberania da independência nacional dos Estados Unidos. Um segundo grupo de membros internacionais do CFR compreende os banqueiros internacionais de Wall Street e seus principais agentes. Principalmente, eles querem o monopólio bancário mundial de qualquer poder que acabe no controle do governo global ... Uma vez que os membros governantes do governo paralelo do CFR tenham decidido que o governo dos EUA deve adotar uma política específica, as instalações de pesquisa muito substanciais do (o) CFR são postos a trabalhar para desenvolver argumentos intelectuais e emocionais para apoiar a nova política e para confundir e desacreditar intelectual e politicamente qualquer oposição. O principal objetivo do Conselho de Relações Exteriores é promover o desarmamento da soberania dos EUA e da independência nacional e submergir em um governo mundial todo poderoso.”*

Outro ex-membro do Conselho (e mentor do atual membro do Conselho e ex-presidente Bill Clinton) foi o professor da Universidade de Georgetown, teórico político e notável historiador Carroll Quigley, que declarou o assunto de forma mais sucinta em seu livro de 1966, *Tragedy and Hope*: *“O CFR é o Ramo de uma sociedade que se originou na Inglaterra e que acredita que as fronteiras nacionais devem ser obliteradas e uma regra mundial estabelecida”.*

Mesmo no início de 1962, o ex-agente do FBI Dan Smoot se referiu especificamente ao Conselho pelo título de seu livro *O Governo Invisível*, citando que: “O

O objetivo final do CFR é criar um sistema socialista mundial e tornar os EUA parte oficial dele”.

Perigos do Conselho de Relações Exteriores

Mantendo o foco central, tanto histórico quanto atual, deste livro, o Conselho de Relações Exteriores representa um fio em uma teia emaranhada de entidades que buscam a criação de uma superpotência econômica mundial centralizada, governada nem pelos interesses democráticos de seus cidadãos nem de seus líderes democraticamente eleitos, mas por um conglomerado internacional de magnatas da indústria, figuras da mídia, corporações transnacionais e líderes políticos globais eleitos que buscam autoridade absoluta e controle absoluto sobre a troca de finanças, mídia e pensamento. Para esse fim, as principais iniciativas do Conselho, como a implementação do NAFTA sob o membro do Conselho e então presidente Bill Clinton (que beneficiou apenas as corporações grandes o suficiente para comprar no comércio intercontinental e sujeitou três nações separadas a uma restrição totalitária do darwinismo social econômico em prática) e a União Européia (ela própria um produto do arquiteto Bilderberg Jozef Retinger) foram estabelecidos, embalando milhões de americanos em um sonho de maior prosperidade material e alegada “segurança” enquanto o tempo todo apertava seu controle em torno de sua garganta coletiva. O perigo do Conselho é que tantos cidadãos se recusam a reconhecê-lo como algo mais do que um padrão estabelecido na estrutura da vida americana.

Membros

Os membros do Conselho de Relações Exteriores incluem: o ex-diretor de planejamento de políticas dos Estados Unidos, Richard Haas; Presidente do Federal Reserve Bank, Michael Moskow; ex-embaixadores dos EUA Morris Abramowitz, Walter Roberts e George Kennan; magnata da mídia Oprah Winfrey; Conselheiro de Segurança Nacional Stewart Baker; Presidente da Comissão do 11 de Setembro, Thomas Kean; Senadores Sam Nunn, Jay Rockefeller e Joseph Lieberman; o CEO da Fox Media, Rupert Murdoch; Os ex-vice-presidentes Gerald Ford, Dick Cheney e Al Gore; os ex-diretores da CIA Allen Dulles e o general David Petraeus; o especialista em mídia William F. Buckley; o ex-assessor de Relações Exteriores William Bundy; Chefe de Gabinete do Presidente Colin Powell; investidor bilionário George Soros; Os ex-secretários de Estado Warren Christopher, Madeleine Albright e Condoleezza Rice; CEO da ABC Television, Thomas Murphy; âncoras de notícias de televisão Tom Brokaw, Bill Moyers e Barbara Walters; Lee Raymond, CEO da Exxon; Ex-Nova Jersey

a governadora do estado, Christine Todd Whitman; o CEO da Coca-Cola, Muhtar Kent; CEO da Boeing, Donna Hrinak; educador e estudioso literário Henry Louis Gates, Jr.; O ex-secretário do Tesouro dos EUA, Richard Rubin; o co-fundador das Nações Unidas, Alger Hiss; o presidente da Disney, Michael Ovitz; O ex-secretário do Trabalho George P. Schultz; O ex-governador de Massachusetts William Weld; e ex-EUA Secretária de Segurança Interna Janet Napolitano.

Capítulo Sete: CRÂNIA E OSSOS

A fraternidade da faculdade. O amado grampo de farsas cômicas do segundo ano nos últimos cinquenta anos. Um grampo colegial, sinônimo de levantar o inferno de boa índole, brincadeiras malucas e hi-jinks, trotes rituais e verdadeiras piscinas rasas de cerveja barata. Através de uma fraternidade, espera-se que um aluno encontre fraternidade, camaradagem e estabeleça o estabelecimento de conexões pessoais e comerciais que o servirão ao longo de sua vida profissional. Uma característica nada diferente do propósito de inúmeras outras fraternidades não educacionais, desde o Rotary Club local até os maçons; talvez remontando ao estabelecimento de guildas comerciais na Idade Média.

No entanto, mais recentemente, a instituição da fraternidade universitária ficou sob pressão, com exemplos de alcoolismo, abuso físico e verbal, agressão sexual e racismo citados por detratores que buscam demonizar a amada figura americana do “menino da fraternidade” em nada mais do que um perdulário desleixado, ignorante e perpetuamente bêbado, desperdiçando o dinheiro de seus pais em um oceano de cruza egoísta, preguiça e festas noturnas.

Se todas as fraternidades carregassem o estigma da Caveira e Ossos da Universidade de Yale, talvez esses detratores pudessem encontrar algo ainda mais problemático do que as alegações acima mencionadas.

O que há em Skull & Bones que causa medo e silêncio em todos, exceto no observador mais casual? São os emblemas obcecados pela morte que cercam tanto de sua tradição fantástica, incluindo rumores de abrigar os restos mortais de alguns dos heróis mais amados da América? É o segredo de boca fechada que envolve o grupo, tanto que questionar os rumores de afiliação resultou em mais de um punhado de demissões? Ou é uma conexão historicamente rastreável entre seus membros e os escalões superiores do poder internacional, um poder que se enxertou por meio de afiliação a posições-chave de liderança nos mesmos grupos que cobrimos até agora?

Afinal, é apenas uma fraternidade universitária inofensiva, não é? Todos bons jogos e diversão, embora um pouco mais mórbidos do que a maioria. *Animal House* (cujo capítulo Omega Theta Pi supostamente se inspira em Skull & Bones) em uma sombria drag de Halloween.

Continue lendo, e você pode se sentir grato por beber demais e deslizar
O GPA pode ser a maior preocupação com seu filho enquanto ele está na escola.

Origens da Caveira e Ossos

Tecnicamente, a sociedade Skull & Bones não é uma fraternidade de graduação. A associação é apenas por convite e estendida apenas a 15 membros por ano, e para isso apenas no primeiro ano. Além disso, as listas de membros atuais e históricas são mantidas completamente privadas. Não há declaração de missão oficial para a sociedade Skull & Bones, e a organização se recusa a divulgar suas atividades. Seus ativos também não são administrados pela Universidade de Yale, mas por um fundo privado conhecido como Russell Trust Association (em homenagem a seu co-fundador e incorporado em 1856). De fato, por muitos anos, tanto a sociedade quanto a Universidade de Yale se recusaram a reconhecer o própria existência do grupo.

A sociedade Skull & Bones foi fundada em 1832 como 'A Ordem da Caveira e Ossos' - ou 'Bones', como é informalmente chamada - pelos estudantes de Yale William Huntington Russell e o futuro Secretário de Guerra dos Estados Unidos e Maçom Alphonso Taft (pai de Presidente William Howard Taft - que, de acordo com a tradição da família, era membro da Skull & Bones e maçom.) É incerto o propósito por trás do design do grupo - supostamente foi após uma disputa sobre o Phi Beta daquele ano Prêmios Kappa, embora pareça mais provável que tenha sido estabelecido da mesma forma que muitas fraternidades são estabelecidas; como uma sociedade de ajuda mútua de estudantes de graduação que se unem para companheirismo e companheirismo.

Embora com critérios rígidos - em 1882, pelo menos quatro candidatos em potencial deveriam ser selecionados a partir de publicações estudantis e pelo menos outros quatro deveriam ser selecionados entre os capitães dos times esportivos de Yale - e um motivo muito mais macabro do que a maioria.

Igualmente enigmático é seu famoso emblema; uma caveira e ossos embaixo da qual está estampada a misteriosa legenda numérica 322. Uma sugestão é que a caveira e os ossos representam o juramento de mortalidade que os recrutas juram manter em silêncio, enquanto os números representam o ano e os dois fundadores iniciais.

Outras teorias, talvez rebuscadas, incluem que o crânio é uma alusão à famosa cabeça de 'Baphomet' supostamente idolatrada pelos Cavaleiros Templários, enquanto os ossos representam a forma da cruz sobre a qual o imperador romano Constantino foi crucificado. Outros afirmam que os números se referem à morte de

famoso orador grego Demóstenes, a um código numérico complexo com significado mágico (vale a pena notar que o motivo da caveira e ossos cruzados é encontrado em várias outras sociedades secretas, desde os Cavaleiros de Pítias até a “Câmara de Reflexão” encontrada nas iniciações maçônicas).

O Skull & Bones Hall é conhecido como “O Túmulo” e tem considerável influência egípcia e grega em sua fachada. A entrada no túmulo é estritamente proibida para não membros, embora tenha sido referido como “algo como uma cervejaria alemã”, com passagens bizarras, imponentes estátuas de cavaleiros em armaduras e uma misteriosa câmara repleta de velas, caixões, esqueletos, um bloco de corte, morcegos e uma bacia contendo um fluido vermelho. Nesta câmara, sabe-se que os candidatos são despidos de joias de metal (uma característica comum a todas as iniciações maçônicas), onde são colocados no caixão, 'cantados' e 'renascidos' novamente na sociedade, onde recebem um manto bordado com símbolos misteriosos. Um osso com o nome do candidato gravado é então jogado em uma pilha de outros ossos, simbolizando o seu (Yale tornou-se um campus misto em 1969, embora a sociedade Skull & Bones tenha se recusado a aceitar membros femininos até um processo em 1991) vínculo com a fraternidade, que é acionado no início de cada encontro. O candidato recebe então um nome secreto, muitas vezes de importância mitológica, histórica ou literária - exemplos sendo Hamlet, Thor, Shakespeare, Sancho Pança, Thor, Baal, Magog ou o distintamente maçônico Boaz - com o qual ele ou ela será conhecido como outros membros. Eles também devem completar uma descrição detalhada de duas noites de sua atividade sexual e autobiografia, medos e motivações em algum momento do próximo ano, emprestando a aparência ainda mais incongruente de uma sessão de grupo de encontro à atmosfera já bizarra.

Controvérsia da Caveira e Ossos

Os críticos são rápidos em apontar que a atividade de uma “sociedade” privada patrocinada por estudantes com base em princípios exclusivistas – que se inclina fortemente para homens protestantes brancos – nas dependências da universidade está em desacordo com a natureza inclusiva do sistema educacional americano moderno. Isso, no entanto, nada mais é do que um argumento de espantinho para os perigos que se escondem sob essa mistura extravagante e grotesca de altos privilégios e direitos.

Já em 1873, alegações foram feitas contra o grupo (que se autodenominam informalmente 'Bonesmen') de que eles foram informados a estudantes

fundos direcionados à Universidade para uso próprio e que havia uma tendência desproporcional de seus ex-alunos serem selecionados para posições-chave em finanças em detrimento de outros graduados de Yale. Acusações criminais mais sérias foram apresentadas contra o grupo, alegando que o roubo de túmulos era uma prática regular de iniciação para possíveis candidatos e que o grupo atualmente abriga os restos mortais do líder Apache Geronimo (é amplamente aceito que o senador dos EUA e conhecido Bonesman Prescott Bush— pai e avô dos futuros presidentes George HW Bush e George W. Bush, respectivamente, também conhecidos como membros da Skull & Bones - foram os responsáveis pelo roubo), o ex-presidente Martin van Buren e o revolucionário mexicano Pancho Villa.

Outros ainda apresentaram as alegações de que estupro e sequestro também são julgamentos iniciais comuns que candidatos em potencial devem realizar para provar tanto seu valor quanto sua natureza identificável de “elite” como futuros líderes nos campos da política e da indústria, colocando-se fora dos limites da lei, silenciando suas vítimas com fundos incomensuravelmente profundos. *“Para começar, o estupro é tão comum nos campi”,* alega uma vítima, *“que mesmo em Yale você vai encontrá-lo. Mas com Bonesmen é diferente.*

Eles realmente pensam que estão acima da lei. E com todo o dinheiro que entra e sai do Túmulo, você começa a se perguntar se esse é realmente o caso.” Ou, como disse um ex-membro em um artigo de 1977: *“É como tentar investigar a Máfia.*

Lembre-se, eles também são uma sociedade secreta.

No entanto, alegações e boatos são uma coisa. Cadeias comprovadas - baseadas não em conjecturas, mas em documentação verificável - revelam uma curiosa teia de nepotismo e clientelismo que inquestionavelmente liga a Skull & Bones a outros grupos previamente abordados neste livro, confirmando a reputação de manipulação, favoritismo e exclusividade do grupo.

Um dos co-fundadores do Conselho de Relações Exteriores foi secretário de Estado sob Theodore Roosevelt Elihu Root. Enquanto servia como procurador do estado, Root contratou um Bonesman chamado Henry Stimson para servir em seu conselho. Stimson mais tarde passou a servir como Secretário de Guerra sob o colega Bonesman William Howard Taft e, eventualmente, como Secretário de Estado sob Herbert Hoover - ele mesmo um co-fundador do Conselho de Relações Exteriores. Stimson acabou sendo nomeado Secretário da Guerra pela segunda vez, servindo sob dois presidentes - Franklin Delano Roosevelt (cujas ligações com os Illuminati foram exploradas no Capítulo Três) e Harry S. Truman (um conhecido maçom) - durante a América

entrada na Segunda Guerra Mundial, onde foi um dos principais defensores não só da guerra contra a Alemanha, mas também da construção da bomba atômica.

O homem-chave de Stimson para o Pentágono para o Projeto Manhattan (que supervisionou o desenvolvimento da bomba atômica) foi um companheiro de Bonesman chamado Harvey Hollister Bundy. Os dois filhos de Bundy, William e McGeorge - ambos também membros notáveis da Skull & Bones - mais tarde desempenharam papéis importantes como conselheiros da CIA e de relações exteriores dos presidentes Kennedy e Johnson durante a entrada dos Estados Unidos no conflito do Vietnã. Não surpreendentemente, ambos também passaram a ocupar papéis-chave no Conselho de Relações Exteriores (William Bundy foi editor da publicação do Conselho *Relações Exteriores*, e foi notado pela primeira vez afirmando que o “*papel do governo é estimular uma mudança em grande escala na atitude.*”) Pode não ser coincidência que McGeorge Bundy mais tarde serviria como presidente da Fundação Ford, cujos vínculos com a Comissão Trilateral, o Conselho de Relações Exteriores e os Illuminati já foram habilmente documentados.

O elo da família Stimson-Bundy não é o único elo hereditário na cadeia Skull & Bones a abrir caminho através dos níveis superiores da intriga política, militar e de defesa. Para tanto, basta observarmos a curiosa relação entre a família Harriman (dos banqueiros internacionais Brown Brothers e Harriman fama) e a dinastia política da família Bush. Uma ligação, curiosamente, que tinha laços com os regimes da Alemanha nazista e da URSS comunista – ambos supostamente “inimigos” dos interesses americanos.

O Brown Brothers Harriman - atualmente o maior e mais antigo banco privado dos EUA - foi formado após a fusão de duas entidades, Brown & Brothers e AW Harriman & Co. em 1931. Os sócios fundadores dessa fusão incluíam 8 membros da Skull & Bones, mais notavelmente Prescott Bush (a quem já fomos apresentados) e o futuro embaixador na URSS, W. Averell Harriman. Em 1942, uma ordem executiva assinada pelo presidente Roosevelt confiscou a propriedade de Prescott Bush, que também atuou como diretor da Union Banking Company de Nova York, sob a acusação de 'negociar com o inimigo nacional'.

O motivo da apreensão foi que o Union Banking também era a câmara de compensação e manutenção de ativos do magnata do aço alemão Fritz Thyssen, que financiava Hitler desde 1924. Inexplicavelmente, Prescott Bush foi eleito senador estadual dos EUA, mais tarde assumindo a responsabilidade pelo lançamento de Richard Nixon

na política (as ligações de Nixon com David Rockefeller foram amplamente detalhadas, para não mencionar nada sobre o papel que o secretário de Estado Henry Kissinger desempenhou em vários grupos detalhados em outras partes deste livro) e, coincidentemente, servindo como o primeiro tesoureiro da campanha nacional para o Planned Parenthood em 1947 (cujas ligações com a linhagem Van Duyn dos Illuminati foram exploradas no Capítulo Três.) Examinaremos as façanhas dos portadores legados da Caveira e Ossos de Prescott, George HW e George W., em breve, mas por enquanto, vamos virar nossas atenções de volta para um certo W. Averell Harriman.

Como mencionado anteriormente, Harriman serviu como embaixador dos EUA na URSS sob o presidente Truman. No entanto, antes disso, a empresa que Harriman formou, Brown Brothers Harriman, também possuía o Union Banking mencionado anteriormente. Durante seu mandato como embaixador da URSS, Harriman foi responsável não apenas por manter relações relativamente cordiais com Stalin, mas também por enviar fábricas inteiras para a Rússia. Após seu retorno aos Estados Unidos, Harriman começou a trabalhar em estreita colaboração com o Conselho de Relações Exteriores, apesar de ser inflexivelmente referido como um espião soviético pelo ex-major da KGB que se tornou desertor, Anatoliy Golitsyn. Algumas pesquisas recentemente descobertas também indicam que Harriman pode ter tido um papel direto na transferência de planos nucleares e chapas de impressão de dólares americanos para a Rússia soviética durante a Guerra Fria.

Um dos diretores da Brown Brothers Harriman foi Robert Lovett, ele próprio um Bonesman. Lovett foi o principal conselheiro de Truman em relação à reorganização das agências de inteligência americanas imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Foi por insistência de Lovett que a CIA foi formada em 1947, e a agência logo foi povoada por um número tão desproporcional de membros da Skull & Bones que o professor de história de Yale, Gaddis Smith, certa vez foi levado a comentar: *“Yale influenciou a Agência Central de Inteligência mais do que qualquer outra universidade, dando à CIA a atmosfera de uma reunião de classe.”*

Um projeto operado pela CIA foi o notório MK-ULTRA; um experimento secreto de operações psicológicas durante as décadas de 1950 e 1960, cuja extensão total ainda estamos descobrindo até hoje. O projeto envolvia o uso de drogas psicotrópicas poderosas, câmaras de isolamento, técnicas de lavagem cerebral e outros métodos de manipulação e controle psicológico (muitos deles administrados em instituições mentais como o Bridgewater State Hospital em Massachusetts), e foi financiado em grande parte pelo “independente” H.

Fundação Richardson; uma fundação estabelecida por um certo Eugene Stetson, um

Diretor assistente de Prescott Bush e ex-aluno da Skull & Bones.

Outros ex-alunos da lista da Skull & Bones preenchendo as fileiras da CIA incluem F. Trubee Davison (Diretor de Pessoal da CIA começando em 1951), William Sloane Coffin, Jr. (agente da CIA, 1950-1953), William Francis Buckley (agente da CIA 1956-1970, chefe da estação em Beirute 1983-1985), Hugh Cunningham (agente da CIA 1950-1973), Charles Whitehouse (agente da CIA 1947-1956 e embaixador dos EUA no Laos e na Tailândia na década de 1970; uma época que coincidentemente viu um aumento substancial no tráfico de heroína daquela região); Dino Pionzio (chefe da estação da CIA em Santiago Chile 1970-1975; uma época que coincidentemente viu a derrubada do regime de Allende por um golpe de estado sangrento e sua substituição pelo notoriamente sanguinário Augusto Pinochet), ex-senador americano David Boren (membro do Comitê da CIA de 1985 a 1999) e, é claro, o futuro presidente George H. W. Bush (Diretor da CIA 1976-1977).

Há uma controvérsia considerável sobre o mandato de Bush na CIA. Evidências descobertas indicam que ele pode ter estado envolvido já em 1963, em particular com uma unidade de contra-espionagem de codinome 'Pegasus' implicada em uma possível conspiração para assassinar o presidente Kennedy, de acordo com transcrições de fitas obtidas de uma escuta no telefone de Diretor do FBI J. Edgar Hoover; transcrições que incluem os nomes de Hoover, futuro vice-presidente (e irmão de David) Nelson Rockefeller, diretor da CIA (e diretor do Conselho de Relações Exteriores) Allen Dulles e um "George Bush" da CIA. Tanto Bush quanto a CIA negaram implicitamente as alegações da existência do envolvimento de Pegasus e Bush antes de sua nomeação como diretor em 1976; que, como uma agência de inteligência responsável pela desambiguação de informações e desinformações, naturalmente convém a uma organização secreta.

Uma coisa é certa; a invocação de uma 'Nova Ordem Mundial' levantou muitos uma sobrancelha quando Bush fez seu famoso discurso perante o congresso em 11 de setembro de 1990 (exatamente 11 anos antes da data dos ataques de 11 de setembro ao World Trade Center; uma data para sempre enraizada em muitos americanos como a razão por trás do filho de Bush, George W. Bush, sua entrada no conflito do Afeganistão e subsequente guerra no Iraque).

“Uma nova parceria de nações começou e estamos hoje em um momento único e extraordinário. A crise do Golfo Pérsico, por mais grave que seja, também

oferece uma rara oportunidade de avançar para um período histórico de cooperação. Desses tempos conturbados, nosso quinto objetivo - uma nova ordem mundial - pode emergir: Uma nova era - livre da ameaça do terror, mais forte na busca da justiça e mais segura na busca pela paz... A América e o mundo devem defender interesses vitais comuns. E nós iremos... Os americanos deram um passo à frente para compartilhar um adeus choroso com suas famílias antes de partir para uma costa estranha e distante. Neste exato momento, eles atuam junto com árabes, europeus, asiáticos e africanos na defesa dos princípios e do sonho de uma nova ordem mundial. É por isso que suam e trabalham na areia, no calor e no sol.”

A 'Nova Ordem Mundial' é, claro, uma frase mais comumente associada com os Illuminati. E é igualmente indicativo do objetivo final de todas as instituições globalistas e internacionais que se esforçam para forjar uma nova era; talvez um de paz, justiça e prosperidade. Mas só *para quem pode pagar*.

Houve aproximadamente 7.000 baixas americanas até o momento, resultantes da Crise do Golfo Pérsico de 1990-1991 e das contínuas guerras americanas no Afeganistão e no Iraque desde 2001. Quantas foram perdidas para *“a busca da paz”*; e quantos foram perdidos por causa de uma 'Nova Ordem Mundial'?

Perigos da Caveira e Ossos

É muito tentador ver a Skull & Bones como um terreno fértil para futuras recrutas para os Illuminati ou, inversamente, sociedades mais abertas, como a Comissão Trilateral, o Conselho de Relações Exteriores ou mesmo (como amplamente demonstrado por este capítulo) a CIA. Parece que, devido aos vastos links e comportamento dos ex-alunos da Skull & Bones, seria difícil encontrar uma roupa mais presunçosa sobre seu elitismo, sigilo e implicação em uma teia emaranhada de conspiração e duplicidade nos níveis mais altos da intriga política americana. ; uma presunção e arrogância que a organização pouco fez para dissipar em seus mais de 180 anos de existência.

Durante o grau de regente dos Illuminati, o candidato, após ser direcionado a um esqueleto, é questionado: *“Será que ali jaz o corpo de um rei, nobre ou mendigo?”* Sua resposta esperada é que *“o caráter de ser homem é o único que tem importância”*.

A lenda gravada na câmara interna da Tumba da Caveira e Ossos diz: *“Quem era o tolo, quem era sábio, mendigo ou imperador? Seja pobre ou rico, no*

Igual à morte.

Uma tradução aproximada é: “*Quem era o tolo, quem era o sábio, mendigo ou rei? Seja pobre ou rico, tudo é igual na morte.*”

Membros

Além das partes previamente nomeadas, outros membros da Skull & Bones incluíram: banqueiro de investimentos e fundador do Morgan Stanley Harold Stanley; Henry Luce, fundador da revista *Time-Life* (membro do Conselho de Relações Exteriores); Co-fundador do NY Mets (e tio de George HW Bush) George Herbert Walker Jr.; escritor Archibald MacLeish; Banqueiro e fundador de Dean Witter, Dean Witter, Jr.; o ex-senador e herdeiro de Heinz, H. John Heinz; Senador de Estado John Kerry; o ex-presidente do Federal Reserve, Pierre Jay; co-fundador do Conselho de Relações Exteriores Charles Seymour; editor, criador do *Fortune 500* Russell Davenport (também membro do Conselho de Relações Exteriores); ex-senadores John Patton Jr., James Buckley, John Chafee e Victor Ashe; o presidente da Sears, Edward Lampert; Frederick Wallace Smith, fundador da FedEx; os ex-embaixadores americanos David Thorne, Winston Lord, Evan Galbraith e James Jeremiah Wadsworth; O fundador *da National Review*, William F.

Buckley, Jr.; Andrew Dickson White, cofundador da Cornell University; e nós Confie no presidente Daniel Davison.

Capítulo Oito: O COMITÊ DOS 300

Até agora, optamos por examinar as sociedades secretas que estão enraizadas em evidências históricas incontestáveis. Outros exemplos de sociedades secretas ao longo da história, como a Sociedade do Dragão Branco, a Ordem dos Nove Ângulos, os Cavaleiros do Círculo Dourado, a Ordem Esotérica de Dagon e a Ordem do Paládio e a Sociedade dos Quatro Pi mencionados na introdução deste livro, foram omitidos porque sua existência provou ser uma farsa, a evidência de sua existência é sustentável na melhor das hipóteses ou sua influência é tão marginal que praticamente não tem efeito algum no mundo em geral.

Quando se trata do Comitê dos 300, estamos na linha entre ficção, exagero e possibilidade histórica.

Na literatura pertencente a sociedades secretas e teorias da conspiração, o Comitê dos 300 às vezes é negligenciado ou subestimado. Certos pesquisadores simplesmente assumem que o Comitê é simplesmente outro codinome para os Illuminati e o usam de forma intercambiável. Outros ainda apontaram falhas críticas nas teorias existentes por trás da existência do Comitê, como textos que provaram ser falsificações. Outros ainda reuniram meticulosamente evidências históricas que ligam muitas das figuras que discutimos até agora com as supostas origens do próprio Comitê; e é este último fator que nos interessa particularmente.

A correlação entre industrialização, comunicação midiática, controle econômico e globalização foi amplamente demonstrada ao longo da história, e esteve presente desde o alvorecer da Revolução Industrial no século 18 (coincidentemente, um período que viu o surgimento tanto da Maçonaria quanto da Illuminati.) Paralelamente a isso houve um aumento no crescimento da população global, que o economista e estudioso britânico Thomas Malthus previu já em 1798 que resultaria no que veio a ser conhecido como uma 'catástrofe malthusiana'; em que tanto as causas naturais, como a fome, a fome e as doenças, quanto as construções artificiais, como a guerra, a pobreza e a violência, seriam conclusões inevitáveis que eram resultados fundamentalmente cíclicos necessários para corrigir essa expansão do crescimento populacional diante da escassez de recursos. A razão pela qual esta conclusão altamente controversa é trazida aqui não é apenas para revigorar as teorias econômicas há muito adormecidas, mas para que o leitor

temos um pouco de contexto ao abordar a plausibilidade de certos planos de longo prazo do Comitê dos 300.

As estatísticas da população mundial indicam que o censo global de 2014 foi estimado em cerca de 7 bilhões de pessoas. A Organização Mundial da Saúde prevê um aumento incremental de aproximadamente 10% a cada 5 anos; o que significa que até 2029, poderemos enfrentar uma população global de 9 bilhões. Com a disparidade econômica global em alta, crises de escassez de alimentos, conflitos incessantes e transglobais e a disseminação de doenças virais altamente contagiosas como o Ebola, a questão não é se Malthus estava certo ou não, mas se nós pode se dar ao luxo de não considerar as ramificações da existência do Comitê dos 300?

Origens do Comitê dos 300

De um modo geral, muitos teóricos atribuem o Comitê dos 300 a uma citação do industrial alemão assassinado Walther Rathenau em um artigo de 1909, quando ele afirmou: *“Trezentos homens, todos conhecidos uns dos outros, dirigem o destino econômico dos continentes e escolhem seus sucessores de entre eles.”* Na época, a Alemanha enfrentava um aumento sem precedentes da riqueza nacional e, subsequentemente, um aumento acentuado no custo de vida e no contraste entre as classes trabalhadoras e ociosas; uma discrepância não ajudada pelas relações contenciosas do Kaiser Wilhelm II com nações distantes, bem como seu apoio diplomático com países vizinhos, que precipitou a entrada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial em 1914. Essa discrepância, que viu um aumento na riqueza de apenas alguns dos 15 milhões da nação residentes, encontraram um alvo imediato através do anti-semitismo, que era uma marca da cultura alemã desde a Idade Média.

Em 1912, jornalistas como Theodor Fritsch declararam a declaração de Rathenau uma *“confissão aberta da indubitável hegemonia judaica”* (Rathenau era de fato de origem judaica) e basearam-se nos protocolos apócrifos do século anterior *dos Sábios Sábios de Sião* — um documento que desde então provou ser uma farsa - como evidência testemunhal de uma conspiração judaica global. Apesar da insistência de Rathenau de que os trezentos líderes a que se referia eram líderes da indústria e não necessariamente judeus (e esclareceu que abominava as ramificações de tal exclusividade), o industrial foi assassinado por três cúmplices em 1922, um dos quais, Erwin Kern, citou explicitamente a adesão de Rathenau aos “300

Sábios de Sião” como justificativa para o assassinato.

Ainda assim, outros traçam a existência do Comitê não até a Alemanha do início do século 20, mas desde 1727 e o surgimento de um misterioso “Conselho dos 300” orquestrado pela British East India Trading Company.

A East India Trading Company era uma empresa comercial privada que na verdade foi oficialmente licenciada pela rainha Elizabeth I já em 1600 (vale a pena notar que um conselheiro estratégico constante da rainha era Sir John Dee, um notável fornecedor de doutrinas herméticas e rosacruzistas.) O foco principal da empresa estava no subcontinente indiano e no continente chinês, onde passou a responder por mais da metade do comércio mundial, importando sedas, chás, corantes - e, principalmente, pólvora e ópio. Esses negócios podem ter sido de fato o modelo de negócios para operações clandestinas modernas como a Máfia e vários cartéis de drogas da América Central e do Sul.

As ações da empresa pertenciam a vários comerciantes britânicos ricos e aristocratas, e era controlada apenas indiretamente pelo governo britânico, que não possuía ações. Esta pode ser a primeira instância de uma empresa privada com mais poder executivo e riqueza sobre comércio e câmbio do que seu próprio governo, mas está longe de ser a última. Acontece que muitos desses mercadores e aristocratas pertenciam não apenas à cavalaria Order of the Garter (uma das mais altas e prestigiosas honras concedidas a um súdito britânico não monárquico, e ela própria uma sociedade semi-secreta que é a causa de muita especulação), mas também a Maçonaria e várias ramificações maçônicas, como a Ordem do Cordão Escarlate, a Cruz Vermelha de Constantino e a Ordem de São João de Jerusalém. É deste último (uma ramificação dos Cavaleiros de Malta, que por sua vez reivindica linhagem direta dos Cavaleiros Templários) que o núcleo do Conselho dos 300 teria se formado, principalmente como um comitê comercial exclusivo composto apenas por o europeu mais elitista e de alto escalão (pois, a essa altura, os membros fundadores do Conselho haviam se tornado mercenários e estabelecido negociações e alianças com outros sindicatos comerciais europeus, como as Companhias Holandesas, Francesas e Portuguesas das Índias Orientais e a Companhia Barbary) comerciantes e nobres apenas da maior riqueza. Corria o boato de que este Conselho tinha o controle exclusivo de mais de 300 portos; daí o título, Conselho dos 300. Inevitavelmente, esses fios abririam caminho para o tecido dos Illuminati; onde eles abririam caminho para sociedades e instituições ainda mais díspares.

A British East India Trading Company foi formalmente dissolvida em 1874, em grande parte como resultado da colonização britânica da Índia (que muitos teóricos acreditam ser em grande parte o resultado de um conluio do Conselho de 300). de saturação da indústria, bem como o aumento do comércio continental intereuropeu devido a meios de transporte mais rápidos, como a ferrovia. No entanto, o Conselho dos 300 já havia se estabelecido como uma força mercantil inatacável e onipresente, cujo número havia crescido para cerca de 300 famílias, indivíduos e instituições. Alguns dos mais significativos entre os últimos incluíam o Bank of London, NM Rothschild, Standard Oil (estabelecido pelo patriarca Rockefeller John D. Rockefeller), De Beers Diamond and Mining Co. (estabelecido por Cecil Rhodes) e Barclays Bank - todos os quais tiveram figuras associadas e estreitamente interligadas em outras partes deste livro.

Informalmente, diz-se que o Conselho se autodenomina “o Olimpianos”, devido à sua identificação com os deuses do mito grego.

Uma coisa é exercer poder onisciente nos campos da indústria. Mas o verdadeiro poder vem do domínio da esfera política. Se a Maçonaria e os Illuminati nos ensinaram alguma coisa, é que tanto a política, a indústria e uma agenda oculta escondida e tramada por trás de véus impenetráveis de segredo fizeram alguns dos companheiros de cama mais bem-sucedidos da história. Mesmo candidatos políticos malsucedidos, como Mitt Romney e Donald Trump – ambos começaram suas carreiras políticas depois de alcançar um sucesso extraordinário nas esferas financeira e imobiliária – estão cientes disso. O fator-chave, então, é como obter força política sutil e discretamente? A resposta é através da manipulação das atitudes do público pela disseminação de informações. A mídia. Para tanto, o Conselho estabeleceu grupos de reflexão sem fins lucrativos e conglomerados mundiais com objetivos políticos. Incluídos entre alguns dos mais influentes estão os quatro seguintes:

- 1.) Chatham House, o Royal Institute of Affairs. Um privado, não agência governamental sediada em Londres estabelecida em 1920, que afirma que sua missão é *“ajudar a construir um mundo sustentável, seguro, próspero e justo”* ao *“envolver governos, setor privado, sociedade civil e seus membros em debate aberto e discussão confidencial sobre os assuntos mais desenvolvimentos significativos em assuntos internacionais”*. Na verdade, o Royal Institute of Affairs foi criado por

Lionel Curtis, um ferrenho federalista britânico que trabalhou ao lado do Conselho de Relações Exteriores durante seu desenvolvimento. Curtis foi um dos descendentes diretos do núcleo fundador do Conselho dos 300 e trabalhou extensivamente com o membro dos Illuminati e maçom Cecil Rhodes para a expansão da colonização britânica na África. Na realidade, a Chatham House tem trabalhado extensivamente para disseminar pontos de vista que pedem a unidade e expansão britânica, bem como publicar relatórios a favor não apenas de uma União Europeia totalmente integrada, mas também tem trabalhado para estabelecer regulamentos mais rígidos garantindo uma constituição centralizada.

2.) O Conselho de Relações Exteriores, a quem já examinamos em detalhes durante o Capítulo Seis.

3.) O Clube de Roma. Um think tank global fundado em 1968 por Aurélio

Peccei e Alexander King em Roma (agora com sede na Suíça), o Clube de Roma pretende *“atuar como um catalisador global para a mudança por meio da identificação e análise dos problemas cruciais que a humanidade enfrenta e da comunicação de tais problemas para o público mais importante e tomadores de decisão privados, bem como para o público em geral”*. O Clube ganhou destaque pela primeira vez em 1972 com uma publicação intitulada *The Limits to Growth*, um documento malthusiano que argumentava que os limites do crescimento econômico dependiam de recursos de rápido crescimento - em particular o petróleo; portanto, o crescimento estava sujeito à escassez e em proporção inversa à demanda (uma noção que pressagiava a Crise do Petróleo de 1973). Peccei, um notável industrial italiano, era um conhecido maçom ligado à loja 'Propaganda Due' de Licio Gelli; King, um químico britânico e cientista ambiental, tem a reputação de vir de uma longa linhagem de patrocinadores britânicos dos Illuminati e é conhecido por trabalhar *“independentemente”* ao lado da Comissão Trilateral e do conselho de Relações Exteriores.

4.) O Instituto Tavistock de Relações Humanas. Um Rockefeller financiado

think tank formado em 1947, o Tavistock Institute descreve sua missão como *“dedicada ao estudo das relações humanas com o objetivo de melhorar a vida e as condições de trabalho para todos os humanos dentro de suas organizações, comunidades e sociedades mais amplas e à influência do meio ambiente em todos os seus aspectos sobre a formação ou desenvolvimento de*

caráter ou capacidade humana". Na realidade, o grupo é extremamente hábil como um mecanismo de engenharia social que trabalhou em estreita colaboração com a CIA durante o projeto MK-ULTRA. Tanto Henry Kissinger quanto Paul Warburg — ambos cuja relação com os Rockefeller e o Conselho de Relações Exteriores abordamos em outras partes deste livro — foram os primeiros financiadores dos projetos de Tavistock e, de fato, o Instituto trabalhou em estreita colaboração com o Conselho de Relações Exteriores. Relações há muitos anos. Um dos membros fundadores do Tavistock, o psiquiatra John Rawlings Rees, fez esta citação reveladora sobre a dinâmica da engenharia social durante este discurso de 1940 antes da Conferência Nacional de Saúde Mental: *"Podemos, portanto, enfatizar justificadamente nosso ponto de vista particular no que diz respeito ao desenvolvimento adequado da psique humana, mesmo que nosso conhecimento seja incompleto. Devemos almejar que ela permeie todas as atividades educacionais em nossa vida nacional. A vida pública, a política e a indústria devem estar todas dentro de nossa esfera de influência... Se quisermos nos infiltrar nas atividades profissionais e sociais de outras pessoas, devemos imitar os totalitários e organizar algum tipo de atividade de quinta coluna"*.

Gols do Comitê dos 300

Todas as sociedades secretas devem ter uma agenda subjacente, e o Comitê dos 300 não é diferente. Alguns teóricos optaram por adicionar todos os tipos de teorias rebuscadas a eles, apresentando-os como um conglomerado do mal de proporções sobre-humanas; outros optaram por apresentar objetivos racionais e claramente pensados. O que nos interessa neste trabalho são as evidências verificáveis e, portanto, escolhemos selecionar apenas algumas específicas:

- 1.) Um governo mundial único com uma moeda única, singular força policial/militar e autoridade absoluta e inquestionável. Este é o fio singular que conecta todos os grupos que discutimos até agora.
- 2.) A abolição da identidade nacional, equivalente à formação de um estado mundial singular.
- 3.) Estabelecimento de avanços tecnológicos (descritos por Brzezinski em seu livro *Between Two Ages*) em mente e controle populacional. Isto é

a verdadeira razão pela criação de think-tanks como Tavistock e Chatham House; moldar a opinião pública e engendrar mudanças na estrutura social para permitir maior suscetibilidade às iniciativas construídas pelo Comitê.

- 4.) Pôr fim a toda a industrialização e à produção de energia elétrica gerada por energia nuclear no que é conhecido como "a sociedade pós-industrial de crescimento zero". Como observado anteriormente, a influência de Malthus é grande dentro da esfera de poder exercida pelo Comitê, e a disseminação do crescimento populacional zero foi amplamente divulgada pelo Clube de Roma, cujo fundador Aurelio Peccei foi citado como tendo dito: *"Por que deveria Eu me preocupar com quantos morrem? Até a Bíblia cristã diz o que é o homem para que Deus se lembre dele? Para mim, os homens não passam de um cérebro de um lado e uma fábrica de merda do outro."*
- 5.) Suprimir todo desenvolvimento científico e médico, exceto aqueles considerados benéficos pelo Comitê. Especialmente visada é a energia nuclear para fins pacíficos. Em uma era em que o maior financiamento para soluções viáveis de energia, descobertas médicas e pesquisa biotecnológica está em alta, a série de crises mundiais de saúde e energia aumentou exponencialmente. O fato de os esforços coletivos das organizações mundiais de energia e saúde terem sido incapazes de enfrentar essas crises nos dá uma grande reflexão.
- 6.) Causar, por meio de guerras limitadas em países avançados, e fome e doenças nos países do Terceiro Mundo, a morte de três bilhões de pessoas até o ano 2050. Como complemento aos pontos quatro e cinco, tanto os conflitos em andamento no Iraque e no Afeganistão quanto o aumento do Ebola e sua transmissão parecem indicar que isso pode muito bem ser alcançado nos próximos 30-40 anos.
- 7.) Para enfraquecer a fibra moral das nações e desmoralizar os trabalhadores da classe trabalhadora, criando desemprego em massa. As crises trabalhistas e econômicas enfrentadas pela América e pela UE durante grande parte dos últimos oito anos são em grande parte o resultado de práticas bancárias predatórias, bem como da ganância corporativa que sacrifica a família pelo lucro, a habilidade pela automação e o artesanato pela produção em massa.

- 8.) Causar o colapso total das economias mundiais, gerando caos político. Motins, como os que ocorreram na Grécia, Itália e Espanha em 2012, para não falar das tensões domésticas nos EUA, tornaram-se e continuarão a tornar-se lugar-comum à medida que mais e mais esforços políticos são forçados a estados de pânico e adaptação a um clímax rapidamente volátil e em mudança.
- 9.) Assumir o controle de todas as políticas externa e doméstica dos EUA Isso é particularmente convincente durante um período em que os “Super-PACs” diminuiriam as restrições ao lobby e às contribuições financeiras de campanha e observaram que o financiamento de juros especiais está em alta. .
- 10.) Dar o máximo apoio às instituições supranacionais, como as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco de Compensações Internacionais, a Corte Mundial, tornando as instituições locais menos eficazes, eliminando-as gradualmente ou colocando-as sob o manto da ONU.
- 11.) Para penetrar e subverter todos os governos, e trabalhar de dentro deles para destruir a integridade soberana das nações representadas por eles.
- 12.) Organizar um aparato terrorista mundial. A ascensão repentina de grupos militantes como ISIS, al-Qaeda, Boko Haram e al-Shabaab não são por acaso. Seu financiamento geralmente vem da assistência do governo (no caso da Al-Qaeda, diretamente dos EUA durante a década de 1980) e com uma rede ampla, incluindo nações geralmente hostis a operações terroristas, a ameaça nunca foi tão terrível; nem parecerá se dissipar tão cedo.

Membros

Membros de renome do Comitê dos 300 incluem: Rei Abdullah II da Jordânia; Cynthia Carroll, CEO da Anglo American PLC; primeiro-ministro britânico David Cameron; o CEO da Fox Media, Rupert Murdoch; o ex-presidente francês Nicolas Sarkozy; senador Joe Lieberman; o ex-presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan; o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair; o fundador da Microsoft, Bill Gates; o ex-vice-presidente Al Gore; o ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Timothy Geithner; o chanceler britânico Ed Balls; Rainha Beatriz do

Holanda; o economista Mervyn King; O presidente do Federal Reserve, William C. Dudley; a ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher; o economista Paul Krugman; Senador Arlen Specter; Diretor do Lloyds TSB, Jan du Plessis; o presidente da Goldman Sachs, Gary Cohn; o ex-diretor do Banco Nacional da Suíça, Jean-Pierre Roth; Príncipe Charles de Gales; o investidor Warren Buffett; o ex-presidente da Beers Diamond & Mining, Nicholas Oppenheimer; o ex-diretor do Fundo Monetário Internacional Dominique Strauss-Kahn; o ex-presidente do Federal Reserve, Paul Volcker; Duque Eduardo de Kent; o economista George Soros; Presidente da Fiat, John Philip Elkann; o ex-diretor geral da Organização Mundial do Comércio, Pascal Lamy; o ex-CEO da Microsoft, Steve Ballmer; o fundador do Banco Safra, Moises Safra; Rainha Elizabeth II; James Sassoon, CEO da Matheson & Co.; o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker; Presidente do Alfa-Bank, Pyotr Aven; o ex-presidente da SEC dos Estados Unidos, Arthur Levitt; o presidente do Banque Nationale de Paris, Michel Pebereau; o ex-presidente do Banco da Itália, Mario Draghi; e o ex-vice-presidente do Banco Central Europeu, Christian Noyer.

Capítulo Nove: Bosque Boêmio

MonteRio. Aninhado nas profundezas da floresta do Condado de Sonoma, com vista para o rio Russian, esta idílica aldeia da Califórnia com pouco mais de 1.000 residentes é um refúgio de férias ideal habitado por densas florestas de sequóias e viadutos, lagos e riachos. É fácil se perder no esplendor natural dos arredores, arrebatado pela paisagem e pelas noites quentes e brilhantes do norte da Califórnia, sem saber que a apenas um quilômetro de distância, em um acampamento privado de 2.000 acres, alguns dos líderes mais poderosos e de elite da política mundial estão reunidos para reencenar os ritos de seus ancestrais pagãos de beber copiosamente e sem arrependimento em torno de uma fogueira pairando sobre uma enorme coruja - o antigo arauto greco-romano do conhecimento e segredo.

É fácil perceber essa escapada de duas semanas altamente protegida como nada mais do que uma conspiração de alguns dos magnatas políticos de mais alto nível colhendo suas respectivas crises de meia-idade por meio de um fim de semana de nível universitário de alta azaração movida a álcool envolto em altamente sugestivo motivos mitológicos. Está tão distante da vida cotidiana das famílias de férias de classe alta próximas quanto o mito mais sinistro em torno de Bohemian Grove; aqueles de ritos luciferianos sinistros dominados por políticos ricos empenhados em dominar o mundo e sacrificar crianças. É tentador pensar nas conversas entre literatos da virada do século como Frank Norris e Jack London e estadistas como Oliver Wendell Holmes e Theodore Roosevelt sobre um frasco interminável de luar não destilado, com apenas fumaça de charuto rançoso e lanternas japonesas convocando um ambiente misterioso. nesta paisagem sobrenatural; mas é provável que tais conversas pertençam a ressacas de fantasmas e arrogância precipitada.

O que há em Bohemian Grove que convida a uma especulação tão selvagem e rebuscada? Outros retiros de fim de semana altamente divulgados para políticos mundiais - como Camp David ou a cúpula do G8 - raramente resultam no tipo de alegações malucas em torno do Grove. São apenas os "ritos" extravagantes que marcam o que de outra forma seria visto como "desabafar" para garotos de fraternidade crescidos acostumados a ternos Brooks Brothers e carretéis burocráticos de burocracia que mantêm a vida de milhões de americanos em suas mãos artríticas? É a visão de um Henry Kissinger nu liderando um círculo macabro de senadores e magnatas industriais em torno de uma fogueira para homenagear uma linhagem de elite concedida pela fortuna de

forças sobrenaturais? Ou é que Bohemian Grove representa um em incontáveis saraus anuais entre os mesmos nomes com os quais nos familiarizamos ao longo deste livro como sendo aqueles que têm uma ligação íntima com as mesmas ameaças de globalização e autoridade inabalável que foram amplamente demonstrados por este livro repetidas vezes?

Uma placa diretamente do lado de fora da entrada dos acampamentos de Bohemian Grove traz uma lenda de Sonho de *uma noite de verão de Shakespeare* "Weaving Spiders Come Not Here". Um aviso ameaçador para possíveis intrusos de que seu destino pode ser o mesmo da humilde aranha; esmagado e jogado pela janela de um carro em movimento nas corredeiras do rio Russian, perdido nas entranhas ondulantes da natureza? Ou uma alusão conhecida ao mito de Aracne; que penetrar na teia de segredos guardados e defesa resultará apenas em um emaranhado inescapável?

Apesar das tentativas bem-sucedidas de pesquisadores e produtores de documentários para quebrar o feitiço do silêncio hermético que envolve o mito de Bohemian Grove, no final apenas uma parte neutra sabe - as árvores Redwood. E eles também não estão conversando.

Origens do Bohemian Grove

"O Bohemian Grove, que frequento de vez em quando — os orientais e os outros vão lá —, mas é a coisa mais bicha que você pode imaginar, aquela galera de São Francisco que vai lá; é simplesmente terrível! Quero dizer, não vou apertar a mão de ninguém de San Francisco. - Richard Nixon, citado durante as fitas de Watergate em algum momento de 1973.

Pesquisadores e críticos são rápidos em apontar que as origens do Bohemian Grove podem estar nos antigos círculos druídicos dos celtas ou nos mistérios eleusinos dos gregos; ritos exclusivos, tipicamente exclusivamente masculinos, nos quais os celebrantes se reuniam em torno de uma fogueira sob as noites estreladas, compartilhando mistérios comunitários de morte e renascimento por meio do sacrifício de um touro em homenagem aos deuses. Mas a verdade sobre a origem do Grove é muito mais mundana - se não menos romântica, de uma maneira distintamente americana.

O Bohemian Grove surgiu de um clube privado, mas informal, de artistas, jornalistas e escritores conhecido como Bohemian Club. O Bohemian Club original foi fundado em 1872 por um grupo de jornalistas que buscava promover uma

apreciação mútua das artes e perseguiu uma noção romântica, embora banal, do artista como um morador de garrett atingido pela pobreza, devotado mais ao seu meio escolhido do que às coisas mundanas da vida cotidiana (embora Oscar Wilde tenha notado ao visitar o clube em 1882, *“Nunca vi tantos boêmios bem vestidos, bem alimentados e com aparência de negócios em minha vida.”*) Sempre houve uma longa pretensão de patrocínio artístico entre figuras políticas (talvez tão verdadeiro hoje quanto era no século XIX) enamorado com o mito do artista faminto, e logo ficou claro que os magros salários de um jornalista poderiam ser facilmente comprados por fundos políticos e industriais. O resultado foi que, na virada do século, nomes como Ambrose Bierce e o compositor Louis Glass conviviam regularmente com nomes como Henry Morgan e William Randolph Hearst.

Por fim, na década de 1940, devido às visitas frequentes de entidades proeminentes como os presidentes Herbert Hoover e Calvin Coolidge, os artistas representavam apenas uma fração mínima dos visitantes regulares do Grove, com senadores, banqueiros e diplomatas proeminentes logo dominando o discurso encharcado de álcool e atmosfera. Alianças de importância global foram forjadas; planos foram traçados; e tramas foram traçadas que passaram a designar Bohemian Grove menos como um refúgio relaxante de fim de semana do que como alguns dos projetos mais significativos para a engenharia social como a conhecemos.

Em 1929, uma estátua de uma coruja de 12 metros, esculpida pelo notável escultor armênio-americano (e presidente do Grove) Haig Patigian, passou a servir como foco central do Bohemian Grove e foi associada como o emblema mais visível dessa camarilha secreta de todos os tempos. desde. Mais notavelmente, serve como pano de fundo para a clímax da cerimônia “Cremation of Care” do Grove, uma dramatização destinada a simbolizar o sacrifício dos cuidados, ansiedades e preocupações da existência do dia a dia (presumivelmente, apenas daqueles que afetam servidores sitiados das finanças internacionais .) Desde então, o rito foi aprimorado por eletrônicos avançados e exibições pirotécnicas e, de forma mais dramática por muitos anos, a voz estrondosa do membro do Grove, Walter Cronkite; com imagens de vídeo vazadas dando a impressão de algo entre um ritual pagão, uma elaborada produção teatral do ensino médio e um show de luz laser (uma citação sobre a propensão de Grove para o drama foi observada como afirmando que existem maneiras muito mais econômicas de desperdiçar energia orçamentos do que em um show de talentos de fraternidade; mas, novamente, o dinheiro dos impostos do americano médio é normalmente gasto de várias maneiras irrelevantes e os políticos precisam de orçamentos de despesas criativas tanto quanto

Vale a pena notar aqui que a coruja tem uma miríade de significados diferentes de cultura para cultura. Enquanto para os gregos a ave era mais fortemente associada à figura de Atena, deusa da sabedoria e do aprendizado, para culturas como a egípcia e a celta, a coruja representava o submundo; o superintendente das almas através dos corredores subterrâneos da morte. E dado que muitos dos melhores jogadores ao longo dos anos em Bohemian Grove foram ligados não apenas aos escalões sombrios de poder e controle, mas assassinatos e assassinatos em massa sob o disfarce de guerras nacionais e “acidentes” pré-encenados elaboradamente, talvez seja mais adequado que este último simbolismo seja mantido em mente.

De interesse um tanto curioso são os 'acampamentos' (um termo às vezes encontrado em círculos maçônicos e derivados maçônicos em referência a uma reunião de maçons) encontrados em Bohemian Grove. Estes são principalmente quartéis patrilineares atribuídos aos participantes com base em seu status particular ou área de atividade, geralmente atribuídos com um apelido jovial ou modesto; por exemplo, o “Hill Billy Camp” é atribuído a figuras bancárias, políticas ou da mídia (normalmente com um patrimônio líquido superior a \$ 15 milhões). Outros incluíram o Ninho da Coruja (para presidentes e militares/defesos contratados); Lost Angels (empreiteiros bancários e de defesa); Cave Man (educação e think-tanks, bem como empresas de petróleo e mídia); Uplifters (executivos corporativos); Stowaway (companhias petrolíferas, grandes empresas e Rockefellers); posseiros Silverado (grandes empresas e empreiteiros de defesa); Refúgio (grupos de reflexão e empreiteiros militares/defesa); e Sempervirens (corporações da Califórnia). É nestes acampamentos (em 2007, eram cerca de 118) que se estabelecem contactos e planos no almíscar das cabanas a cheirar a uísque single malte de 18 anos e vanglória presunçosa.

É presumivelmente em uma dessas cabines em julho de 1942 que os planos foram inicialmente traçados entre o Dr. Ernest Lawrence, o Dr. Robert Oppenheimer e o húngaro Edward Teller, bem como vários oficiais militares e de defesa que acabariam levando Projeto Manhattan; um empreendimento que custou mais de \$ 2 bilhões de dólares que levou ao desenvolvimento da bomba atômica.

Os membros do Grove estão compreensivelmente orgulhosos de uma conquista que custou a morte de mais de 135.000 indivíduos - a grande maioria, civis inocentes - e raramente perdem a chance de presentear os recém-chegados às festividades com inúmeras histórias ouvidas de segunda, terceira, quarta e quinta mão sobre o que realmente aconteceu sob o sussurro dos pinheiros quando o dinheiro da Standard Oil encontrou as mãos da UC Berkeley para financiar a vitória americana decisiva da Segunda Guerra Mundial.

Deve-se notar que o Bosque ainda tem seu próprio santo padroeiro na forma de São João de Nepomuk, um santo martirizado do século XIV que foi torturado e afogado pelo rei da Boêmia Venceslau no rio Vltava, em vez de revelar os segredos confessionais da Rainha da Boêmia. Os membros do Grove afirmam que a figura de proa representa o voto de sigilo que cada membro jurou manter. No entanto, à luz da colocação simbólica da figura com vista direta para o rio Russian, é de se perguntar se ela serve como um aviso aos possíveis invasores sobre o destino que pode ocorrer caso eles acidentalmente descubram os segredos do Bosque.

Controvérsia de Bohemian Grove

Deve-se notar aqui que nenhuma morte ou acidente oficial foi registrado em conjunto com os quase 150 anos de existência do Grove. Os infiltrados passaram a publicar, documentar e gravar em vídeo relatos dos acontecimentos sem censura; presumivelmente além do embaraço sofrido por homens adultos - os supostos exemplos de prestígio cultural e moral - pulando bêbados na frente de uma efígie de uma coruja de 40 pés enquanto o destino do mundo ocidental está nas mãos de seus executores juniores. Ainda assim, não é apenas a correlação entre Bohemian Grove e inúmeras outras panelinhas, muito menos frívolas, bem documentadas, os acontecimentos em andamento no Grove ainda carregam o estigma de inúmeras perguntas sem resposta.

Como mencionado anteriormente, um dos 'ritos' centrais do Bohemian Grove é a cerimônia conhecida como Cremação do Cuidado, que invoca a figura de Baco - por exemplo, o Dionísio grego, deus da embriaguez divina, do êxtase e da visão - como patrono do Bosque para ressurgir além dos mortos (é interessante notar que 'Bosque' em si é um termo usado pelos adeptos do movimento moderno da Bruxaria, também como um tribunal de 'aprendizagem' com 'bosques internos' reservados apenas para os iniciados eleitos de um clã). Isso parece paralelo ao enredo central das *Bacantes* de Eurípides, escrito no século V aC, onde o deus, escravizado e aprisionado pelo rei Penteu, senhor de Tebas, escapa e, disfarçado de estrangeiro, lidera seu bando de bacantes femininas em ritos de licenciosidade e frenesi sexual, eventualmente resultando no sacrifício de Penteu. Tenha em mente que as Maenads comemorativas são exclusivamente femininas; os participantes do Bohemian Grove, por outro lado, são obviamente exclusivamente homens. Uma citação do autor e notável membro do Grove, Herman Wouk, vem à mente aqui: "*Homens*

amem-se decentemente; eles sempre entenderam, mas as mulheres nunca entendem muito bem.

Mas uma acusação mais séria surgiu em torno do clube desde os anos 1980; a das predileções de muitos membros do Grove pela prostituição, particularmente de um tipo excessivamente decadente. Profissionais do sexo - e vale a pena notar, tanto mulheres *quanto* homens - relataram alegações (talvez graciosamente, talvez com medo, recusando-se a citar nomes em todos os casos, exceto em alguns casos) de reuniões pródigas com temas S & M nos confins do campo que envolvia degradação forçada, humilhação e lesão forçada (de acordo com uma ex-escolta, por um círculo composto por vários ex-secretários de estado e defesa republicanos) que os deixou com cicatrizes permanentes e com medo por suas vidas. O The Grove, no entanto, como uma instituição privada sem fins lucrativos, está fora da jurisdição da investigação criminal do estado, presumivelmente *por causa* da própria influência que exerce.

Insinuações de desvio sexual são uma coisa. A evidência da influência do Grove - particularmente em círculos republicanos nominalmente conservadores e de direita, de quem o Grove atrai seu eleitorado mais forte - é aparente ao longo da história americana. Em suas memórias, o ex-presidente (e maçom) Herbert Hoover afirma que após o anúncio do então presidente Calvin Coolidge de que não concorreria a um segundo mandato em 1927, *“uma centena de homens... editores, publicadores, funcionários públicos e outros de todo o país que estavam no Grove, vieram ao meu acampamento exigindo que eu anuncie minha candidatura.* No verão seguinte, o Partido Republicano apoiou unanimemente a candidatura de Hoover à presidência, um mandato que viu o desenvolvimento do Conselho de Relações Exteriores diretamente sob sua supervisão. E, de fato, ser membro do Grove parece ter sido um requisito preliminar para quase todos os presidentes republicanos desde a fundação da camarilha desde Hoover; mais notavelmente, as candidaturas de Nixon, Reagan e George HW e George W. Bush teriam encontrado seu apoio inicial nos acampamentos agrupados de Bohemian Grove e, mais recentemente, a entrada do governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, na briga da política estadual foi protegido por uma multidão barulhenta de torcedores de vários acampamentos.

Tampouco Bohemian Grove é um fenômeno estritamente americano. Em 1991, o Grove elegeu como um de seus principais oradores o ex-chanceler alemão Helmut Schmidt. Schmidt, membro público e sem remorso do Conselho de Relações Exteriores, da Comissão Trilateral e participante entusiástico das conferências Bilderberg, gerou polêmica nas décadas de 1960 e 1970, quando foi

revelou que ele era um ex-membro do partido Nazi Hitler Youth (e curiosamente, acrescentando ao espectro luciferiano de Bohemian Grove, o apelido da esposa de Schmidt é "Loki; o mesmo nome da divindade mitológica equiparada a Satanás na mitologia germânica). torna essa associação ainda mais curiosa são os relatos da década de 1970 de que um participante regular de Grove era um ex-nazista charmoso, mas impenitente, que dirigia um jipe que tinha um decalque da campanha de Rommel na África afixado no para-choque - uma palmeira encimada por um suástica. Há rumores de que o então presidente Gerald Ford, em um movimento incomum de bom senso, forçou o cavalheiro a remover o adesivo ofensivo.

Não surpreendentemente, sempre que a ameaça de exclusividade e sigilo surge, o sobrenome Rockefeller aparece; e Bohemian Grove certamente não é exceção. Desde a década de 1920, a família Rockefeller tem contribuído de longa data para a atmosfera das reuniões de Grove, e os nomes de diretores e membros de nível júnior de instituições e fundações derivadas de Rockefeller continuam sendo alguns dos principais nomes do Grove. No entanto, a família Rockefeller não é a única família a surgir em conjunto como uma ponte entre Bohemian Grove e as famílias proeminentes dos Illuminati. Por muitos anos, John E. DuPont III foi um participante regular e até foi convidado *após* sua condenação em 1997 por assassinato em primeiro grau; incluindo até e depois de sua morte em 2010 (um descuido ou um exemplo deliberado do senso de humor mórbido do organizador de Grove?)

A figura de Henry Kissinger é talvez um dos mais notórios e veneráveis velhos guardas do Bosque, e alguém que é conhecido por gozar de certos "privilégios executivos" no local, cujos detalhes devem ser deixados para a imaginação do leitor. . Essa conexão também não foi uma ocorrência relativamente mais recente; já em 1905, o presidente honorário da Bohemian Grove era Daniel Coit Gilman, um maçom e fundador da Russell Trust Association, os curadores oficiais da Skull & Bones Society do Capítulo Sete.

Gaylord Freeman, o membro mais proeminente da linhagem Freeman dos Illuminati explorada no Capítulo Três, bem como o suposto chefe do Priorado de São, era um participante regular a partir do final dos anos 30. James Wolfensohn, ex-presidente do Grupo Banco Mundial e aliado próximo da dinastia Rothschild (a quem, uma vez questionado sobre o lado negativo da globalização, foi citado como tendo dito: *"Com todas as forças tornando nosso mundo menor, é hora de mudar nossa modo de pensar, para perceber que vivemos em um mundo e não em muitos mundos diferentes"*)

é outra figura conhecida por desfrutar de uma certa carta branca nas mesas do Bohemian Grove.

Stephen Bechtel, o herdeiro octogenário da Bechtel Corporation (uma empresa de engenharia civil especializada em energia nuclear e com laços quase exclusivos com projetos financiados por Rothschild e think tanks) é outro membro do legado da velha guarda - alguém que é conhecido por atuar em várias esquetas organizado por oficiais do Bohemian Grove em trajes de travesti, ao lado de figuras veneráveis da política republicana como Caspar Weinberger e James Baker.

Perigos de Bohemian Grove

Quando tudo estiver dito e feito, é fácil para o observador racional e incrédulo descartar muitas das implicações mais criativas do fenômeno Bohemian Grove - digamos, uma reunião anual de senhores reptilianos envolvidos no tráfico internacional de sacrifícios humanos - como nada mais do que um voo de fantasia bastante complicado. Mas é ainda mais fácil jogar fora o proverbial bebê junto com a água do banho e descartar casualmente Bohemian Grove como uma mera explosão de cerveja "só para meninos" apoiada por cenários bizarros e elaborados e uma exibição obscena de riqueza pessoal e arrogância. O alegado satanismo de Bohemian Grove, se é que existe, é apenas uma mera metáfora para o rastro carregado de sangue deixado pela ganância, autoridade onisciente e globalização. Seus cultistas dificilmente são diabolistas encapuzados de um filme de terror mal escrito, mas os mesmos corretores de poder e mestres de marionetes que serviram à avareza em todas as suas formas distorcidas. *Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio.* Esta citação, de Mateus 18:20, é tão precisa para as hordas da elite mundial quanto para qualquer pergunta ostensiva. Só que o deus da elite não é nem Cristo, Jeová, Alá ou mesmo Lúcifer. Seu nome é Mammon, e suas legiões são, de fato, muitas.

Membros

A associação em Bohemian Grove já foi considerada um fenômeno puramente exclusivo, guardado a sete chaves; aquele cuja divulgação resultaria na pena mais severa, seja de morte ou pior. Hoje em dia, a pesquisa atual indica que isso está longe de ser o caso. Membros fora dos partidos mencionados anteriormente neste capítulo incluem: o ex-presidente da Câmara Newt Gingrich; ex-vice-presidente (e conselheiro do Conselho de Relações Exteriores)

Dick Cheney; o comentarista conservador William F. Buckley, Jr.; Colbert Coldwell, fundador do Coldwell Banker; o ex-presidente do Pacífico Sul Alan Furth; os bilionários Paul e Charles Koch; apresentador de TV Art Linkletter; Clint Eastwood; ex-ídolo adolescente Fabian; economista (e membro do Comitê de 300) Jorge Soros; o ex-CEO da Motorola, Robert Galvin; Senador Lamar Alexander; o ex-secretário de Estado (e conselheiro do Conselho de Relações Exteriores) Colin Powell; o ex-secretário de Defesa (e membro do Conselho de Relações Exteriores) Evan Galbraith; o ex-secretário de Estado (e membro da Comissão Trilateral) George Shultz; CEO da Hilton, Barron Hilton I; o ex-primeiro-ministro de Cingapura, Lee Kuan Yew; o ex-procurador-geral Ed Meese; o fundador da Hewlett-Packard, David Packard; O fundador da Draper International, William Henry Draper; o ex-general Norman Schwarzkopf; O secretário de Defesa de Nixon, Robert McNamara; o ex-secretário de Estado (e participante do Bilderberg) Warren Christopher; assessor presidencial (e membro da Comissão Trilateral) David Gergen; o ex-secretário de Defesa Donald Rumsfeld; o ex-presidente da Coors, Joseph Coors; o congressista David Dreier; o ex-presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan; o ex-CEO da Rockwell, Donald Beall; magnata do entretenimento Merv Griffin; o diretor da Boeing, Harold Haynes; o presidente da Ford, Carl Reichardt; o diretor da Gulf & Western, Judd Leighton; o ex-CEO da Monsanto, Richard Mahoney; o fundador do McDonald's, Ray Kroc; o ex-secretário naval (e membro da Comissão do 11 de setembro) John F. Lehman; Juiz Federal Charles A. Legge; empresário e editor Malcolm Forbes; Governador do Mississippi, Haley Barbour; o ex-chefe de justiça Earl Warren; o ex-promotor federal Kenneth Starr; e o juiz da Suprema Corte, Antonin Scalia.

Capítulo Dez: A SOCIEDADE DOS JESUÍTAS

Nas cavernas mal iluminadas das sociedades secretas, nenhuma instituição parece mais deslocada do que a Companhia de Jesus - ou mais popularmente conhecida, os jesuítas. Com uma população global de cerca de 18.000 adeptos, a Ordem dos Jesuítas é um dos defensores mais visíveis e conhecidos da fé católica romana no mundo de hoje. Conhecidos por suas instituições educacionais (as escolas jesuítas sempre se classificaram entre as melhores faculdades e universidades dos EUA) e pelo rigor de seus seminários, os jesuítas parecem mais um retrocesso aos padrões teológicos dos séculos 18 e 19 do que uma besta monolítica com está de olho no objetivo da dominação global - particularmente em face do que teólogos e comentaristas não religiosos notaram ser um mundo cada vez mais secularizado.

No entanto, embora a Sociedade Jesuíta possa não ser a única sociedade religiosa a manter alguns segredos condenatórios, o segredo está no centro da história dos Jesuítas. Como a fé católica em geral, os jesuítas foram atormentados por recentes escândalos sexuais ocorridos nos Estados Unidos e no exterior. Em 2011, a província regional da Companhia de Jesus no Pacífico Noroeste foi condenada a pagar uma multa totalizando US\$ 166 milhões a cerca de 450 sobreviventes – muitos deles nativos americanos – de abuso sexual quando crianças de padres jesuítas durante um total de cerca de cinquenta anos. Enquanto o recém-eleito Papa Francisco (já apelidado de “o Papa do povo) – ele próprio, apontado como o primeiro papa jesuíta – prometeu investigar e processar impiedosamente o clero acusado de abuso, seu principal promotor no Vaticano (um jesuíta, também) foi recentemente implicado como sendo um dos vários oficiais católicos responsáveis por continuar a permitir que um padre de Chicago com uma longa história de alegações semelhantes permaneça no ministério.

Por mais contundentes que esses escândalos possam ser (e é preciso afirmar que os rumores de abuso sexual dentro da Igreja Católica são de uma ocorrência totalmente moderna, mas tem sido alegado há mais de cem anos), pode haver mais do que os jesuítas pode precisar responder por acusações de abuso sexual e estupro, por mais horríveis que sejam. Como mencionado anteriormente no Capítulo Três, as origens históricas dos Illuminati podem ser vistas em grande parte como uma resposta à influência predominante dos jesuítas na educação, que remonta ao século XVIII. No entanto, há outra confluência mais moderna, ainda mais sinistra, que surge como reação à

influência jesuíta; A força SS de elite de Heinrich Himmler do Partido Nazista, modelada diretamente no ethos militar dos jesuítas, mas projetada para combater a ameaça do catolicismo e suas várias ramificações (que, em 1939, representavam aproximadamente 40% do povo alemão). espere uma duplicidade ainda mais subterrânea atribuída aos jesuítas; e é essa vertente e suas manobras nos mundos da sociedade secreta e influência oculta que permite um capítulo final para muito do que discutimos até agora.

Origens da Sociedade dos Jesuítas

A Companhia de Jesus foi fundada por Santo Inácio de Loyola, um cavaleiro espanhol ferido na Batalha de Pamplona em 1521 e que posteriormente experimentou uma conversão religiosa, contada posteriormente em seus famosos *Exercícios Espirituais* (até hoje considerados um clássico da literatura espiritual.) Em 1534, Inácio e outros seis peregrinos anunciaram a formação da Companhia de Jesus, professando votos de pobreza, ascetismo, castidade e obediência estrita e absoluta ao governo do Papa e da Santa Sé.

O histórico militar de Inácio culminou em um cavalheirismo espiritual rigoroso e cavalheiresco, onde os membros juravam aceitar ordens da igreja em qualquer lugar do mundo em que vivessem, geralmente sob as condições mais extremas imagináveis. Essa atitude marcial de absoluta devoção à Companhia e ao Vaticano permitiu aos jesuítas o apelido coloquial de “Soldados de Deus” e “Serviço Secreto do Vaticano”, ganhando-lhes uma forte reputação por seus papéis na Contra-Reforma e na Inquisição do século XVII e, eventualmente, a implementação do Concílio Vaticano II de 1962, também conhecido como Vaticano II, que modernizou implicitamente a Igreja Católica ao permitir a recitação da missa em inglês, entre outros desenvolvimentos mais contemporâneos.

O crescimento inicial dos jesuítas foi estabelecido por meio de um longo período de missão missionária. conversão, particularmente nos países em desenvolvimento entre os povos indígenas, resultante das explorações espanholas do Novo Mundo na América do Norte e do Sul nos séculos XVII e XVIII. Fundamental para esse crescimento foi a necessidade de um inimigo comum, e a recém-emergida fé protestante viu-se cada vez mais desacreditada dos zelosos jesuítas.

no

Conseqüentemente, um édito de repressão formal dos jesuítas sob forte pressão secular

pressão foi assinada pelo Papa Clemente XIV em julho de 1773 (três anos completos antes da fundação dos Illuminati), uma supressão que afetaria toda a Europa com exceção da Prússia (que incluía a Polônia e a Baviera devido ao crescimento do império na da época) e a Rússia. É por meio desses reinos particulares que o trabalho dos jesuítas pôde continuar inabalável, apesar da repressão formal; e coincidentemente, ambos os reinos viram um aumento distinto em corpos maçônicos e derivados maçônicos durante o mesmo período. A supressão foi oficialmente revertida pela bula do Papa Pio VII em 1814, após as guerras napoleônicas (guerras, deve-se notar, que foram financiadas diretamente pela agora familiar linhagem Rothschild dos Illuminati. Também vale a pena levar em consideração a de Napoleão próprio papel como maçom histórico e membro dos Illuminati.)

O papel das guerras napoleônicas deve ser examinado à luz do relação aos Illuminati e à Maçonaria. Os conflitos e a expansão territorial napoleônica ajudaram a pavimentar o caminho para a conquista contínua dos Illuminati, com a igreja e seus constituintes sob alvo frequente como representantes da “velha” ordem que Napoleão e os Illuminati tentaram derrubar. Em particular, o Papa Pio VII sob relações cada vez mais tensas com Napoleão; relações que resultaram em seu exílio no porto italiano de Savona após a conquista francesa e a anexação dos Estados Papais em 1809. A libertação de Pio XII acabou sendo garantida pela derrota de Napoleão em Waterloo em 1815 e o subsequente Congresso de Viena, e tanto a restauração jesuíta quanto o retorno ao governo papal foi declarado em muitas províncias da Europa anteriormente católicas.

No entanto, tanto Pio como a igreja se encontraram em um mundo cada vez mais mudado após os 12 anos de luta e revolução que as guerras causaram em toda a Europa. O catolicismo não era mais a fé cristã predominante; sua certeza de *bete noire* do protestantismo suplantou seu domínio de ferro em grande parte da Europa, com o resultado de que o papado foi forçado a se adaptar às mudanças do crescente igualitarismo e colonização que estava mudando tanto a perspectiva geográfica quanto cultural do pensamento europeu. O resultado foi o aumento da visibilidade da presença jesuíta nos Estados Unidos, ainda em expansão, particularmente nas instituições educacionais. O estabelecimento e domínio de quase todos os 28 colégios e universidades jesuítas ocorreu imediatamente após a restauração da expansão jesuíta por Pio, resultando na adesão a uma ortodoxia estrita e doutrina de infalibilidade papal que até relativamente recente

tempos imediatamente anteriores ao Concílio Vaticano II de 1962 (ele próprio um esforço da Igreja para se adaptar a um meio cultural cada vez mais moderno e inclusivo).

Apesar do fato de os jesuítas representarem a maior ordem religiosa de padres e clérigos dentro da igreja católica e da proeminência contínua dos colégios jesuítas, a própria ordem tem experimentado um declínio constante nos últimos quarenta anos devido ao aumento da popularidade da teologia da libertação. (particularmente em países do terceiro mundo), que enfatiza a necessidade de o clero manter uma consciência expressa da situação dos empobrecidos e corrigir diretamente a injustiça social como um complemento à missão da igreja. Os críticos se referiram a isso como uma forma de cristianismo marxista e até mesmo espiam uma evidência da doutrina dos Illuminati em seus fundamentos filosóficos. Mas a crítica aos jesuítas não é um fenômeno totalmente moderno devido ao advento dos dilemas econômicos da pobreza e da distribuição da riqueza. Nem remonta à ascensão do protestantismo. A crítica à fé jesuíta não está enraizada em sua ideologia, mas em suas ações. E foi documentado desde o século XVII.

Controvérsia da Sociedade dos Jesuítas

A primeira crítica aos jesuítas foi publicada em 1612 como *Monita Secreta Iesutus* ou *Instruções Secretas dos Jesuítas*. Agora amplamente considerado uma farsa atribuída a um ex-irmão chamado Jerome Zahorowski que havia sido excomungado um ano antes, o livro pretende ser as instruções secretas do quinto grão-mestre da sociedade, Claudio Acquaviva, e alega, entre outras coisas, que o clero jesuíta deve adquirir riqueza para a Sociedade por qualquer meio imaginável, incluindo atrair homens ricos para entrar nela e entregar à sociedade suas propriedades; convencer viúvas ricas a doar seus bens à Sociedade e dissuadi-las de se casar novamente; e a calúnia generalizada de outras ordens monásticas. Embora agora desacreditado tanto pela igreja quanto por seus detratores, a crítica levanta uma questão fundamental; exatamente como uma ordem monástica e de estilo militar, jurada à pobreza e à renúncia, foi capaz de forjar um nicho de tão louvável poder dentro das fileiras da igreja que, na época da Contra-Reforma (iniciada apenas dez anos após a fundação oficial da Sociedade) eles estavam entre as ordens mais reverenciadas, populares e reverenciadas dentro da Igreja Católica Romana?

Curiosamente, não foi até a ascensão do Iluminismo no século 18

século - que, como o Capítulo Três e o Capítulo Quatro demonstraram, foi em grande parte resultado da influência maçônica e dos Illuminati - que as conspirações jesuítas começaram a ser mais difundidas. Os conflitos entre o catolicismo e a maçonaria vinham se agravando há muitos anos; e de fato, até esta data, existe uma inimizade mútua entre o Vaticano e a grande maioria das lojas maçônicas.

As acusações de apoio jesuíta eram uma refutação popular aos ataques encorajados pela igreja ao racionalismo de Rousseau e Voltaire; e o termo "jesuíta" tornou-se um epíteto cada vez mais depreciativo no século 19, quando o anticlericismo se tornou uma faceta comum da vida intelectual francesa, graças a escritores como o famoso historiador francês e "filósofo do pessimismo" Jules Michelet.

Por outro lado, os partidários dos jesuítas tinham um contra-argumento pronto em seu próprio inimigo de Adam Weishaupt, mas então já era tarde demais; Os ideais maçônicos e Illuminati haviam entrado em sua própria moda, que raramente diminuía, tanto no Novo Mundo quanto no Velho.

No entanto, assim como outras sociedades secretas - assim como a própria igreja católica - os jesuítas mantêm seus próprios ritos secretos de indução. Afinal, o que é uma ordem militar sem algum senso de pompa, algum senso de decoro ritual formal, que desafie o racional e, em vez disso, lembre o candidato de que ele não está mais investido de um contrato mortal, mas serve a um chamado superior? Isso é tão verdadeiro para o fuzileiro naval quanto para o maçom; e, posteriormente, o jesuíta.

Um relato afirma que um jesuíta chamado ao posto de comando faz um juramento de fidelidade não a Deus ou ao aperfeiçoamento da humanidade, mas à autoridade direta do Papa, que é visto como o representante mortal do Senhor na Terra. Ele o faz sob dois estandartes: um sendo um estandarte com as cores papais oficiais, o outro um estandarte preto com a imagem de uma adaga e uma caveira e ossos cruzados (uma imagem curiosa, fornecida no capítulo sete). Lenda INRI, freqüentemente encontrada em imagens do crucifixo e geralmente considerada uma abreviação do latim *Iesus Nazarenus, Rex Iudaeorum* ou "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus". No entanto, este relato afirma que a lenda é na verdade uma abreviação de *Iustum Necar, Reges Impious* ou latim para "É justo assassinar um rei ímpio" (é interessante comparar esta lenda com a prática hermética e cabalística do *notariqon*, segundo a qual o acrônimo de uma frase popular é considerada como tendo numerosos significados místicos a serem descobertos por meio de uma complexa análise numerológica.)

Este mesmo relato continua citando o "Juramento Extremo dos Jesuítas" que

afirma, entre outras coisas, que o candidato jura *“plantar as sementes do ciúme e do ódio entre comunidades, províncias, estados que estavam em paz, e incitá-los a atos de sangue, envolvendo-os em guerra entre si, e criar revoluções e guerras civis em países independentes e prósperos, cultivando as artes e as ciências e desfrutando das bênçãos da paz. Tomar o partido dos combatentes e agir secretamente com seu irmão jesuíta, que pode estar engajado do outro lado, mas abertamente oposto àquele com o qual você pode estar conectado, apenas para que a Igreja possa ser a vencedora no final, no condições fixadas nos tratados de paz e que os fins justificam os meios”*.

Na conclusão deste juramento, o candidato é questionado por meio de uma série de interrogatórios diretos sobre suas motivações e obrigações que lembram notavelmente os juramentos maçônicos (talvez este último seja uma perversão das obrigações jesuítas pré-existentes?) misterioso *“homem venerável de cabelos brancos”* (ele próprio, reminescente do juramento dos Templários a Baphomet), e conclui com a incumbência: *“Vão, então, por todo o mundo e tomem posse de todas as terras em nome do Papa. Quem não o aceitar como vigário de Jesus e seu vice-regente na terra, seja amaldiçoado e exterminado”*.

A Igreja Católica e a CIA há muito desfrutam de uma relação mutuamente respeitosa; e alguns dizem, uma disputa mútua pelo poder. Essa relação remonta à década de 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, quando o general William Donovan, então chefe do Escritório de Serviços Estratégicos (o precursor da CIA), foi recebido pelo Papa Pio XII para receber a Grã-Cruz da Ordem de São Silvestre, a mais antiga e prestigiosa das cavalarias papais, por conta de sua aliança com o serviço de inteligência católico Pro Deo.

Desde então, as ligações entre a CIA e o Vaticano foram marcadas por uma aliança pronunciada, embora às vezes competitiva, particularmente em regiões como a América Latina e a Europa Oriental, onde o catolicismo conquistou uma popularidade inabalável, especialmente em face da atividade documentada da CIA durante as décadas de 1970 e 1980. Tanto o financiamento do Vaticano de operações secretas da CIA quanto o patrocínio da CIA ao movimento tradicionalista *“Opus Dei”*, que ajudou a se infiltrar e combater as simpatias comunistas durante a Guerra Fria, foram habilmente documentados; e a relação entre o Vaticano e a loja maçônica *“Propaganda Due”* de Licio Gelli tem sido ligada ao financiamento discricionário da CIA, com um

número de perguntas não respondidas sobre as acusações criminais rejeitadas de Gelli e o envolvimento da CIA ainda persiste para muitos.

O ex-diretor da CIA William Casey, bem como seu colega próximo, o ex-secretário de Estado Alexander Haig, eram membros notáveis dos Cavaleiros de Malta, uma ordem militar aliada aos jesuítas que também foi responsável pelo contrabando de milhares de criminosos de guerra nazistas para o sul. América imediatamente após a Segunda Guerra Mundial através da “ferrovia subterrânea” do bispo católico Alois Hudal, incluindo o notável pai jesuíta Martin Bormann (apesar do fato de que os jesuítas eram um alvo frequente da perseguição da Gestapo na Segunda Guerra Mundial, isso aparece apenas por causa da popularidade do catolicismo na Alemanha na época. A verdade é que os nazistas cooperaram abertamente com o Vaticano e, por padrão, com os jesuítas, como evidências documentadas provaram repetidas vezes. Benito Mussolini, o ditador fascista italiano e aliado próximo de Hitler, bem como o abertamente fascista almirante e defensor do crime nazista, o presidente argentino Juan Peron.) Outros membros dos Cavaleiros de Malta incluíram o diretor da CIA da era Nixon, William Colby, Lee Iacocca, William F. Buckley, Pat Buchanan, J. Patrick Grace, o diretor da CIA da era da Guerra Fria John A. McCone e o cardeal John Joseph O'Connor; todos os quais tiveram laços notáveis com o Conselho de Relações Exteriores.

Certamente, a adesão à fé jesuíta não implica intenção nefasta ou conspiratória, assim como a adesão ao catolicismo não implica pedofilia ou apoio ao crime de guerra nazista. Mas é curioso como uma nação supostamente secular (e alguns argumentariam derivada da maçonaria) como a América e uma nação supostamente secular (e inquestionavelmente antiética) como a Alemanha nazista poderiam cooperar abertamente com o Vaticano e, por padrão, seus próprios “Serviço Secreto”, a Sociedade dos Jesuítas? O mecanismo, talvez “escondido”, em mãos...

Esse mecanismo será melhor deixar para o leitor mais astuto averiguar.

Membros

Outros membros da Sociedade dos Jesuítas e organizações aliadas do Vaticano incluem: o matemático (e colega de Galileu) Luca Valerio; São Francisco Xavier; autor Garry Wills; ex-senador Frank Lausche (Cavaleiro de Malta); o comentarista político John McLaughlin; Príncipe Laurent da Bélgica (Cavaleiro de Malta); autor controverso Padre Malachi Martin; físico belga Georges

LeMaitre; Ministro da Defesa francês Patrick Levaye (Cavaleiro de Malta); o biógrafo de Hitler, Franz Jozsef; linguista Peter Hans Kolvenbach; cientista, místico e descobridor de micróbios Athanasius Kircher; escritor Augustin Barruel; o ex-chanceler alemão Franz von Papen (Cavaleiro de Malta); o filósofo Yves Marie Andre; o filósofo Joseph de Maistre; Cardeal Avery Dulles; Rei Juan Carlos I da Espanha (Cavaleiro de Malta); o ex-congressista Robert Drinan; o físico e astrônomo Francesco Maria Grimaldi; o filósofo Baltasar Gracian; Príncipe Herdeiro Otto von Habsburg (Cavaleiro de Malta); autor John Powell; Deputado Gabriel Richard; o poeta Gerald Manley Hopkins; o fundador da Bloomingdale, Alfred Bloomingdale (Cavaleiro de Malta); o filósofo Martin Heidegger; o explorador Simon le Moyne; o filósofo Pierre Teilhard de Chardin; o ex-chefe de contra-espionagem da CIA, James Angleton (Cavaleiro de Malta); o arquiteto do calendário gregoriano Christopher Clavius; ex-Secretário do Interior Walter Hickel (Cavaleiro de Malta); ativista trabalhista John Corridan; o cientista Louis Bernard Castel; autor James Martin; o matemático Andrés Tacquet; ex-senador Rick Santorum (Cavaleiro de Malta); líder político belga e oficial da SS Leon Degrelle; o artista Andreas Pozzo; ex-Inspetor Geral do Departamento de Defesa Joseph Schmitz (Cavaleiro de Malta); o poeta Robert Southwell; e o ex-Secretário de Energia dos Estados Unidos James D. Watkins (Knight of M

Posfácio

Já se passaram quase mil anos desde que Hassan-i-Sabbah supervisionou pela primeira vez seu quadro de elite de *Hashishin* altamente treinados e altamente doutrinados de sua fortaleza na montanha em Alamut, inaugurando um reinado dinástico de terror que durou menos de apenas duzentos anos. E já se passaram quase 250 anos desde que a presença mercurial de Adam Weishaupt entrou e saiu de seminários e lojas secretas à luz de velas para inaugurar o que pode ser a mais longa história de cachorro peludo em execução simultânea do mundo, ou uma ameaça tão substancial à liberdade global que o ser humano mente preferiria manter a cabeça na areia em vez de lidar com suas ramificações. Desde aquela época, o mundo tem sido batizado tanto em sangue quanto em paz repetidas vezes; visto o estabelecimento de novas nações, novas ideologias, novas fés, guerras mundiais e o desenvolvimento de armas e doenças que poderiam significar o fim da existência da raça humana como a conhecemos; e no cerne de cada cataclismo, nomes ocorrem e reaparecem em configurações estranhas e misteriosas, uma escrita cuneiforme que só o tempo e uma pesquisa dedicada podem decifrar.

Dizem que quando o psicólogo suíço Carl Jung leu pela primeira vez o praticamente impenetrável e sem sentido *Finnegan's Wake*, de James Joyce, ele comentou que "este é um exemplo de doença mental grave ou um grau de saúde mental inconcebível para a maioria das pessoas". E para milhões de pessoas, a analogia pode ser estendida à ideia de sociedades secretas; ou eles são um exemplo fértil da imaginação humana paranóica para distorcer e distorcer a coincidência em um grau absurdo, ou são um subproduto da capacidade da imaginação humana de distorcer, distorcer e controlar a sociedade humana em um grau incompreensível para a paranóia e o absurdo. Vez após vez, nomes, eventos e ocorrências ocorrem tão próximos uns dos outros que tornam o fator de coincidência uma improbabilidade virtual; e repetidamente, a pessoa comum atribui a essas confluências a propriedade mágica de "coincidência", demonizando os crentes como excêntricos paranóicos e engolidores crédulos de uma marca dissociativa de óleo de cobra.

Não há dúvida de que algumas das descrições mais fantasiosas dessas sociedades são, sem dúvida, invenções da imaginação do autor e invenções altamente lucrativas. Mas além do absurdo fútil de certas alegações (a noção de uma dinastia de híbridos reptilianos/humanos metamórficos responsáveis pela

infiltração de todos os mecanismos sociais concebíveis desde tempos imemoriais instantaneamente vem à mente), a questão muito real quando confrontada com a plausibilidade de detalhar sociedades secretas é melhor resumida pela pergunta, quem ganha? O autor, que enfrenta a probabilidade distinta de uma vida inteira de ostracismo, ridículo e marginalização por ousar 'sugerir' que pode haver figuras que podem ganhar e historicamente *ganharam* pelo exercício não criterioso de controle, nepotismo e influência e que perpetuaram uma visão de longo alcance e um esquema desse controle e estão dispostos a sacrificar a vida de outras pessoas para garantir que o controle permaneça consolidado para sempre? Os arquitetos desse controle, cujos movimentos estão sempre sob escrutínio, sendo figuras públicas que continuam a existir em uma era de privacidade reduzida? Os sujeitos desse controle, que consciente ou inconscientemente trocam liberdade pessoal e liberdade de pensamento e expressão em troca de uma ilusão de segurança? Ou a mão invisível que, por sua própria imperceptibilidade, obtém lucro e poder em plena esfera pública de acordo com os antigos desígnios de ganância e autoridade?

Muitas vezes me perguntam se considero ou não o assunto das sociedades secretas com um grão de sal. Eu normalmente respondo não; mas é provável que eles *me* levem com um grão de sal. O que quero dizer com isso é que, apesar da ameaça de exposição pública de vários lados, tanto politicamente ou religiosamente não sectários quanto sectários, esses mesmos arquitetos de controle e dominação continuam a agir impunemente, cumprindo projetos tão descaradamente e previsivelmente como qualquer thriller de Hollywood mal roteirizado. Não é que eu acredite que eles ignorem críticas ou exposições; é só que eu acredito que eles se tornaram tão habilmente capazes de dominar a desinformação e a falta de comunicação que até mesmo a crítica, a exposição e o clamor público generalizado podem ser facilmente distorcidos e distorcidos para serem enxertados em seus esquemas para atender aos seus melhores interesses.

Como mencionei anteriormente na introdução, a noção de sociedades secretas não é mais um fenômeno nitidamente subterrâneo; mas, novamente, nunca *foi*. Não apenas muitas das chamadas organizações "sombra" operaram abertamente, mas alertas sobre suas ameaças apareceram desde pelo menos o século 18. O que mudou foi a percepção pública dessas ameaças. A sociedade secreta está agora desfrutando de um prestígio semi-irônico na cultura popular, com inúmeros filmes, romances, músicas e sites da internet celebrando (muitas vezes presunçosamente e freqüentemente superficialmente) o conhecimento dessas entidades com todo o abandono livre e autoconsciente piscando e cutucando um tem vindo a esperar na era digital. Eu digo, "semi-ironicamente" porque esses mesmos fornecedores de chique Illuminati parecem jogar

direto para as manobras e projetos daqueles barões do poder que eles escolhem descartar alegremente como nada mais do que uma declaração de moda.

No extremo oposto do espectro, a explosão de popularidade do assunto gerou uma infinidade de livros; alguns meticulosamente pesquisados, alguns novos e alguns fundamentalmente preconceituosos. O que levou a uma grande questão: se essas organizações são tão poderosas, por que os autores dessas denúncias ainda não morreram?

A resposta é simples; a maneira mais crítica de desviar os argumentos de seu oponente é denegri-los. Silenciar seu oponente não sufocará seu argumento; mas, ao ridicularizar esse argumento, você deixa claro (através de uma curiosa reviravolta da lógica) que a discordância com a sua própria nada mais é do que uma causa de humilhação pública. E a humilhação pública é normal para essas organizações.

Minha posição pessoal sobre o assunto é que existem, de fato, elementos fora de nosso controle consciente que buscam manipular informações e a opinião pública para melhor atender às necessidades de uma autoridade que busca consolidar o poder através do processo de globalização e do silenciamento direto de opiniões divergentes. Quanto à motivação por trás dessas entidades, não acredito que sejam necessariamente exclusivas de uma determinada ideologia política, cultural ou religiosa, mas são muito mais abstratas em sua perspectiva, buscando o poder por si só. Minha opinião pessoal é que atualmente estamos vivendo em um mundo onde a liberdade de expressão e de subsistência estão sendo ameaçadas por essas mesmas entidades, e é dever distinto de qualquer um que possua o menor resquício de consciência combater essas entidades por todos e quaisquer meios. necessário.

Não pretendo que este seja o primeiro ou o último livro a ser escrito sobre o assunto. Não pretendo que, em algum momento, um pesquisador muito mais capaz não componha um trabalho que não apenas será documentado de maneira muito mais resoluta, mas também fornecerá evidências irrevogáveis da existência dessas sociedades e dos perigos que representam para os próprios fundamentos do mundo como o conhecemos. Não apenas não finjo isso, mas espero e acolho isso ativamente. A lã só pode ser puxada sobre os olhos por tanto tempo até que alguém acorde. A mentira pode seduzir docemente por enquanto, mas seu pescoço acabará sendo perfurado pela verdade.

E como a liberdade, a verdade, como muitos homens mais sábios observaram, é uma espada de dois gumes.